

C. 40 1/2. au verso de la 1^{re} page
F. Helisario Soares de Souza

U offeres
F. De
Senado

NOTAS

DE UM

VIAJANTE BRASILEIRO

~~12-2-2~~



12-2-2

Rio de Janeiro

B. L. Garnier—Livreiro-Editor

71 Rua do Ouvidor 71

1882

1914
5429
1882

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número

7.243

do ano de

1946

AO LEITOR

Conheço a benevolencia dos amigos em trabalhos litterarios, para não comprehender que a sua opinião não me exime de excusar-me perante o publico por trasladar para aqui artigos destinados ás paginas ephemerias do jornalismo.

Não me pertence nem mesmo a lembrança de escrever os folhetins que o *Jornal do Commercio* publicou ; o proprio titulo, que lhes conservo, foi dado pelo seu digno redactor em chefe. Entretanto, vão agora reproduzidos taes quaes, sem mudança nem alteração.

Si algum favor obtiveram do publico, devo attribuir á expontaneidade do trabalho, á nenhuma preocupação de effeito, á isenção e franqueza com que me enunciei sobre assumptos os mais variados. Nas impressões de viagem os generos estão de tal modo batidos, desde o solemne das longas e interminaveis descrições da natureza, dos monumentos, das obras d'arte, das citações e reminiscencias historicas, até o humoristico, em que se aproveitam os menores incidentes e a personalidade do escriptor apparece em cada linha, que é difficil pensar siquer em escrever *notas de viagem*. Tambem nenhum plano me tolhia a liberdade. Comecei por uma idéa geral de um passeio á Europa para quem vem do Brasil ; tomei depois algumas questões destacadas, sem attender ao logar em que me achava ; assim me occupei da situa-

ção dos partidos políticos em França, da industria saccharina e os seus impostos alli e no Brasil, das camaras legislativas francezas, etc. Parecendo este assumpto grave para folhetim, tentei descrever as ultimas excursões que havia feito, uma pelo norte da Italia, atravessando o S. Gothardo e a outra á Belgica. Nessa occasião a necessidade de voltar ao Brasil, encurtando o prazo projectado para minha demora na Europa, obrigou-me a resumir e a tornar á anterior aridez.

A minha volta interrompeu o plano, que, á medida que escrevia, começava a traçar ; a noticia da propria viagem á Belgica ficou em meio. Não tive animo nem disposição para concluir-a d'aqui. Seria singular escrever *notas de viagem* quando estava ella finda. Um assumpto, que omitti, era de actualidade para o jornalismo eu havia examinado na Europa alguma cousa sobre o commercio de café. Em Antuerpia estive em estabelecimentos, que alli denominam fábricas de café, onde se recebe esse genero, na maior parte do Brasil, e onde grande porção de operarios, na quasi totalidade mulheres e crianças, se empregam em escolher e separar os grãos pretos e estragados, desfazendo assim as misturas com que os nossos ensacadores mais aggravam o defeito com que o producto vem das fazendas.

Quando procuramos crear industrias novas e proteger o trabalho nacional, nem ao menos aperfeiçoamos os generos que produzimos e os exportamos, para serem beneficiados nos mercados consumidores. Observei que nenhum café, por mais misturado que estivesse, deixava

de ser cuidadosamente separado por qualidades, attendendo-se ao tamanho dos grãos e à côr.

Eu não teria visitado esses estabelecimentos, que os donos subtraem aos olhos profanos, como alias fâzem quasi todos os fabricantes na Europa, sem os bons officios dos Srs. Eduardo e Victor Pécher, outr'ora residentes no Rio de Janeiro e hoje naquella cidade. Não posso deixar de render os devidos agradecimentos a tão distinctos cavalheiros pela sua amabilidade e obsequios durante a minha estada em Antuerpia.

E já que faço esta menção, menos me é licito olvidar o nome do Sr. A. Durieux, nosso guia e nosso hospede na Belgica. O Sr. A. Durieux é o director da importante associação da Dyle & Bacalan, que tomou a empreza da estrada de ferro do Paraná. A posição que occupa na industria belga, as suas extensas relações e a consideração que lhe votam os grandes industriaes do paiz, o fazem um guia excepcional. Mais que tudo isto, porém, é nelle sem par o tracto, o desejo de obsequiar, a inalteravel amabilidade, que jámais se desmente nem com o tempo, nem com as exigencias da curiosidade de quem só se preoccupa com examinar e observar tudo. Durante quasi um mez que estivemos na Belgica, o Sr. Durieux não nos deixou um momento, e mais teriamos visto, si nós mesmos não puzessemos termo ao passeio, dispensando o nosso amabilissimo companheiro, alias sempre disposto.

Dirigindo uma importante fundição em Louvain, um grande estabelecimento de construcção naval em Bordeaux, tendo a administração da associação a que me re-

feri, com obras variadas e emprezas em diversos paizes, não só da Europa, como fóra della, entre as quaes, a nossa estrada de ferro do Paraná, residindo em Paris, tendo a familia em Aix-la-Chapelle, o Sr. Durieux acha oportunidade para tudo, tudo fáz sem esforço apparente, a tempo e á hora. E' inalteravel a sua affabilidade, tanto nas grandes e fatigantes excursões, como na hospedagem na propria casa, onde sua estimavel e digna consorte e filhos nos receberam e agasalharam com perfeita cordialidade (*).

Era, porém, da propria França que eu mais desejava occupar-me pela grande influencia que exerce sobre nós. Quantas questões importantes sollicitavam-me a attenção! a instrucção publica, o ensino livre, os methodos seguidos, os seus resultados, a organização dos tribunaes, o jornalismo, o theatro, o movimento litterario. Quantas questões commerciaes, financeiras, industriaes, administrativas!

Infelizmente os leitores no Brasil são esquivos. Tolerariam elles tantos assumptos e uma collecção ainda maior de *notas*?

Tudo depende do modo de escrever. Assim, outro mais feliz, dispondo de melhores meios e de mais tempo, possa tentar a empreza.

Rio de Janeiro, 15 de abril de 1882.

(*) No logar competente refiro que esta viagem á Belgica fiz em companhia do nosso distincto patricio o Sr. Dr. F. Pereira Passos, nomeado depois representante da companhia « *des chemins de fer brésiliens*, » pelo conhecimento mais intimo que das suas qualidades teve o Sr. Durieux durante o nosso passeio e convivencia.

NOTAS

DE

UM VIAJANTE BRASILEIRO



I

O fim do outono,—A primavera e os passeios de verão.—O exodo das cidades para o campo.—Incommodo da multidão.—Os « turistas. »—Os hotéis.—O lago dos Quatro Cantões, o Righi e a sua estrada de ferro.—Petropolis; as nossas cidades das montanhas.—As celebridades medicas de Paris.—O uso das aguas mineraes.—As cidades de *villeggiatura* em França.—Abusos dos superlativos; necessidade de andar prevenido com o modo de fallar dos francezes.—Uma tarde em Aix.—O lago de Bourget; recordações de Lamartine.—As horas de jantar em França e na Allemanha.—Volta aos habitos dos nossos maiores.

PARIS, OITUBRO DE 1880.

Paris vai tomando o aspecto ordinario da primeira cidade de prazer do mundo. Os theatros estão abertos e apresentam novas peças para a estação do inverno. Nota-se a animação por toda a parte; mas, comquanto os jornaes nos dêem os nomes dos principes, dos duques, grão-duques e archidukes que chegam,

a sociedade verdadeiramente elegante ainda não fez de todo a sua entrada.

Acabados os passeios do verão, toca a vez das casas de campo, dos castellos, das caçadas, ao que tudo o gosto, as necessidades variadas da vida, e mais ainda a moda, a imperiosa moda, não permite se falte. Para o homem de boa sociedade, caçar é tão indispensavel como qualquer dos habitos mais indeclinaveis da existencia. Para as senhoras ha os saráos, os passeios de carro e a cavallo, a exhibição das *toilettes*, a *flirtation*, etc., para não descer mais no capitulo da galanteria nem das frioleiras femininas, que lhes occupam a vida, e a nós nos prendem, seduzem, e ora nos elevam e encantam, ora abatem e desesperam com igual vicissitude.

Quantas, porém, ao approximar destes dias sombrios, chuvosos, já bastante frios, não se aborrecem nos vastos salões dos castellos, e não suspiram pela volta a Paris, para este turbilhão de divertimentos, para esta grande capital da moda e dos prazeres! Mas é ainda a moda que as retém; *le bon genre* assim o exige, e ás exigencias dessa lei ninguem escapa.

E a bella estação, cumpre confessar, está acabada. Como corre rapida, esplendida, mas veloz, nestas regiões! Como não adoral-a, não entregar-se de corpo e alma a todo o inebriamento desse despertar magnifico da natureza, que surge e desaparece n'um momento!

Pouco antes, e pouco depois dos dias quentes e abafados de um breve verão, estão as duas quadras mais bellas, e tão passageiras quão bellas, destes climas. A mesma rapidez augmenta-lhes o encanto e o desejo ardente de gozal-as em toda a plenitude. Também ninguém resiste. As mudanças bruscas, accentuadas das estações, determinam toda a diversidade e modificações no sentir, no trajar e no viver da sociedade. Apenas desponta a primavera, a vontade de passeiar, de fugir das cidades, de viajar, de contemplar a natureza, é intensa : todos os que podem retiram-se.

Para nós, habitantes do sul da America, este exodo das grandes cidades, as ondas enormes de povo que invadem e espalham-se por todos os logares de *villeggiatura* no littoral ou nas montanhas, é um espectáculo sorprendente. A multidão é mesmo um embaraço, e quasi sempre um dos contratempos e aborrecimentos dos passeios para quem segue a róta batida dós « turistas » e dos viajantes. E' preciso parar ás vezes em algum canto tranquillo, e renunciar ás excursões mencionadas nos guias de viagens, para gozar um pouco de tranquillidade, e ver-se a gente livre do borborinho incessante que por toda a parte nos persegue e atormenta.

Tome-se qualquer dos trens que partem de Paris : a multidão é enorme ; ella vos acompanhará por toda

a parte, incommoda, turbulenta e brutal. Quer viajeis em estrada de ferro, em vapor nos rios ou lagos, em diligencia, sempre o mesmo atropello. Não se creia que exageramos o incommodo. Nas estradas de ferro é preciso chegar antes da hora, fazer *cauda* para comprar bilhete e despachar a bagagem. Por mais que nos apressemos, já os wagões estão cheios, os melhores logares tomados. Na estação da chegada é ainda preciso andar ligeiro para achar logar no *omnibus* do hotel, e neste para encontrar e escolher bons quartos. E' uma obsessão que afinal desespera.

Chegais a uma cidade, ides ver as curiosidades mais notaveis. Não é de admirar que os vapores, carros, diligencias, tudo vá cheio ; que os hoteis, e *restaurants* se achem abarrotados ; mas ides ver depois uma cousa insignificante, um ponto de vista no pinCARO de uma montanha de difficil accesso, uma cascata em miniatura com longo e fastidioso caminho, a mesma multidão ! São cincoenta, oitenta, cem « turistas, » que vão á mesma hora ver os mesmos objectos.

Chegando-se a Strasburgo, recommenda o guia que se vá antes da hora á cathedral para tomar logar, afim de ver o celebre relógio dar meio-dia. Já tinhamos estado na cathedral e visto o largo espaço onde se acha o relógio. Como ! pois será possível que haja todos os dias gente bastante para encher este vasto lo-

cal; tantos curiosos para ver cantar o gallo mecanico e apparecer a figura do Christo abençoando os apóstolos? E tinha razão o guia. Ao meio-dia a larga nave lateral da immensa cathedral estava apinhada. Apre! O relógio é em si uma obra admiravel; mas o cantar do gallo, e o apparecimento das figuras representando o Christo e os apóstolos, são cousa bastante frivola para excitar tamanha curiosidade.

Nos pontos predilectos das excursões na Suissa, por exemplo, quem não viaja só, e portanto se contenta com qualquer quarto em qualquer hotel, precisa muitas vezes expedir telegrammas para obter bons aposentos. Este modo de viajar tem, entretanto, contratempos consideraveis: tomam-se, assim, uns ares de nababo, de principe, de lord, e crescem enormemente as contas. E que arte de fazer contas! E' uma curiosidade percorrer as parcellas. Todos os innumerados e immensos hoteis, porém, estão cheios, e por toda a parte.

N'uma pequena cidade de aguas, das mais pittorescas, o guia nos dava uma lista immensa de hoteis e outra ainda maior de « pensões », e concluia: « Si afinal em todas estas não se achar aposento, pôde-se resolutamente bater em qualquer casa sem receio de indiscrição, pois não ha talvez duas que não recebam hospedes. » Ha annos chegavamos a Londres justamente na boa estação; precisavamos de tres ou quatro

peças contiguas, sala e quartos. Debalde percorremos meia duzia dos maiores hoteis, e afinal nos sujeitámos a tomar commodos em diversos andares. Entretanto haviamo-nos dirigido a hoteis de quinhentos, seiscentos e setecentos quartos!

Em regra geral, ha excellentes em quasi toda a Europa; póde-se mesmo dizer que em qualquer cidade, excepção feita das grandes capitaes, todas as casas de apparencia sumptuosa são hoteis. Na Suissa ha verdadeiros palacios, de asseio e conforto irreprehensíveis. E' verdadeira surpresa subir aos pincaros os mais elevados e agrestes dos Alpes, chegar a insignificantes aldêas nas passagens habituaes dos « turistas, » e encontrar, ao lado de pobres cabanas, esplendidos hoteis em palacios monumentaes.

Ha cerca de doze annos viajámos a Suissa, e voltando agora aos mesmos logares, o numero dos hoteis havia crescido em toda parte, nas margens dos lagos e nas mais elevadas paragens das montanhas. E' este o lado util da concurrencia de viajantes, que permite gastos que, dadas outras condições, seriam extravagantes.

Naquelle época admirou-nos encontrar nos lindissimos lagos da Suissa e da Italia vapores os mais ordinarios e primitivos, assim uma especie desses que na nossa formosa bahia de Guanabara fazem a viagem do Barreto e da Piedade. Quão differentes das

elegantes e confortaveis embarcações que sulcavam então os lagos da Escossia ! Hoje tudo está transformado. Só nos lagos da Saboia ainda se encontram especimens de taes vapores.

O exemplo mais extraordinario dos effeitos da concurrencia, das obras que se executam, dos capitaes que se despendem com o fito nos « turistas » do verão, é o que offerece o Righi, muito conhecido dos nossos patricios que têm viajado a Europa. O Righi é uma montanha isolada que se eleva bruscamente a mil e oitocentos metros de altura, perto de Lucerna, na margem do famoso lago dos Quatro Cantões, na opinião geral o mais bello da Europa, sinão do mundo, si é permittida essa amplitude de expressão á norte-americana.

O panorama que do alto dessa montanha se offerece ao espectador, maravilhado perante um dos quadros mais deslumbrantes da natureza em toda a sua magnificencia, é esplendido. Embaixo da montanha, e tão a pino que os mais pequenos pormenores se distinguem, estão os tres lagos, o dos Quatro Cantões ou de Lucerna, o de Zug e o de Lorenz, com suas aguas azues, de um azul tão annilado quanto o do firmamento transparente e profundo, que lhes fórma a abobada celeste. Ao longe, do lado da França, a vista só é limitada pela propria impotencia e pela dos instrumentos que a auxiliam, e começando no

verde-esmeralda daquelles prados viçosos e infinitos, matizados de lagos, de bosques, de casas, aldêas e cidades, vai afinal confundir-se no vago e indeciso do horizonte. Do lado dos Alpes, que estão proximos e se estendem até onde os olhos podem alcançar, a immensa cordilheira apresenta-se em toda a magestade de sua sorprendente grandeza. Dalli descortinam-se os cimos coroados de neves eternas, e toda a successão de cumiadas gigantescas e pinaros alcantilados, de fórmias as mais variadamente caprichosas que imaginar-se póde.

Bellezas tão excepçionaes, justamente n'um dos pontos mais frequentados, como é o lago de Lucerna, não podiam ficar inexploradas. Em 1873 abriu-se ao publico « turista » uma estrada de ferro para levar os viajantes ao cume da montanha, aos excellentes hoteis daquellas alturas. Da estação na margem do lago de Lucerna (ha tres differentes estações iniciaes) ao cimo, a estrada de ferro percorre apenas uma extensão de sete kilometros para alcançar uma elevação de mil trezentos e dez metros. E' a metade em extensão da nossa estrada de Petropolis, na serrá da Estrella, e o duplo quanto á altura. Essa nossa estrada de rodagem tem treze kilometros de extensão, e o seu ponto culminante está a oitocentos e cincoenta metros acima do nivel do mar. Mas a estrada do Righi se dirige a um pico arido, onde apenas ha sete ou oito edificios, to-

dos hoteis. Não se vai alli sinão ficar um ou dous dias; ninguem o procura como refrigerio ao calor e abrigo contra as emanações palustres de uma capital insalubre. E, entretanto, aquella estrada apenas se revelou praticavel e um engenheiro expoz o plano, em algumas horas subscreveu-se o capital e ella fez-se rapidamente.

Naquelles hoteis podem, dizem, pernoitar de uma vez duas mil pessoas, e, não obstante, precisa tomar aposento com antecedencia quem não quer expor-se ao risco de voltar no mesmo trem.

Uma das vezes que alli subi, em meados de setembro, havia chovido na vespera e a temperatura baixára muito. Ao acordar de manhã, o thermometro descêra abaixo de zero, gelava e a neve cobria todo o cimo da montanha ao redor do hotel. Estava mal preparado para tão baixa e extemporanea temperatura, e não houve espectáculo, por mais grandioso, que me fizesse demorar, nem mesmo o almoço: tomei o primeiro trem e corri a procurar calor.

A estrada de ferro é muito conhecida. São tres trilhos de ferro, dous como ordinariamente, onde assentam as rodas dos carros, e um central, constituido por duas barras de ferro parallelas e proximas, ligadas por pequenas travéssas formando uma larga dentadura plana (*crémaillère*) em que se engatam os dentes da roda propulsora da locomotiva. O maximo

da inclinação é de 25 % (nos Estados-Unidos ha de 33 % em Washington Mountain). A estrada não fórma trechos regulares, procurando planos de nenhuma ou de pequena declividade, em que, dispensada a roda dentada, podesse subir mais rapidamente; vai subindo 3, 5, 8, 10 até 25 %, á medida que se offerecem as desigualdades do terreno; não contorna nem evita difficuldade alguma: é como uma das velhas estradas de Minas a subir e a descer em linha recta, morro abaixo e morro acima. Bem entendido, no Righi nunca se desce; mas os declives maximos e minimos succedem-se bruscamente, e repetem-se em sentido desencontrado.

Devido principalmente a esta circumstancia, que faz não poder dispensar o trilho central, gasta-se uma hora e vinte minutos para percorrer os sete kilometros. Tambem duvido que alguem ache o tempo excessivo, preoccupados, como vão todos, na admiração do mais sublime e variado painel que a natureza, como um vasto theatro de proporções colossaes, vai descortinando aos olhos extasiados do viajante.

Um dos espectaculos que desperta grande curiosidade no Righi é o nascer do sol. Levanta-se elle cedo no verão, e nem por isso deixam de ser ás vezes bastante frias as manhãs. Não importa; áquella hora matutina os incansaveis « turistas » estão ás duzias no mirante, á espera de ver surgir o sol, mais atten-

tos do que os irmãos das lendas romanas, quando da prioridade lhes deveria caber o imperio do mundo.

Pois bem, todo este movimento que acabamos de descrever, essas multidões que deixam as cidades e espalham-se por toda a parte, como piracemas nas cheias dos nossos rios, obedecem mais a um habito, a um desejo de admirar a natureza e gozar das suas galas do que a uma verdadeira necessidade. Quão diferentes as condições do habitante da nossa capital, e quão diverso é, entretanto, o seu viver!

Raro habitante do Rio de Janeiro procura esquivar-se por algum tempo aos ardores caniculares do nosso sol implacavel, e ás entoxicações do ar viciado nas ardentias do verão. E quantas facilidades se lhe offerecem, quantas maiores se creariam com outros habitos e outro systema. Petropolis, Theresopolis, Friburgo, Juiz de Fóra, Barbacena, Baependy, etc., ainda aguardam o seu futuro, que não póde reduzir-se a receber alguns convalescentes das sezões de serra-abaixo. Apenas Petropolis reúne uma escassa sociedade, pequena e sempre a mesma.

Está bem visto que a boa sociedade, que todos os annos deixa os grandes centros, não vai percorrer os mesmos sitios e fazer excursões de « turista. » Os seus pontos predilectos de reunião são as cidades chamadas de aguas, onde se vai o mais das vezes a pretexto de tratamento. Não ha quem julgue poder dispensal-o,

e na verdade ninguem está isento de alguma pequena enfermidade, para a qual as aguas são santo remedio.

Os medicos, si não crearam, acoroçaram notavelmente esta tendencia geral, que se tornou verdadeira mania. Digo os medicos, mas refiro-me á classe dos consultivos, á grande industria dos mimosos da fortuna que tornaram-se celebridades. Para estes a clinica não existe; a consulta é a grande fabrica de luzes que lhes cahem nas algibeiras nessas poucas horas, mais abundantes do que a nós as gottas de suor nos mezes de janeiro e fevereiro.

Por maior que seja a sciencia de taes doutores, e estou muito disposto a jurar nella, maior é a sciencia do apparatus, a que o vulgo, o grosseiro vulgo, denomina charlatanismo. E' preciso vir a estas grandes capitaes para conhecer como esta sciencia, esta verdadeira, profunda e lucrativa sciencia, medra e prospera. Aqui o mais insignificante medico ficaria deshonorado si recebesse immediatamente o cliente. Ainda que esteja só, deixal-o-ha esperar pelo menos uma hora, sinão duas, para fazer crer que está attendendo a uma grande multidão.

Ide ao consultorio de certo doutor da moda. Para tornar favoravel o criado que vos abre a porta e designa a sala em que tendes de esperar, lhe introduzis furtivamente nas mãos dous francos, o que elle agradece

com a gravidade e deferencia de quem recebe igual esportula de tolos, e com a consciencia de que a todos presta o mesmo serviço, que é nenhum. Temos visto alguns de tal gravidade e respectabilidade, verdadeiramente dignas de um subdito fiel e reverente de S. M. I. e R. da Grã-Bretanha, que olhamos sem animo de tirar do bolso as miseraveis moedas. Um gesto sempre grave do personagem, mas bem significativo, vem logo mostrar que o estylo é aquelle. Podeis dar affoutamente e bem certo igualmente que nada adiantareis.

No fim de boa espera, vai-se á presença de outro personagem assentado diante de um grande livro. Não é certamente a nossa celebridade doutoral: mas quem será? E' o guarda-livros ou caixeiro, que vos perguntará pelo nome e morada, afim de vos avisar o dia e hora em que o doutor, o mysterioso doutor, o *deus absconditus*, concederá a solicitada consulta. Não ha reclamar que se tem pressa, que se deseja partir. Todos os anteriores clientes se devem reputar nas mesmas condições, e o seu numero é tão grande como o das estrellas do céu e das arêas do mar. Quinze dias depois, quando estais desacorçoado, recebeis um telegramma marcando-vos o dia e hora da consulta. Podeis ficar certo que sobre cem casos noventa e nove devem seguir um tratamento de aguas, e o nosso Esculapio polidamente vos recommendará, mediante um

simples bilhete de visita, a um collega, outra celebridade, residente em Luchon, Aix, Vichy, Etretat, Royat, etc., etc., etc., pois em qualquer parte desta abençoada França ha aguas capazes de curar todas as enfermidades do mundo.

A estatistica do estabelecimento balneario de uma destas cidades dava a média de tres mil e quatrocentos banhos diarios! Quantos doentes sahiriam curados?

Os francezes gostam pouco de deixar a França; quando sahem das grandes cidades, ficam no proprio paiz. A franceza sobretudo não tem o gosto das excursões á moda das inglezas e norte-americanas. Entretanto, nas cidades de *villeggiatura* em França todas se entregam aos mesmos passeios, e, mais, a festas, bailes, saráos, uma roda viva apropriada sem duvida ao descanso e repouso do campo. E' preciso notar que em muitas destas cidades o calor no verão é mais forte do que em Paris. Nada, porém, as desanima, e depois de um dia abafado, longo, passado em cavalgatas, ascensões e excursões de toda a sorte, a noite emprega-se nos cassinos, nos bailes, em quantos divertimentos ha. E' digno ver-se uma partida de mcças de volta de uma excursão do dia inteiro, coradas, cheias de flores por ellas colhidas, com toda a expressão e particular encanto que dá a satisfação e o contentamento. Oh! tudo era es-

plendido, *charmant, ravissant, éblouissant, féérique!* E' preciso andar prevenido com a linguagem dos francezes, e mais ainda das francezas, para não cahir constantemente em illusões e verdadeiras ciladas. Vá alguém fiar-se em taes descripções, tomar um carro, subir, subir, subir até onde só em asnos se póde chegar e depois ainda um grande trecho, a pé, para alcançar debaixo de sol ardente um tal ponto de vista maravilhoso... Vá tomar um vapor desconfortavel, abarrotado de povo, e passar o dia inteiro a navegar com calor verdadeiramente brasileiro...

Os guias mantém o mesmo engano. Os superlativos estão de tal modo esgotados, que o verdadeiramente sublime, incomparavel, se confunde em suas descripções com o mediocre. Na conversação sempre o mesmo abuso do superlativo, a unica fórma de adjectivo que se emprega. Na linguagem ordinaria uma franceza teria de dizer-vos: « *J'aime ce beau pays; j'aime mon père; j'aime mon frère; j'aime mon fiancé; j'aime les pommes de terre.* » Nós diriamos:—Aprecio este bello paiz; estimo meu pai; quero bem a meu irmão; amo meu noivo; gosto de batatas.—Não pensem, porém, que a franceza vá fallar seccamente como uma grammatica. Ella dirá: « *J'aime mon père, j'aime mon amant et j'adore les pommes de terre!* »

E as nossas patricias daqui, mesmo em portuguez, estão fallando pittorescamente deste modo.

Assim como adoram as batatas, vos dirão logo depois : « *Cette viande est abominable, ces fraises sont atroces, ce pain est exécrationnel.* » E fallando de si mesmas : « *Je suis d'une humeur massacrant.* » Podeis ficar socegado, vossos dias não correm perigo, e só vossa tranquillidade ; pois, com o humor de vos assassinar, as francezas vos seduzem e encantam, como muitos terão tido a experiencia.

Quantas vezes fizemos excursões de nenhum interesse, levado pelas descripções das nossas companheiras de hotel e pelas dos nossos guias. E não podiamos deixar de fazel-as, pois muitas, descriptas nos mesmos termos, eram arrebatadoras. Assim, depois de um dia quente, estando em Aix, na Saboia, sahimos de carro para gozar a frescura da tarde nas margens do lago de Bourget. Subimos á collina de Tresserve, que acompanha o lago, tendo de um lado um extenso valle, e do outro, o lago, que o separa de uma altissima e escarpada serra. As longas horas da tarde, e nesta quadra do anno o crepusculo se prolonga indefinidamente com lentidão desconhecida na nossa latitude, são curtas para a contemplação de uma das mais bellas scenas da natureza. O sol, já meio occulto atraz da grandissima montanha, cuja base immerge no azul profundo do lago, communicava á pai-

zagem esse tom particular, suave e tenue, que a faz realçar. Do lado dos Alpes viam-se, ao longe, os altos serros cobertos de neve, e a longa planicie de Chambéry se destacava em plena luz, cercada de suas montanhas elevadas e dos mais variados contornos. As reminiscencias de Lamartine revestem estas scenas de sua melodiosa e mystica harmonia. E' aquelle lago que elle cantou na celebre poesia desse simples nome, e que ninguem ignora. Alli passaram-se as scenas vaporosas do Raphael, que fallam tanto ás imaginações de vinte annos, que não nos animamos mais a reler n'outra idade, receiosos de apagar o deileite de tão gratas recordações.

Quando chegámos ao hotel era noite. Pois não de crer que nesta quadra do anno, justamente ás seis horas da tarde, quando uma frescura reparadora succede ao ardor de um longo dia de estio, quando o tardo crepusculo veste a natureza do tom o mais agradavel, é quando os hoteis e « pensões » estabeleceram a hora do jantar! Prefiro o systema da Allemanha. Nas margens do Rheno e na encantadora Floresta Negra não se commette este sacrilegio. Ás oito horas da manhã, café com leite e o infallivel mel de abelhas. Quasi as *molles castaneæ et magna copia pressi lactis* do poeta bucolico. Ao meio-dia, ou uma hora, jantar; ás oito da noite, ceia. O que não approvo é a quantidade de cosidos da mesa allemã, e as com-

potas e doces servidos com os assados, do que tudo comem com o mesmo appetite pantagruelico com que enguliram os cinco milhares de milhões da França.

Ha patricios nossos que se enthusiasmam pelo systema francez. Um me contava que nos dias grandes de verão mandava cerrar as janellas, e correr as cortinas para fazer noite e accender os lustres. Ora, que n'uma casa do centro de Paris ou de Londres, dando a sala de jantar para um pateo sombrio e tristonho, d'onde recebe insufficiente luz, se prefira a das velas, comprehende-se; mas n'uma chacara nas Laranjeiras ou Petropolis, onde a sala abre directamente sobre o jardim, da mesa se vêem as flôres e pelas janellas entra franca a viração, lembrar-se alguém de jantar sempre á noite! O brilho das luzes á mesa tem sem duvida os seus encantos e as chispas douradas do generoso licor, que desferem os finos crystaes, possuem attractivos irresistiveis. Mas para isto se fizeram as ceias, menos succulentas, mais perfumadas, mais seductoras, e propicias aos brindes e á longa palestra.

Nem se jantou aqui sempre ás mesmas horas. No fim do seculo passado os convidados de Mme. Necker, a celebre mãe de muito mais celebre filha, desesperavam das horas tardias dos seus jantares, que eram ás quatro. Agora, depois que a *bourgeoisie* deu em jantar ás seis, a hora das mesas redondas em

todos os hoteis, o *bon genre* é jantar ás sete e meia e oito horas da noite. Assim, em Paris, a boa sociedade nunca se apresenta nos theatros antes das nove horas ou nove e meia. Assistir ao levantar do panno, á farça que precede os dramas, aos primeiros actos destes, á ouvertura das operas, é de um máo gosto burguez e escandaloso.

Mudados os nomes, a Europa está fazendo agora justamente o que fizeram nossos pais e avós. Tambem elles usavam de um almoço ligeiro, jantavam copiosamente ao meio-dia, merendavam (quem mais se lembra das merendas! são hoje um mytho) e ceivavam de garfo. Pois mudem-se os nomes, chame-se jantar e passe-se a sopa para a refeição do meio-dia, e ter-se-ha a mesma cousa. E' melhor mudar o nome do que chamar como aqui primeiro e segundo almoço, e haver sempre duvida si se falla do primeiro ou do segundo. Offereço esta transacção aos amigos dos costumes europeus, introduzidos a martello no nosso clima ardente, que forçosamente deve modificar os habitos sociaes. Os medicos, que nenhum interesse têm em ver seus clientes morrer de apoplexia, molestia abominavel que lhes encurta as visitas, deveriam proclamar que no Brasil a principal refeição convem ser durante o dia, bem distante da hora habitual do recolher.

II

Thiers e o governo republicano em França. — A prodigiosa prosperidade da França causa principal da aceitação e estabilidade da republica.— Impotencia e incapacidade dos partidos monarchicos divididos.— O partido legitimista. — O conde de Chambord : seu character integro, sua incapacidade para o governo. — Abdicação do partido orleanista : suas tendencias liberaes. — O bonapartismo perante o direito.—Enfraquecimento necessario desse partido pessoal. —Confusão dos beneficios do segundo imperio com a prosperidade natural da França.—A prosperidade actual mais notavel que a do imperio.

PARIS, OUTUBRO DE 1880.

Thiers, ministro do interior em 1832, referindo-se ás tentativas para estabelecer-se no seu paiz o regimen republicano, dizia : « A França, quando se lhe falla em republica, recúa aterrada ; ella sabe que este governo vai dar no sangue ou na imbecilidade. » Tal havia sido a opinião do fundador da terceira republica, daquelle que, achando-se á testa do poder, após as mais tremendas catastrophes, entendia que nessa grave conjunctura, sendo a republica o governo que menos dividia os francezes, era o unico possivel.

Dez annos depois a republica pôde considerar-se

geralmente aceita como governo estavel e definitivo. Si nos perguntassem ao que principalmente se deve attribuir este facto, certamente importante em uma nação que nos tempos modernos se tem revelado difficil de ser governada, tão impressionavel, tão mobil, diriamos que não se deve nem á pericia dos seus governantes, aliás não consideravel, nem ao descredito das opposições dynasticas, que, ao inverso de todas as opposições, com o tempo vão cada vez mais perdendo terreno. Nós o attribuiriamos á prodigiosa prosperidade da França em todos os ramos da sua actividade industrial, commercial, agricola e financeira.

Um pouco de paz concedida a este paiz extraordinariamente dotado, e eil-o a offerecer um espectaculo verdadeiramente digno de admiração, e, talvez, sem exemplo na historia. Os partidos monarchicos sentem a sua impotencia, e vêm-se obrigados a confessar que a maioria da França decididamente quer a republica, e, em desespero de causa, alguns monarchistas, mais partidarios que patriotas, já appellam para os excessos da republica, que esperam como um caminho para mudanças imprevistas.

Comprehende-se que em frente da republica se apresentasse um partido monarchico. Infelizmente, em logar de um partido de opinião, fortalecido pelas doutrinas e pelas vantagens deste systema de governo, existem tres de character quasi exclusivamente pessoal.

Os seus interesses não podem fallar á massa da nação, e os seus laços, sendo quasi puramente pessoais, vão-se affrouxando á medida que surgem outros interesses, e que desaparecem as personalidades ligadas a taes facções. Destes tres partidos dynasticos os dous de character mais pessoal são sem duvida o legitimista e o bonapartista.

O passado do partido legitimista não o recommenda muito ás sympathias dos francezes ; apenas o brilho da tribuna parlamentar, as lutas da eloquencia no tempo da restauração, o absolvem de uma condemnação formal e completa. E ainda ha pouco a questão da bandeira branca, de uma *candura* e ingenuidade incomparaveis, e não menos a do direito divino, isto é, a politica do throno e do altar, não eram proprias para angariar-lhe adhesões.

Não ha muito, um dos jornaes mais lidos nesta cidade fazia uma descripção seductora do retiro de Frohsdorf, onde reside o conde de Chambord, e admirava-se que sendo elle perfeito cavalheiro, fidalgo consummado, bom caçador, bom jogador de bilhar e de xadrez, os francezes o deixassem inerte naquelle retiro, quando têm alli á mão com que fazer a sua felicidade e a da França.

Eis como este jornal resumia a sua opinião, depois de falar das lutas intestinas do partido bonapartista :
« Esses debates pueris e singulares demonstram uma

vez mais quanto o bonapartismo se agita em falso. Não ha, não póde haver sinão dous principios de governo: ou admittir a soberania do povo, ou negal-a. Si admittimol-a, somos forçados a aceitar a republica, pela qual a maioria se pronunciou sem equivoco possivel. Si negamol-a, somos forçados a reconhecer um direito primordial, delegado pelos seculos a uma familia, que é o depositario incontestado do poder, e então somos legitimistas. Fóra dahi só ha perturbações, disputas ridiculas, polemicas sem objecto e sem sanção. »

Parece-nos mui difficil convencer a homens pessoalmente desinteressados que existe esse tal direito primordial, e que, uma vez interrompido, se deva restabelecer só por haver durado n'uma serie de reis, alguns bons, outros ignorantes, dissolutos, imbecis e despotas. E' natural que os partidarios sejam tão candidos como o chefe.

O partido orleanista tinha a vantagem de haver estado menos remotamente no poder, de ver apparecer na scena politica e no governo alguns dos seus nomes mais illustres; fazia reviver as reminiscencias de uma epoca prospera e livre da França moderna, e, sobretudo, representava mais um partido de opinião do que simples grupo de interessados em certo systema.

Os orleanistas são os representantes da monarchia

constitucional, tal como mais ou menos têm querido estabelecê-la as nações modernas nas suas trabalhosas incertezas sobre a melhor fórma de governo. Infelizmente os principes, representantes desse partido em França, aquelles a quem deveria caber a herança, si herança houvesse, acharam-se envolvidos na politica militante. Ou porque seja a instituição monarchica muito melindrosa, ou porque se basêe em ficções sub-tis, os seus representantes só devem apparecer sob a magestade do poder. Si se lhes toca todos os dias e a proposito de todos os negocios, o prestigio se evapora. Demais, como si a questão fosse meramente pessoal, estes mesmos principes renunciaram aos seus direitos em favor do representante legitimista.

Para o estrangeiro foi na verdade incomprehen-sivel a vitalidade, a pujança que apresentou o bonapartismo depois dos inauditos desastres e calamidades da França ao cahir o segundo imperio. Uma grande porção de homens politicos, que havia servido durante o imperio, e outra ainda maior, que delle havia recebido favores, nomeações ou distincções, julgou-se obrigada por estes laços. A mesma nação parecia confundir os beneficios do imperio com os dons que só provinham das grandes faculdades productoras da propria França.

Em principio, o bonapartismo é insustentavel. E' a autocracia que presuppõe na França a incapacidade

de se governar livremente, e a declara carecedora perpetuamente de tutor que a governe a seu alvedrio, que a conduza a guerras extravagantes desde Moscou até as margens do Ebro e do Tejo, ou ao Mexico, com a perspectiva de Waterloo si o autocrata é Napoleão I, ou de Sedan si é da estatura do segundo. Porque Napoleão I foi um genio e pôde convir á França ao sahir das convulsões da grande revolução, não se segue que tivesse de ser um heróe o infeliz principe que tão tristemente feneceu ás lançadas de uma tribu barbara da Africa, ou que venha a sel-o o principe Napoleão ou qualquer de seus filhos. A auto-cracia exige um homem verdadeiramente superior, mui difficil de encontrar.

Como partido, accentuadamente pessoal, era evidente que o bonapartismo, a não ter conseguido logo o poder por algum acto imprevisto e ousado, teria de ver suas fileiras rarearem-se de dia a dia. A paz de que tem gozado a França, e, mais que tudo, a sua espantosa prosperidade deu-lhe golpe profundo. Tudo quanto fez o segundo imperio, tudo quanto se observou de incremento nas rendas publicas, no commercio, na industria, em obras de todo o genero, tudo se tem feito nestes ultimos annos, apezar da horrorosa calamidade de 1870.

Si haviam de attribuir principalmente á propria França a prosperidade que ostentou de 1852 a 1870,

os bonapartistas exclusivamente a attribuíam ao imperio. A França na verdade ficára um pouco atrazada no grande movimento industrial que tem caracterisado o nosso seculo. Emquanto a Inglaterra já possuía as grandes fabricas, a França ainda conservava os apparelhos insignificantes e imperfeitos da pequena industria ; já as estradas de ferro se alastravam alli em extensões consideraveis, e ainda aqui o projecto das grandes linhas estava em estudo. Os tratados de commercio de 1860, obra do governo de Napoleão, deram sem duvida forte impulso ao commercio. Mas, como attribuir a Napoleão o resultado de todo o movimento agricola, industrial, commercial, maritimo, que se operou no seu reinado, quando havia chegado a época dessa immensa expansão do genio moderno em quasi todas as nações civilisadas ?

Entretanto, era este o argumento predilecto dos bonapartistas. Vem, porém, a republica ; e, apezar dos erros politicos, apezar algumas vezes da incapacidade, ou, pelo menos, da mediocridade dos depositarios do poder, o movimento ascendente de prosperidade se manifesta em todos os ramos da actividade nacional. Independentemente do augmento dos impostos, as rendas publicas attingem a algarismos que nunca se imaginaram, e, o que é mais significativo, sem que o paiz se mostre oberado ou acabrunhado por tão pesado encargo, antes revelando tal actividade na industria

e tamanha facilidade em satisfazer os tributos como não era licito esperar. Todos os serviços publicos foram dotados mais largamente, a marinha, o exercito, a instrucção e as obras publicas. O ultimo presidente do conselho de ministros (*) no celebre discurso de Montauban resumiu esta situação politica e financeira : « Em 1878, anno do começo, despendi cem milhões em obras publicas ; em 1879, duzentos milhões ; no anno presente, 1880, despendemos trezentos milhões ; no anno proximo futuro despendemos quatrocentos milhões ; em 1882, quinhentos milhões, e neste nivel nos conservaremos até o fim, que, segundo minhas previsões, será por 1890. » Falando da instrucção publica, o ex-ministro, que, comquanto mathematico, tem muito de imaginoso, precisa não esquecer-o, dizia : « Ao lado do desenvolvimento material, o desenvolvimento intellectual. Assim, derramamos largamente o ensino, a instrucção primaria tanto quanto a instrucção secundaria, a instrucção secundaria tanto quanto a instrucção superior. Esperamos que em alguns annos o cidadão que não saiba ler e escrever será um phenomeno impossivel de encontrar na republica franceza. » Finalmente dizia : « Enquanto fazemos tão enormes despezas, arrojamos a uma operação de outra ordem, que se poderia quasi qualificar de temeridade, e seria com effeito n'um

(*) O Sr. Freycinet.

paiz menos maravilhosamente dotado do que o nosso ; realizamos, em escala immensa, a diminuição dos impostos, isto é, as despesas ao mesmo passo que crescem parece quereremos diminuir as receitas. »

Qual tem sido o progresso das rendas publicas, quaes os impostos e as diminuições que se têm decretado, são assumptos tão interessantes e vastos, que só em correspondencia especial poderão ser tratados.

Quando se vêm as estradas de ferro dirigir-se a todos os cantos da França, como se está fazendo com uma prodigalidade sem exemplo ; quando se vêm em todos os sentidos estradas de rodagem admiraveis, canaes perfeitamente conservados, obras importantes em todos os portos maritimos, pergunta-se em que se vão gastar sommas tão colossaes. Fala-se em aprofundar o Sena de modo a permittir que cheguem a Paris navios de certo calado ; estuda-se o projecto de abrir enorme canal através da França, unindo o Mediterraneo ao Atlantico, e supprimindo-se o estreito de Gibraltar, como se fez ao cabo da Boa-Esperança, com o canal de Suez, e como se quer fazer na America cortando-se o isthmo de Panamá.

Não é só nisto que a republica pretende offuscar o imperio. Aqui em Paris são as exposições internacionaes levadas ao cumulo do spectaculo e do espalhafato ; festas publicas como as de 14 de julho, capazes

de eclypsar as de 15 de agosto ; novas ruas que se abrem e trabalhos gigantescos de todo o genero. Si o imperio, por exemplo, fez uma desapropriação de quatro mil contos para obter o local em que construiu a Opera, neste momento o centro mais populoso de Paris é derribado n'uma vasta extensão, centenares de casas cahem, muitas ruas desaparecem para formar a área, no centro da qual será construido o grande edificio do correio.

III

Continuação do mesmo assumpto. — O jacobinismo. — A lenda de 89. — Illusão dos francezes. — Complacencias com os heróes revolucionarios. — Exageração da influencia da revolução franceza: a nossa educação litteraria formada nos livros francezes. — Situação da França: passagem mais facil para a republica intransigente do que para os partidos monarchicos. — Governo constitucional em acção. — Questão religiosa. — A mesma questão no Brasil. — A Italia durante a luta contra o poder temporal do papa. — *Modus vivendi* entre o rei e o papa, convivendo na mesma cidade. — Abaixamento do nivel das capacidades no governo e nas camaras francezas. — As circumscripções de um deputado. — França e Brasil: paralelo. — Necessidade de censo eleitoral elevado para corrigir a corrupção alimentada pela eleição de dous grãos. — Incoherencia dos homens politicos.

PARIS, OUTUBRO DE 1880.

Não são os partidos monarchicos os mais perigosos adversarios da republica; o grande perigo está no partido, si tal nome cabe, da agitação, da turbulencia, da demagogia. São muitos os periodicos desta facção, escriptos com virulencia verdadeiramente digna da causa que defendem e das doutrinas que pregam. Quasi todos trazem a data segundo o calendario da revolução de 89.

Em todas as commoções por que tem passado a França depois dessa época memoravel, as recordações de 1793 preoccupam exclusivamente uma parte de sua população. Ora abafado e sopeado pelo poder, ora á luz do dia, como agora, o partido jacobino jámais desapareceu : é sempre o mesmo odio contra toda a ordem social, as mesmas idéas de nivelamento, de sangue, de destruição. A *internacional*, na sua ultima phase, não era sinão uma das manifestações ou modificações do jacobinismo universal.

Cumprе confessar que os escriptores francezes são grandemente culpados de alimentar a illusão dessa sangrenta e odiosa legenda de 93. De boa fé estão convencidos que tudo quanto ha de bom é filho da sua grande revolução. Sem ella o mundo inteiro seria ainda hoje dirigido pelo mesmo cynico, immoral e indigno governo das concubinas de alguns de seus reis. A sociedade moderna não existiria sem a tomada da Bastilha, sem o juramento do *jeu de paume*, e sobretudo sem a emphatica declaração dos direitos do homem. A revolução ingleza de 1688 para elles não existiu ; os direitos naturaes e politicos do cidadão da constituição dos Estados-Unidos nada significam ; o progresso geral da instrucção publica, producto serodio, mas infallivel, da descoberta da imprensa, nenhum resultado teria sem a tremenda explosão de 89. Não ha escriptor francez sem compla-

eencias para com os seus heróes revolucionarios. Robespierre, por mais sanguinario que seja, encontra alguma attenuante no seu character rispido, insensivel á cubiça do ouro, simples na vida particular; Danton, o tigre dos assassinatos das prisões, da hecatombe em massa, tem para os francezes a escusa de haver levantado o espirito da população na luta ingente contra os estrangeiros. Não sei de escriptor notavel que haja elogiado a habilidade cynica, torpe, friamente sanguinaria e vil de Barrère. Mas o que é verdade é que este homem, personificação completa de quanto ha de mais indigno e abjecto na historia das miserias e torpezas humanas, encontrou quem intentasse rehabilital-o, e por duas vezes, nesta França, durante a restauração, teve eleitores que o mandassem ao parlamento; felizmente, em ambas as occasiões as portas lhe foram fechadas.

Nós, que formamos a nossa educação nos livros francezes, temos a mesma mania, e por maior que seja na verdade a influencia da revolução franceza queremos ainda exageral-a por todos os modos. O resultado deste systema ainda não produziu em França todos os fructos perniciosos. A sociedade que figurou na primeira metade deste seculo estava mui entrelaçada com personagens revolucionarios para que não tentasse a sua propria escusa com a grandeza de seus feitos, e as vantagens que derivára o mundo dessas

lutas, embora levadas ao mais condemnavel excesso. Creou-se a legenda, e nenhum bom francez julga-se hoje autorizado a destruil-a.

Na situação politica da França a questão não está collocada em saber si o governo cairá nas mãos desta ou daquella facção dynastica, si nas dos bonapartistas ou dos legitimistas. Os primeiros, que se enfraquecem todos os dias pela logica infallivel do tempo, não têm no principe Napoleão homem capaz de grangear-lhes a fortuna. Os segundos formam um estado-maior sem soldados. E' um composto de idéas obsoletas, de abusões ridiculas, incapazes de tomar logar na sociedade actual e que têm no seu chefe de Frohsdorf um homem respeitavel, mas um politico tão ingenuo e simples, que chega a ser innocuo.

A questão está, pois, collocada entre a republica ordeira, mais ou menos sensata e moderada, e o jacobinismo ; entre a democracia e a demagogia. A França possui sem duvida grande força de resistencia ; são consideraveis os elementos conservadores que esta sociedade encerra. Entretanto, na politica activa e militante, os elementos conservadores se dispersam em todos os sentidos, lutam mutuamente, aniquilam-se ou esterilizam-se. A inercia é, porém, o seu principal caracteristico, o que profundamente contrasta com a soffrega actividade dos variados elementos da desordem.

Por outro lado, o governo não é dirigido de modo a tranquillisar os espiritos. A ultima crise ministerial (*) veiu ainda revelar como se entende e pratica mal o regimen constitucional. Muito preoccupou então todos os jornaes a não observancia de umas pretendidas fórmulas do systema parlamentar, cujo codigo não sei onde lêm. Assim, queriam que o ministerio convocasse immediatamente o parlamento; exigiram a demissão de todos os ministros e nova nomeação dos que deviam continuar, etc. E' este um paiz para os Sieyès e para os Royer-Collard: aqui todos são doutrinarios, cada um á sua moda. Desde muito, os ministerios se dissolvem aos pedaços, uma luta intestina se estabelece e parte do gabinete derriba a outra, e reconstrue o mesmo gabinete com politica um tanto differente. O mais interessante é que os presidentes do conselho são sempre os sacrificados, com grande quebra da força moral dos ministerios, cuja sorte está permanentemente exposta a intrigas de reposteiro. Demais, nessa constante recomposição de ministerios todos os ministros são reputados aptos para occupar o posto elevado de presidente do conselho, que assim ainda mais perde do necessario prestigio, além de constituir o premio de cabalas occultas. N'um paiz como a França, onde o numero

(*) A retirada do presidente do conselho dos ministros, o Sr. Freycinet.

de homens capazes é consideravel, os primeiros ministros não poderiam deixar de ser sinão os homens mais eminentes e prestigiosos da politica, e não os servidores cégos e subalternos dos partidos. Não comprehendendo como esteja na presidencia da republica o Sr. Grévy e na do conselho dos ministros o Sr. Ferry, e, entretanto, se conserve o Sr. Gambetta n'um posto neutro e mesmo inerte, pois tal se deveria considerar a posição de presidente da camara dos deputados.

Na questão chamada religiosa ou clerical o governo está mui longe de satisfazer os intransigentes, e, entretanto, sobressalta o espirito publico, tocando n'uma das teclas mais sensiveis de qualquer povo. Convém, porém, não exagerar o perigo de tal questão. O mal consiste antes no cipoal inextricavel em que se collocou o governo do que na questão em si mesma. E' ella muito conhecida para que pretendamos siquer compendial-a aqui. O governo começou dirigindo-se ás camaras, pedindo-lhes uma autorisação legal. Era o celebre art. 7.º Cahe elle no senado, e desde logo o governo se declara apparelhado de um arsenal de decretos, leis, regulamentos, para tirar tudo quanto em essencia pedia ao poder legislativo.

O proprio voto das camaras (uso a linguagem constitucional, o voto foi só do senado) deveria fazer suppor que toda essa legislação estava virtualmente

abrogada. E' ainda para notar que o governo, na sua politica dos decretos de 29 de março, só fala em obediencia ás ordens da camara dos deputados, esquecendo-se que o poder legislativo é um unico, dividido em duas camaras. Disto aqui ninguem se occupa; nunca ouvi a mais ligeira referencia a esta annullação de um dos ramos do poder legislativo, cujas decisões positivas são desacatadas.

A não ser por espirito revolucionario não se comprehende a conveniencia de se haver suscitado esta questão religiosa, justamente no momento em que se abriam as portas da França aos desmiolados energumenos da communa. De modo que, ao mesmo tempo que arrancam padres pacificos das cadeiras do ensino e os expatriam, recebem como heróes os complices ou autores dos assassinatos, dos incendios, roubos e loucuras da communa.

Deixada a questão de opportunidade, talvez as congregações religiosas devessem ser compellidas a obedecer ás leis, e em outra qualquer occasião esta luta não apaixonaria tanto. Estou bem certo que ella trará ainda grandes amargores ao governo, embaraços, difficuldades de todo o genero; mas nada se deve receiar de particularmente grave(*).

(*) Escreviamos estas apreciações justamente na occasião em que appareciam os disturbios pela execução dos decretos.

Em França fallecem os elementos para lutas religiosas. Apesar dos clamores dos ultramontanos, da excitação dos seus jornaes, da violencia real e indesculpavel do governo, e do espectaculo que as ordens religiosas provocam, obrigando o poder a atacar os conventos, como asylo de malfeitores, arrombar portas, forçar cellas e violentar homens pacificos, aos quaes nenhum mal immediato ou directo se póde attribuir, não obstante tantos elementos de agitação, a população se conserva relativamente calma, sinão indifferente, com grande espanto e indignação dos ultramontanos. Mas forçosamente assim deve ser; o que está acontecendo em França, e já não se repete pela primeira vez, aconteceu na Italia em muito maior escala, tem acontecido em Portugal e tambem no Brasil.

N'um paiz de crenças religiosas energicas e vivazes não se teria visto, com tanta indifferença como ahi, serem dous bispos encarcerados e depois condemnados a penas excessivas, inquestionavelmente desproporcionadas aos seus delictos. A mesma indifferença ainda mostrou a nossa população quando se publicou a amnistia, a não ser a mera satisfação de ver findar uma pena injusta pelo excesso e severidade.

O que se tem passado na Italia seria altamente honroso para o seu tacto politico si não fosse o simples resultado da mesma causa, a indifferença religiosa.

Si houvesse crenças profundas e sinceras o facto não poderia dar-se; a luta teria chegado ás ultimas consequencias e impossivel seria o *modus vivendi* que a Italia triumphante conseguiu estabelecer, co-habitando na mesma cidade o papa, o representante fiel e mais completo de todos os velhos abusos daquelles governos desmoralizados que com elles se identificaram, e o rei, representante da Italia moderna e liberal, a negação e a antithese do estado anterior. Só a descrença, tirando o ardor das lutas, permittiu o resultado que vemos. Dadas outras condições, ou o papa triumpharia e com elle todo o velho systema, ou seria suplantado, vencido, aniquilado, e, foragido, iria procurar asylo em outra parte.

Como imaginar solução tão razoavel, tão moderada e prudente, não já no tempo da reforma, mas no das grandes lutas da igreja, durante a idade média, em que as questões as mais subtis dos dogmas, ou mesmo da lithurgia, apaixonavam todo o universo catholico, como talvez com tanta intensidade, vehemencia e generalidade, jámais no mundo se tem presenciado?

Seja, porém, qual fôr o resultado da presente luta em França, é inquestionavel que só a condescendencia para com o espirito revolucionario poderia lançar o governo n'uma contenda, da qual nunca se sahe com gloria, e menos com proveito.

Quem poderia queixar-se em França de vexações clericas, de influencias perniciosas do espirito sacerdotal, de abusos do clero em qualquer sentido? Si algum mal existe a debellar, o progresso da civilisação extinguirá por si, e, no caminho em que vão os povos, são mais para temer as consequencias da descrença do que as da superstição.

De outro mal queixam-se os francezes na actualidade, e aos leitores deixaremos aquilatar o valor. Em todas as occasiões em que o governo parlamentar aqui se estabeleceu, e bem incompletas ou fugitivas foram ellas, uma pleiade notavel de talentos de toda a especie apparecia nas camaras e no governo, o que lhes dava um lustre innegavel. A actual camara dos deputados conta sem duvida talentos e illustrações, mas é certo que em numero muito mais restricto do que se está acostumado a ver em França. A mediocridade é hoje a regra. Dever-se-ha attribuil-a ao suffragio universal, que, uma vez livre, é suspeito contra todas as superioridades; ou antes ás pequenas circumscriptões eleitoraes, em que as celebridades de campanario usurpam o logar das verdadeiras illustrações? Si isto se dá n'um paiz tão civilizado como a França, de população tão densa, dispondo de meios os mais poderosos de illustração, o que dever-se-ha esperar no Brasil, onde, afóra as grandes capitaes, e

algumas mui pequenas e limitadas zonas, justamente o contrario se observa ?

E' bom que reflectam nisto, agora que ahi se trata de uma reforma eleitoral com censo baixo e circulos de um deputado (*). Dizemos censo baixo, não falando em absoluto, mas em relação ao Brasil, onde, segundo confissão geral, as eleições têm tocado o ultimo gráo de desmoralisação. A ser exacto, parecia prudente aproveitar-se a oportunidade da mudança de systema para crear-se censo mais alto, a ver si os costumes eleitoraes se modificavam e corrigiam, ficando depois a cargo das futuras camaras abaixal-o, segundo a experiencia aconselhasse (**).

(*) Quando escreviamos ainda não estava adoptada a reforma eleitoral que infelizmente restabeleceu o districto de um deputado.

(**) Precisa de explicação a insistencia que aqui faziamos de censo baixo applicado á actual lei eleitoral, quando em geral o acham elevado. Na circular que em 30 de setembro ultimo dirigimos aos eleitores do quinto districto da provincia do Rio de Janeiro, deixámos claro o nosso pensamento, nas seguintes palavras :

« Sinto verdadeiro prazer dirigindo-me a V. S. em sua nova qualidade de eleitor directo e permanente, vendo assim mudado o systema eleitoral indirecto que havia cahido no mais completo descredito Nos limites de minha modesta acção esforcei-me por vel-o substituido. No que prevaleceu, porém, dous pontos principaes não me parecem acertados ; refiro-me ao censo eleitoral, quando não só o partido, que promoveu a

A republica será duradoura ? Este systema de governo será definitivo em França ? Eis uma questão a que não é dado responder. « Si a França gozasse de cem annos ininterrompidos de paz, dizia Pitt, ella compraria o mundo ; tal é a sua riqueza: » Ella o governaria de certo si possuisse o espirito politico. Em tudo quanto se refere á administração este povo é admiravel ; pôde servir e tem servido de modelo. Qualquer serviço publico em França é perfeitamente feito ; o francez possui no mais alto gráo o sentimento da ordem, do methodo e da regularidade. Em politica poderá isoladamente cada francez raciocinar com grande agudeza e perspicacia ; mas em reunião, em assembléa, a sua natureza sensível, impressionavel, amiga do apparato e do effeito, tira-lhe a calma e céga-o deploravelmente.

As camaras vão reunir-se : o que farão ? Em politica, as previsões são sempre difficeis e as conjecturas mais fundadas se manifestam vãs. Si assim é em toda adopção da lei, havia em opposição aceitado censo mais elevado, como o ministerio que inaugurou a nova situação politica, e mais ainda a primeira votação da camara liberal. Era preferivel que se mantivesse principio mais severo, do que recorrer á severidade da prova, cujo affrouxamento é de receiar no futuro para collocar-a de harmonia com o principio. V. S. estará lembrado que nas antigas qualificações de votantes prevalecia o raciocinio que em todo o cidadão se devia presumir a renda de 200\$, extremo limite para a subsistencia de qualquer individuo. »

a parte, aqui com muito maior força de razão. Ahi mesmo no Brasil, onde não existem estas qualidades dos francezes, não se estão presenciando factos que pareceriam impossiveis de prever ?

O senado brasileiro repelliu ha pouco, qualquer que fosse o motivo, o projecto eleitoral do gabinete Sinimbú, que consagrava o censo eleitoral de 400\$, e parece certo que adoptará agora o projecto do Sr. Saraiva reduzindo o censo a 200\$000 !

Ainda mais : para quem tem acompanhado a politica brasileira, ficou impressa na memoria a luta que sustentou o marquez de Paraná para crear os districtos de um deputado. O partido conservador, de que o illustre marquez era o chefe mais activo e estimado, fraccionou-se, e, apezar do seu grande prestigio, augmentado com toda a força que dá o poder, e ahi no Brasil sabe-se quanto é isto valioso, quasi naufragou o seu projecto. A opposição assumiu as maiores proporções de dignidade, intelligencia e elevação, que não poderia deixar de communicar-lhe os raros dotes parlamentares que distinguiam o senador Euzebio, seu chefe, o mais genuino representante das idéas conservadoras em toda a sua comprehensão. Cinco annos depois, o partido conservador se unia todo, sem a menor discrepância, para annullar, ou antes modificar o acto do marquez de Paraná, e sus-

tentou grande luta para destruir os circulos, o que a final conseguiu.

Agora parece que esta idéa não encontra oppositores ; as duas commissões do senado, que formularam pareceres tão discordantes sobre o projecto eleitoral vindo da camara dos deputados, só neste ponto estiveram de accordo, isto é, em voltar aos circulos de um deputado !

Tal a coherencia dos homens, dos partidos ou da mesma politica !

IV

A industria saccharina em França e no Brasil.— Insignificante papel do Brasil nessa industria.—Extensão dos terrenos apropriados á cultura da canna de assucar no Brasil.—Uma *sucrerie* em Meaux; seu custo e collocação.—Cultivo da beterraba, fabricação do assucar, refinação, distillação; industrias diversas. — A cultura da beterraba; aproveitamento do bagaço. — Custo das beterrabas. — As *râperies* (cevadeiras). — Como se procede com a beterraba para dilaceral-a, e espremel-a.—Trabalho das fabricas.—Salario dos operarios. — Produccão.— Machinismos. — Qualidade do assucar. — A canna, a beterraba e os seus respectivos productos. — Superioridade da canna em tudo, e sua inferioridade como produccão devida á inferioridade do cultivo e dos apparatus de fabricação.— A safra de 1881 em França.— Os impostos sobre o consumo do assucar em França. — A Europa produzindo assucar bom mais barato do que o Brasil!

PARIS, DEZEMBRO DE 1880.

As fabricas de assucar estão agora em plena actividade. De todos os ramos da agricultura e industria franceza é este um daquelles que mais interessam ao Brasil. O assucar é um dos seus mais importantes productos, e o Brasil, pela extensão de terrenos apropriados á cultura da canna, deveria representar papel

muito differente do mesquinho e exiguo que lhe tem tocado nos mercados de assucar.

Si ha no campo da industria assumpto digno de despertar a attenção dos brasileiro é certamente este em que se acham em posição inferior, possuindo, entretanto, condições para se elevarem indefinidamente na escala do progresso. O assumpto é tanto mais interessante quanto grande parte do territorio do Brasil não tem outro genero de producção que se possa comparar ao cultivo da canna de assucar em rendimento e fonte de prosperidade. Esse territorio, embora vasto, em comparação com os que offerecem outros paizes, está, não obstante, longe de ser tão extenso quanto se afigura em geral aos brasileiros extasiados pela vastidão e uberidade de seu solo.

A canna de assucar póde ser cultivada no Brasil desde o mais extremo norte até a provincia de S. Paulo; mas si exceptuarmos a bacia do Amazonas, onde por muitos annos nenhuma industria fabril de certa importancia se estabelecerá, cada uma das provincias em que este genero se cultiva apenas apresenta uma área relativamente pequena com todas as condições desejaveis de uberidade. A Bahia, por exemplo, que por muitos annos tirou dessa cultura grande prosperidade, e tanto se avantajou então a todas as demais provincias em riqueza, possui uma vasta zona fertilissima; pequena, porém, si a compararmos á consi-

deravel extensão de territorio quasi absolutamente imprestável. O mesmo se póde dizer das Alagoas, Sergipe, Parahyba do Norte e outras, sendo talvez Pernambuco que possui extensão maior e mais igual desses terrenos privilegiados. O Rio de Janeiro tem na foz do Parahyba terrenos excellentes para esta cultura, e, sendo a parte melhor cultivada do Brasil, quanto a este genero, está ainda muito longe da mais razoavel mediania.

Reunido o territorio de todas estas provincias, sem falar dos centros privados de qualquer meio de transporte, e portanto fóra de toda a competencia, offerece esse paiz extensão tão vasta, tão fertil e de clima tão apropriado que, si a industria da cultura da canna e a fabricação do assucar tomassem alguma importancia, o Brasil assumiria tal posição neste ramo, que a cultura em muitos paizes menos bem dotados teria de cessar.

Emquanto os preços foram elevados, a cultura e o fabrico imperfeito do Brasil eram possiveis; mas ha algumas dezenas de annos que os preços declinam sempre, apezar do augmento do consumo em todo o mundo. E' preciso, pois, que no Brasil se tenha bem presente este facto: a cultura da canna e fabricação de assucar não podem esperar sua sálvação de preços mais remuneradores; não é de prever que possam elevar-se acima do nivel em que se acham; ao contra-

rio, devem baixar ainda mais; assim, a salvação desta industria está em produzir muito e barato. Mas neste terreno, felizmente, o campo de actividade e de melhoramentos que se offerece ao Brasil é quasi indefinido, tudo está por fazer; e, si elle não possui condições superiores (e certamente não possui) a de alguns pontos do mundo productores da canna de assucar, possui, entretanto, uma somma tal e em tal extensão de territorio, que a luta é toda em sua vantagem.

Eis o que nos incitou a visitar uma grande fábrica de assucar de beterraba, expor o que vimos e tratar de algumas questões peculiares ao Brasil, referentes aos impostos sobre os generos de exportação, um dos grandes defeitos do systema tributario desse imperio, e que admira ver perdurar por tanto tempo.

Entre os paizes productores de assucar na Europa, a França occupa um dos primeiros logares. E' no noroeste que se cultiva principalmente a beterraba, começando as fábricas ao redor de Paris até o norte e as fronteiras da Belgica. A que visitámos ha pouco acha-se a dez minutos da cidade de Meaux.

Ao approximar-se da fábrica nada revela sua existencia sinão a enorme chaminé; todo o edificio é de installação singela e economica, como convem á industria, nada de grandioso ou imponente. O capital fixo, isto é, o custo dos machinismos, edificios

principaes e accessorios, é, porém, de sete milhões de francos, cerca de 2.800:000\$, um terço mais do que o preço do maior engenho central do Brasil, o de Quissaman, cujo custo, inclusive uma estrada de ferro de trinta e cinco kilometros, foi de 1.700:000\$. E' fabrica central, que absorve a producção de uma grande área da margem direita do Marne, affluente do Sena.

Para evitar o estabelecimento de outras fabricas na vizinhança, tem ella contratos até por quinze annos com os plantadores da sua zona de acção, não só para lhes comprar todas as beterrabas, como vender-lhes a polpa (o bagaço), depois de extrahido o succo. A fabrica possui tambem um pequeno terreno, que cultiva quasi exclusivamente para a conservação e producção de boas sementes que fornece aos plantadores, pois disto depende muito a qualidade das beterrabas.

O edificio central está assentado, como dissemos, na margem do Marne, rio navegavel, a alguns metros do grande canal de l'Ourcq, que vem ter a Paris. Uma estrada de ferro, com estação em Meaux, passa justamente por traz do edificio, que possui uma chave para o seu serviço particular. Todos estes meios aperfeiçoados de transporte, e, ainda mais, excellentes estradas de rodagem em todos os sentidos, pois o solo é completamente plano, não são utilizados para o transporte da beterraba, sinão até a extensão mais ou

menos de tres kilometros. A fabrica, entretanto, utiliza beterrabas cultivadas até quarenta kilometros de distancia, cujo succo, extrahido no logar, vem ter ao edificio central por meio de tubos enterrados no solo.

Para que se faça disto idéa exacta, precisamos descrever a fabricação do assucar como aqui se pratica. Não escrevemos para profissionaes. Hoje as publicações sobre a producção do assucar de canna e de beterraba são innumeradas e importantissimas; quem quizer ter noções technicas, conhecer os systemas de cada paiz e a producção de cada uma das materias primas, póde obter as informações as mais completas em tratados, revistas e jornaes especiaes. Temos fim mui diverso, descrever o que vimos, justamente dar uma idéa daquillo que não se lê nos livros e póde interessar ao leitor brasileiro.

O cultivo da beterraba está completamente separado da fabricação do assucar; a fabricação do assucar está ainda completamente separada da refinação, e da distillação dos alchools.

Assim, temos o plantador, que fornece a materia prima, isto é, a beterraba, o engenho central, a *sucrerie*, como aqui se chama (*), que se divide na

(*) No Brasil sempre se chamou engenho a fabrica de assucar: é mesmo um termo peculiar a esse paiz; no norte do Brasil a fazenda é o engenho, o dono o senhor de engenho.

extracção do succo da beterraba e na fabricacção propriamente do assucar, tal como com a canna, as moendas de espremer, e o ulterior processo da fabricacção, isto é, a defecacção, evaporaçao, concentraçao, crystallisaçao, e, finalmente, purgaçao do assucar; em ultimo logar está o refinador, que recebe das fabricas centraes o assucar bruto, prepara-o para o consumo, encarregando-se tambem da distillaçao dos alchools.

A cultura da beterraba pouco póde interessar ao leitor brasileiro; a planta é bastante conhecida ahi; mas só prospera nos climas temperados, quasi frios. Semea-se directamente nos logares onde tem de crescer, ou em viveiros, e depois transplanta-se, o que constitue grande trabalho. Cultiva-se só, como é melhor, ou misturada com outras plantas de mais rapido crescimento, tal como se faz no Brasil com a canna, intercallando-se milho ou feijão, o que tambem lhe é nocivo. A beterraba planta-se em fileiras parallelas distantes 0^m,40 até o maximo 0^m,60, em terrenos cui-

Engenho central exprime, pois, perfeitamente a fabrica como se estão agora ahi construindo. Não sabemos por que querem baptizal-as com o nome de *usinas*, que na nova accepção pretendem que signifique por antonomasia a *usine* central de assucar. *Usine* em francez é toda e qualquer fabrica, movida a vapor, ou por agua, e do que quer que seja. Ninguem aqui dizendo *usine* pretende designar a fabrica central de assucar, como agora querem ahi.

dadosa e profundamente lavrados e bem estrumados. Para as limpas, além das que se fazem á mão, empregam-se instrumentos adequados, que passam entre as linhas, tirados por animaes. E' uma planta que exhaure os terrenos, e por isso nas lavouras bem dirigidas só volta de tres em tres annos, quando muito, alternando em afolhamentos com outras especies.

Assim, os arredores de uma fabrica central não apresentam aqui, como em Cuba e nos paizes de canna, uma plantação continua e não interrompida de beterraba. Ella predomina; mas cada lavrador cultiva tudo quando lhe apraz; nem a beterraba é muito mais remuneradora do que alguns outros vegetaes. Nos paizes da canna de assucar nenhuma outra lavoura pôde concorrer com ella em vantagens para o agricultor.

Em França, a região da cultura da beterraba é ao mesmo tempo a principal da criação de gado e de todos os lacticinios, que constituem importantissima industria, de que provavelmente nos occuparemos em outra occasião, pois tivemos de observal-a de perto (*). A cultura da beterraba, como planta simplesmente forrageira, é das mais recommendadas, e julgada preferivel a qualquer outra pela abundancia da producção e qualidades nutritivas. Assim, a beterraba

(*) Esta promessa não foi cumprida. A interrupção destas *Notas* não permittiu.

plantada para assucar, fornece á criação dos animaes a folha, que aliás só com parcimonia se deve arrancar, pois o grande aproveitamento seria em prejuizo do desenvolvimento e qualidades saccharinas do tuberculo; e, ainda mais, depois de extrahido o succo, o bagaço vende-se para alimento do gado, mas de preferencia para o gado destinado ao córte. E' reconhecido alimento inferior para as vaccas de leite, cuja qualidade altera, e para os cavallos.

A beterraba entregue nas *ráperies* paga-se á razão de vinte francos por tonelada de mil kilogrammas (8\$). O bagaço, a polpa espremida, é vendida a dez francos por tonelada e quebra tres partes no peso, isto é, quatro toneladas de beterraba darão uma de bagaço. Poderia ser vendido mais caro si não fosse a obrigação das fabricas de venderem aos plantadores.

A fabrica central que visitámos tem doze engenhos nas vizinhanças para a extracção do caldo, e mais um junto á propria fabrica. O caldo espremido nesses engenhos, a que dão o nome de *ráperies*, é levado á fabrica central por meio de tubos enterrados no solo, sem nenhuma attenção á declividade e desigualdades do terreno, pois é impellido por bombas movidas pelas mesmas machinas. Não obstante o custo da canalisação e de haver meios tão completos de transporte, como sejam excellentes estradas de rodagem, de ferro, canal e rio navegavel, entendem que o trans-

porte do caldo pelos tubos, o que exige apenas um insignificante impulso das machinas de vapor, é mais economico do que trazer todas as beterrabas a uma só *râperie*. Apenas espremido o caldo, e antes de entrar nos tubos, recebe a primeira e forte dóse de cal para impedir que azede durante o trajecto, que aliás não é demorado.

Entregue a beterraba e pesada juntamente com o carro, deduzida a tara, sóbe por elevador para um cylindro, onde é lavada e deixa a maior parte da terra. Um eixo central com aspas revolve as beterrabas, que pela inclinação do cylindro entram por um lado e sahem pelo outro, por onde vão ter á moega da cevadeira.

O processo que se pratica com a beterraba desde então até se lhe extrahir o succo assemelha-se ao que se pratica no Brasil com a mandioca. A cevadeira é em tudo igual aos cylindros munidos de serrilhas parallelas e numerosas, empregadas para cevar mandioca, porém muito maiores do que as usadas ahí. Por baixo da cevadeira se reúne a massa, igual á da mandioca, menos na côr. Espreme-se primeiro ligeiramente em sacos, e depois entre cylindros que se movem como moendas; são, porém, de cobre e de crivo tão fino como o das turbinas de purgar assucar. Por esse crivo passa o caldo. O bagaço, depois

de bem espremido, borrifa-se d'agua e novamente espreme-se para deixar toda a parte saccharina.

O bagaço da canna, ao sahir das moendas, contém muito maior quantidade de assucar do que a polpa da beterraba, que antes de ser espremida é dilacerada e triturada. Entende-se, entretanto, que a injecção d'agua, não teria compensação pelo maior trabalho de evaporação. Na fábrica, de que falamos, informaram-nos que a quantidade d'agua augmentada assim é de 20 %/, e que o trabalho de evaporal-a perfeitamente se compensava pela maior quantidade de assucar obtido.

Reunido todo o caldo das treze *râperies*, submette-se ao muito conhecido processo para a fabricação de assucar, mui pouco differente do que se faz com o caldo da canna. A fábrica trabalha com dias consecutivos, sem interromper o trabalho dia e noite; o pessoal reveza de oito em oito dias, fazendo o serviço á noite a turma que antes fizera de dia. Os salarios são de tres, quatro, cinco e seis francos diarios, mas quasi todo o trabalho paga-se por tarefa. Uma boa parte dos operarios, os melhores e mais retribuidos, são belgas. Naturalmente só se expatriam os bons trabalhadores.

A fábrica produz por dia seiscentos sacos de cem kilogrammas de assucar. A força motriz é de trezentos cavallos e as caldeiras são para mil e duzentos,

empregando-se, como se sabe, o vapor para a evaporação e concentração do caldo. As reparações annuaes dos machinismos representam despeza de duzentos mil francos (80:000\$). Vimos acabando de assentar-se uma caldeira de triplice effeito da casa Cail, muito conhecida no Brasil, de custo de cento e vinte mil francos (48:000\$). Por ahí se póde avaliar a importancia dosapparelhos.

O assucar produzido não é mais claro nem melhor do que o que vimos dos engenhos centraes do Rio de Janeiro e da Bahia. Apenas nos pareceu mais sêcco.

Em toda a fábrica ha um cheiro activo de caldo de beterraba, de xaropes, meis, bastante enjoativo, quasi nauseante. Quão differente do perfume que exhalam os nossos engenhos, e que de longe annuncia ao viandante a sua approximação! Aqui, até que o assucar esteja prompto, em nada se póde tocar; ahí não se resiste á provocação de chupar canna, beber caldo frio ou quente, e até comer mel ou rapadura. Que differença entre um cannavial frondoso, farfalhando ás brisas da tarde e sacudindo os pennachos graciosos de flechas douradas, e essa planta mesquinha e rasteira, escondendo a raiz no seio da terra, e apenas exhibindo umas folhas sem estylo, sem elegancia, iguaes a qualquer hortaliça propria para guizados!

O succo da beterraba contém no maximo, com to-

das as condições favoráveis e nas melhores qualidades, até 13 % de assucar. A canna attinge até 21 % nas mesmas condições. Quando a densidade do caldo da beterraba desce a 3,5 % do areometro de Baumé, o fabricante tem prejuizo certo; quando passa de 4,5 % até 5 % o trabalho do fabricante é remunerado. Na provincia do Rio de Janeiro a densidade do caldo regula de 7 % até 10 % na média. Nos bons terrenos de Campos a média póde quasi ser considerada neste ultimo algarismo. Não param aqui, porém, as diferenças mais salientes: sendo a canna muito maior do que a beterraba e perfilhando muito, o mesmo terreno plantado de canna dará muito maior numero de medidas de caldo do que plantado de beterraba.

Este anno contava-se com colheita muito favoravel. As estações tinham corrido muito bem em toda a Europa, e principalmente em França, para a agricultura e o tamanho das beterrabas era notavel. Em fins de setembro, porém, a temperatura elevou-se, cahiram chuvas abundantes e a beterraba reverdeceu, diminuindo consideravelmente a quantidade saccharina do succo, que no começo da safra era avaliada em 3,4 %, dando portanto prejuizo aos fabricantes. Era de esperar que posteriormente a proporção saccharina se elevasse até 5 %, a normal.

Além deste mal, observou-se que as beterrabas grandes eram ôcas pela maior parte. Assim, os calcu-

los sobre a quantidade de assucar que produzirá a França este anno tiveram de ser modificados. Avaliou-se a principio a producção em quatrocentas e cincoenta e duas mil toneladas, e finalmente chegou-se a calcular em trezentos e setenta e cinco mil. O consumo tem sido aqui, nos ultimos dez annos, de duzentos e cincoenta a duzentos e sessenta mil toneladas annuaes. E' provavel que este anno augmente pela grande baixa do imposto de consumo. Ainda assim, será importante a quantidade de assucar que a França poderá exportar durante o anno, excesso entre sua producção e seu consumo interno (*).

Defronte dos nossos centros productores de assucar do Maranhão, de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro, passam os vapores francezes, levando carregamentos de assucar de beterraba para abastecer os mercados do Prata! (**)

(*) A realidade foi ainda muito mais desvantajosa, de modo que as previsões sobre as quantidades disponiveis para a exportação falharam completamente.

(**) Vai tomando grande desenvolvimento a cultura da canna de assucar na republica Argentina, principalmente na provincia de Tucuman. Si é certo o que lêmos ultimamente, as fundições francezas Cail & Comp.^a e Fives Lille têm estabelecido ali engenhos centraes, cujo rendimento é notavel. N'um dos numeros do *Economista* francez do anno corrente avaliava-se que a safra do anno passado havia produzido o rendimento liquido de 43 % sobre o capital de um desses engenhos. E' fabuloso!

Si a nossa industria não se modificar, somos capazes de ver o assucar de beterraba entrar nas nossas capitaes, ao menos o assucar fino, e banir o de canna das casas ricas, deixando-o sómente nas qualidades grosseiras de uso geral.

O preço do assucar a retalho é em Paris de um franco e vinte centimos por kilogramma, pouco mais de 400 réis, ao cambio par, ou 500 ao cambio de 400 réis por franco. Deve-se, porém, notar que neste preço está incluído o pesado imposto de quarenta centimos por kilogramma. Era elle até 15 do mez de outubro de setenta francos por cem kilogrammas; dessa data para cá soffreu a diminuição de trinta francos, ficando reduzido a quarenta. Assim, cada kilogramma de assucar, custando até 15 de outubro um franco e cincoenta centimos, quasi a metade do preço representava a importancia do imposto; apenas se deu a redução, o preço no mesmo dia baixou justamente a somma diminida no imposto, e passou de um franco e cincoenta centimos a um franco e vinte centimos. Deduzida, pois, a somma do imposto ou quarenta centimos, teriamos que o assucar de primeira qualidade seria vendido a retalho a oitenta centimos por kilogramma, isto é, a menos de 300 réis. Convem ainda notar que o assucar, de que fallamos é o de primeira qualidade, de uma alvura deslumbrante e cortado em pedacinhos iguaes, tal como aqui se usa.

Outra qualquer qualidade considera-se inferior. E' superior em belleza ao que se consome no Rio de Janeiro, como primeira qualidade, e custa menos, deduzido o imposto!

Aqui se produz assucar mais barato!... Eis o grande facto que convem ter bem presente no Brasil. Felizmente para o assucar brasileiro o territorio da Europa é limitado; ella não possui as immensas varzeas incultas do nosso paiz, e o terreno que tiver ainda de consagrar á beterraba será em prejuizo de outras culturas igualmente remuneradoras. Estaremos, porém, reduzidos a appellar para taes recursos? E' a importante questão que passamos a ventilar.

V

Continuação do assumpto antecedente.—Os impostos de exportação abolidos na Europa e ainda conservados no Brasil.—Sua substituição pelos internos de consumo.—Imposto sobre o assucar em França.—Contraste radical entre o systema francez e o brasileiro.—Opinião do visconde do Rio Branco.—Como é tributado o café.—O que pensa o Sr. Leroy Beaulieu deste nosso imposto.—Modo de compensar o desfalque que ao orçamento do Estado traria a suppressão dos impostos de exportação.—Imposto sobre a propriedade escrava.—A lei de 28 de setembro, seu systema, seus principaes inconvenientes.—Quanto paga a agricultura brasileira.—Os engenhos centraes.—Necessidade de outros meios para leval-os a effeito. —Vantagens para a transformação do trahalho.

PARIS, DEZEMBRO DE 1880.

Em toda a Europa os impostos de exportação estão abolidos, e são reputados nocivos e prejudiciaes ao commercio e industria dos paizes que os conservam. O artigo que nos occupa, o assucar, fortemente tributado no consumo interno deste paiz, é completamente isento de qualquer imposto na sahida para o estrangeiro. Justamente o contrario do que se faz no Brasil! Ahi o genero é consumido no interior sem imposto algum, e sobrecarregado com impostos geraes, provinciaes e até municipaes, quando tem de sahir

para a grande luta da competencia de todos os productores do mundo !

O modo de cobrança do imposto de consumo, como se usa aqui e na maioria dos estados europeus, é impraticavel no Brasil. Não se poderia, pois, ali estabelecer-o; mas o que se deve, o que urge, é abolir, não só sobre o assucar, como sobre todos os generos da nossa exportação.

Como não basta dizel-o, entraremos em alguns pormenores. A questão é tão capital para o Brasil, interessa tanto todo e sen systema tributario, que, estamos certos, obteremos a benevolencia do leitor para esta digressão, que, aliás, promettemos manter fóra das discussões propriamente scientificas e technicas.

Na fabrica de assucar que visitámos, ao chegar á ultima operação, ao ensaque e peso do assucar, notámos a presença de um empregado de *régie*, da administração fiscal. Os sacos têm o peso de cem kilogrammas, e depois de cosidos reúnem-se as pontas do barbante n'um pedaço de chumbo, com o sinete da *régie*.

Em todas as fabricas está permanentemente um empregado tomando nota do assucar que se pesa e chumbando os sacos. Outros empregados de ordem superior percorrem as fábricas e ficalisam o trabalho. Ha poucos annos o numero de fábricas existentes era

de quinhentos e quarenta. A fiscalização é completa. Nenhuma fábrica tenta subornar os empregados; a produção de cada uma é conhecida, perfeitamente examinada e verificada; nenhum assucar entra no mercado sem pagar o imposto.

Convem notar que a fraude em materia de imposto é aqui severamente punida; não ha tergiversações, nem compadrescos. O imposto sobre o assucar, que era até 15 de outubro proximo passado de setenta francos por cem kilogrammas, produziu no ultimo anno de que temos noticia, 1878, cento e oitenta milhões de francos ou 73.800:000\$ ao cambio de 400 réis.

Na Inglaterra desde 1874 o assucar não paga nenhum imposto, e o consumo é tres vezes mais consideravel do que aqui. Si, porém, se trata de exportar assucar francez, o estado restitue os direitos, de modo que a mercadoria não fica sobrecarregada de onus algum quando tem de concorrer com os productos similares estrangeiros.

Nós fazemos exactamente o opposto, como já observámos, o que é o cumulo do absurdo, permitam-nos a expressão, isentamos o consumo interno, o que pouco importa á producção, e sobrecarregamos a exportação com impostos geraes, provinciaes e até municipaes, o que é absolutamente prejudicial ao progresso da producção.

Ha alguns annos, quando depois da guerra do Paraguay as rendas do Brasil apresentaram saldo sobre as despesas, tratou-se nas camaras da redução dos impostos de exportação, e effectivamente fez-se uma pequena redução sobre o assucar. O eminente estadista o Sr. visconde do Rio-Branco, então ministro da fazenda, recusou tornar extensiva a redução a todos os generos, pretendendo que na maioria delles eram os consumidores que pagavam o imposto. Foi o imposto sobre o café de que principalmente se occupou aquelle illustrado ministro.

Poderia ter dito que essa lavoura estava prospera e supportava bem o imposto. Seria uma argumentação susceptivel de contestação sob o ponto de vista financeiro, mas em todo o caso seria uma argumentação scientifica. O que pretendeu, porém, demonstrar é um paradoxo em que infelizmente se acredita no Brasil.

Supponhamos que um negociante trata de comprar café para remetter para os Estados-Unidos. Alli a qualidade, que deseja, vale, digamos, quatorze centimos ; corretagens, commissões, fretes, seguros, differença de cambio (a favor ou contra), transporte de café para bordo, embarque, etc., são verbas que se acrescentam ao preço. Inquestionavelmente, entra a verba—imposto geral e provincial—que é importantissima, pois figura por 13 % do custo de mercado-

ria. Feita a conta das despesas certas e do preço provavel que o genero póde alcançar, o negociante offerece pelo café, *verbi gratia*, 7\$200 por arroba. Si o frete marítimo fôr menor, si as despesas de seguro, embarque, carretos, corretagens, etc., diminuirem, e o preço no mercado consumidor conservar-se o mesmo, certamente o negociante exportador poderá pagar mais caro o genero.

Ora, suppondo que o imposto é supprimido, o genero valerá mais para o productor exactamente a importancia do imposto, que deixa de figurar na conta das despesas do exportador. Seguir-se-ha que, dada a suppressão do imposto, o genero baixe nos mercados consumidores, como pretendeu aquelle ministro? De modo algum. Si sua opinião fosse verdadeira teriamos uma mina, que o thesouro poderia explorar á medida das suas necessidades; pois, alliviando os nacionaes de muitos impostos, poderia lançal-os sobre os norte-americanos e europeus, consumidores dos generos brasileiros.

Disse outro ministro nessa mesma occasião que qualquer reduccão no imposto não aproveitaria ao productor, mas ficaria nas mãos dos intermediarios. Este facto, verdadeiro tratando-se de objectos de pequeno valor e que são vendidos a retalho em quantidades mui divididas, não se realiza sempre. Todos sabem que o café paga 9 % de direitos geraes

e 4 % á provincia do Rio de Janeiro, e um pouco mais ás de Minas-Geraes e de S. Paulo. Falemos das duas primeiras. O imposto até ha pouco era o mesmo; mas como a provincia do Rio cobrava sobre uma pauta mais elevada, o imposto mineiro vinha a ser effectivamente mais baixo (*).

Pois bem, não havia uma só conta de venda de café remettida a um lavrador da provincia de Minas, fosse de um sacco, em que a differença do menor imposto não apparecesse muito e sensivelmente, até com declaração expressa (**).

O illustre economista francez, Leroy Beaulieu, bem lido ahi, reconhece que o Brasil procede mal impondo sobre a exportação do café. Si procede mal quanto ao café, o que diremos do assucar! A França,

(*) Isto hoje está alterado. E' a provincia de Minas que tem imposto mais elevado. Grande sabedoria revelaram os seus deputados provinciaes. Não só augmentaram os impostos durante a baixa do café, como persistiram em conserval-os quando a baixa tomou taes proporções, que ameaça seriamente a cultura nas regiões longinquas dessa provincia, donde os fretes de transportes absorvem quasi o valor do genero.

(**) Hoje, com o augmento do imposto em Minas, dá-se o mesmo factó, mas em sentido o contrario: pago alli o imposto, a guia em que elle consta é vendida na praça do Rio de Janeiro por menor preço, apparecendo assim em cada conta de venda de café o excesso de imposto pago pelo producer mineirò.

muito mais do que o Brasil, tem o monopólio de certos generos. Sem descer a muitos exemplos, onde se produz vinho Bordeaux, Champagne, Cognac, como aqui? Entretanto, nos maiores apuros financeiros, ninguem neste paiz se lembrou de impostos para embaraçar a exportação e collocar a França em condições desfavoraveis na grande luta commercial.

Quando se faz uma estrada de ferro, diminue-se o embaraço—transporte—o que se traduz em frete. De que serve supprimir ou diminuir o embaraço — frete —si se conserva ou augmenta o embaraço —imposto?

Cumpra encarar as difficuldades de frente e não sophismal-as. Os impostos de exportação devem ser todos abolidos ; nenhuma nação regularmente administrada os mantem, nenhum economista os aconselha ; sua inconveniencia salta aos olhos.

Não ha muito o actual ministro da fazenda no Brasil(*) disse que seria conveniente supprimir os impostos de exportação, mórmente sobre alguns generos, mas não propunha a medida pelo desfalque que traria á renda. Até á redução do imposto sobre o assucar, de que falámos, a respectiva verba no orçamento da receita do imperio figurava por 20.000:000\$. Foi depois reduzida a 15.000:000\$, e ultimamente elevada, em estimativa, por uma emenda da commissão do orçamento do senado, a 17.000:000\$000.

(*) O Sr. Saraiva.

Nós proporíamos a supressão de todo o imposto de exportação, e procuraríamos a compensação creando e generalizando o imposto sobre a propriedade escrava.

Desde logo resalta uma primeira vantagem, e vem a ser—a protecção concedida ao trabalho livre. Não havendo no imperio imposto territorial, supprimido o de exportação, e existindo sómente sobre a propriedade escrava, os productos do trabalho livre receberiam forte impulso e animação. Por outro lado, convem reconhecer que si ha materia tributavel no imperio é essa, e as consequencias que decorreriam para as grandes questões de emancipação seriam das mais convenientes. Actualmente é impossivel determinar o algarismo da população escrava. Com o systema de multas que creou a lei de 28 de setembro e seus regulamentos, os proprietarios não participam as vendas, os fallecimentos e as alforrias. Sem imposto sobre os escravos existentes e facilidade para as baixas nas matriculas nunca se reconhecerá o numero exacto dos escravos.

Permitta-nos o leitor que exponhamos a grande vantagem desta medida para substituir o imposto de exportação, encarando-a pelo seu lado pratico e verdadeiramente recommendavel.

A lei de 28 de setembro procurou a sua justificação n'um facto que falava mais ás imaginações do

que á realidade—ninguem mais nascerá escravo ! Na verdade, ninguem mais nasceu escravo, mas todos os filhos das escravas continuaram a educar-se como escravos, e exactamente nas mesmas condições em que estariam, si a lei não existisse. Até que a lei complete vinte e um annos de duração, aparentemente, o edificio da escravidão não foi modificado.

Passada essa época, as turmas de ingenuos que forem attingindo a maioridade serão tão insignificantes, que parecerá aos espiritos ardentes por ver o termo da malfadada instituição, que nada se tem adiantado. E tanto mais ficarão nesta persuasão quanto a imperfeição das estatísticas, pela razão que apontámos, fará crer que o numero dos escravos continúa avultado. Nesta questão as impaciencias são difficeis de conter. Si se crear o imposto de 25\$ sobre os escravos residentes nas cidades, 10\$ sobre os do serviço domestico e 10\$ ou 5\$ sobre os empregados nos estabelecimentos ruraes, desde logo veriamos o numero dos escravos reduzir-se todos os annos pelo melhor conhecimento da população escrava, as manumissões cresceriam de modo admiravel, porque a philantropia individual dos proprietarios teria por estimulo a conveniencia, isto é, deixar de pagar imposto por grande numero de escravos de nenhuma ou de pouca utilidade. Finalmente, como o imposto poderia ser augmentado nos annos subsequentes, o trabalho es-

cravo iria sendo menos remunerador para o proprietario, que teria de recorrer a outro serviço. Estamos certos que a verificação da notavel diminuição no numero dos escravos, e o grande algarismo das alforrias annuaes, haviam de satisfazer muito a todos os habitantes do imperio. Ainda mais, reunidos os impostos sobre a propriedade escrava e accrescidos tão consideravelmente, o legislador poderia todos os annos designar uma certa quota para o fundo de emancipação, de modo a augmentar o numero das manumissões. E' preciso reconhecer, porém, que si a philantropia particular não vier em auxilio da official, esta nada fará sinão cousa muito mesquinha e illusoria, como até hoje, apesar dos melhores desejos.

Conviria tambem modificar profundamente o pessimo systema de manumissões creado pela lei de 28 de setembro e seu regulamento.

Assim, ao passo que o numero dos escravos fosse diminuindo de modo palpavel e bem verificado, iria por outro lado o serviço escravo perdendo o valor pelo augmento do imposto, e pelas facilidades e protecção dadas ao trabalho livre, e á exportação dos seus productos, pois seriam os unicos isentos de imposto. Em logar disto o que temos agora? A instituição inteira mantida tal como estava em 1871, na apparencia bem entendido, e o prazo fatal do seu desmornamento adiantando-se todos os dias, approximando

do-se sem ninguem ver, e por isto mesmo mais anciosamente excitado e apressado. N'um dia cahirá todo o edificio, e antes que o paiz ache novas direcções, não se verá sinão ruinas. E' um artefacto immenso e inteiriço que caminha todos os dias, sem cessar, para um abysmo certo e infallivel, onde se precipitará repentinamente.

Não é questão só dos lavradores e proprietarios de escravos, como lemos todos os dias nos jornaes brasileiros; todos são interessados; a sociedade inteira é solidaria, embora inquestionavelmente o maior prejuizo tenha de recahir nos proprietarios. Estes, devem pois, procurar evitar as consequencias da propriedade especial que possuem, sem se illudirem quanto ás garantias que as leis civis lhes concedem hoje, convem *faire la part du feu*, como aqui se diz (*).

Na suppressão do imposto de exportação os lavradores obterão razoavel compensação, que terão na devida conta e no devido valor. Nem todos fazem idéa justa de quanto pesa o imposto de exportação

(*) Quando escreviamos estas linhas chegavam-nos do Brasil as noticias da activa propaganda abolicionista, que da camara dos deputados e da intervenção de um ministro estrangeiro passou para os *meetings* populares e para os jornaes. Alguma cousa parece que depois se conseguiu no sentido de encarar-se hoje com mais calma essa questão, que requer antes reflexão do que excitação.

que esmaga a agricultura brasileira. Paga o café 13% de imposto, isto é, cada arroba de café paga 1\$ e mais segundo o valor do genero. O imposto cobra-se sobre o preço bruto, conforme o preço do genero no momento de ser embarcado, quando está sobrecarregado de commissões, carretos, fretes e infinitas alcavalas. Assim, avaliado, por exemplo, o café em 7\$ ou 8\$ para o imposto, este não representa para o lavrador sinão 4\$ ou 5\$ liquidos, de modo que o imposto, que só deve recahir sobre o liquido, torna-se effectivamente superior a 20 %. Por outra, sendo o imposto de 13 % e pago sobre o preço bruto do genero, o lavrador que remetter 10:000\$ de generos, pagará 1:300\$; mas este lavrador não teve um rendimento liquido de 10:000\$, teria de 4:000\$, de dous, de um, ou mesmo não teria nenhum; poderia ter tido justamente o lucro liquido de 1:300\$ nos 10:000\$ que exportou; mas o fisco lhe arrebatou todo esse lucro!

Na Europa os impostos são lançados ou sobre o rendimento liquido, ou sobre o consumo. A França é um paiz de imposto territorial dos mais pesados; os lamentos da agricultura ouvem-se todos os dias e despertam o maior interesse. Pois bem, reunidos todos os impostos, está calculado que a agricultura franceza paga 7 % do seu rendimento liquido! Na Europa só a Hespanha, estragada pelas más finanças

e pessima politica, paga 9 % sobre o mesmo producto liquido. Na Italia tambem é forte o imposto, mas sempre relativo ao producto liquido.

No Brasil a agricultura paga sem ordem, nem regra, nem medida. Não admira que os nossos productos estejam baixos e cedam o passo em todos os mercados do mundo aos similares que os vão suplantando ! Por muito tempo a agricultura elevava as suas queixas contra o abandono do governo ; pedia ao mesmo tempo braços, capitaes, estradas, ensino profissional e quanta cousa lhe occorria. Hoje, vendo o progresso da idéa abolicionista, sentindo-se seriamente ameaçada, acha-se na conhecida situação do philosopho grego, que, desilludido das cousas deste mundo, só pedia aos poderosos da terra deixassem que os raios do sol lhe aquecessem a morada ; nada mais pretendia nem queria. A agricultura só quer hoje que se esqueçam della, que a deixem tal como se acha. Nós, porém, entendemos que mui differente é a missão do governo, justamente na difficil crise que se aproxima.

O governo tem concedido com a maxima, e talvez pouco escrupulosa prodigalidade, a garantia de 7 % de juro ás emprezas que se propõem estabelecer engenhos centraes. Raros, porém, se têm creado. Onde a lavoura de assucar, desanimada, vendo o baixo preço dos seus productos, e o futuro tristonho e sombrio por

toda a parte, vai encontrar capital para tantas obras? Por mais que se tenham reduzido as sommas pedidas para estabelecer engenhos centraes, e temos visto tão insignificantes que mal dariam para a fábrica de uma fazenda regular, nada apparece.

Não se confia nessa industria, nos seus promotores, nos talentos administrativos e industriaes destes, em summa, a garantia de 7 % está reconhecida inefficaz. Sem fallar mais da guerra do Paraguay, já historia velha, o Brasil gastou ainda ha pouco com a sêcca do Ceará 74.000:000\$ (parece ser o algarismo definitivo). E' preciso que gaste tambem em auxiliar o estabelecimento de engenhos centraes.

As provincias e os particulares, entregues a si, nada farão por emquanto ; crearão fábricas insignificantes, dotadas de mãos e incompletos apparelhos, irão estabelecê-las em más localidades, como ainda ha pouco na Bahia, antes de ter estrada para os transportes. Assim, cada vez o desanimo será maior. Convem aproveitar o tempo ainda prospero para a fundação de engenhos centraes; nada mais favoravel á pequena agricultura, ao trabalhador livre, do que a cultivo da canna sem o onus da fabricação do assucar (*). Si

(*) Isto que aqui escrevemos, e é uma idéa corrente, tem feito agora grande alvoroço entre os abolicionistas depois que o fallecido ministro o Sr. Buarque de Macedo a repetiu n'um *aviso*, tendo ouvido em Quissaman, pois nada via na carreira vertiginosa em que fez sua viagem. Muito melhor do

nada fizermos, a crise do trabalho nos colherá desprevenidos e desprovidos de tudo.

O engenho central convenientemente estabelecido, além do seu fim especial, deve manter ao lado da fábrica uma pequena cultura aperfeiçoada que sirva de exemplo; deve reunir, e vender os melhores arados e outros instrumentos agrarios adequados ao logar; preparar, ensinar a preparar e vender os estrumes, pois a cultura extensiva e sem estrumes é incompativel com os estabelecimentos de engenhos centraes, cujas cercanias devem ser todas utilizadas para a plantação da materia prima.

Um banco estabelecido no Rio de Janeiro e em outras provincias, com filiaes nos principaes centros asucareiros, com capital sufficiente, directamente e efficazmente auxiliado pelo governo, se nos affigura o meio mais certo para levantar a industria assucareira, que tantos elementos encontra nesse paiz, servindo ao mesmo tempo de grande amparo na crise que o ameaça.

Um banco nestas condições teria o seu capital garantido nas proprias machinas que adquirisse, no maior valor das terras que rodeassem as fábricas e em todas as garantias que poderia exigir, tendo para

que elle e com verdadeiro conhecimento de causa, tinha dito o intengente agricultor o Sr. Dr. J. J. Carneiro da Silva, barão do Monte do Cedro.

compensar qualquer eventualidade de depreciação a quota de auxilio do governo. Era possivel em tal caso dispensar a garantia, bastante fallaz, da propriedade escrava.

O Brasil deve ter a intuição das suas necessidades e energia para resolvel-as.

VI

Crença geral na incapacidade dos francezes para o governo parlamentar. — Objecto especial deste capitulo. — As camaras legislativas em Paris. — Disposição interior. — Particular attenção dos francezes á arte de orar. — Condições anti-acusticas da nossa camara dos deputados. — Consequencias para os oradores. — Attenção dos deputados e senadores francezes aos debates. — Deserção do recinto das nossas camaras durante as discussões. — Situação irritante dos partidos em França. — A protelação, recurso predilecto das nossas opposições; porque são quasi impossiveis nas camaras francezas.

PARIS, JANEIRO DE 1881.

Ha certas opiniões que uma vez emittidas são aceitas como sentenças definitivas; ninguem mais as examina e discute: são casos julgados. Tal a reputação dos francezes de incapazes para o governo livre sob o regimen parlamentar. Si, tratando-se de povo tão intelligente, dotado de uma administração modelo, inestimavel auxiliar para a politica, gozando de civilização só comparavel ás mais completas que o mundo tem offerecido, a sentença é exacta, devemos concluir que o systema parlamentar, como possuímos, está mui longe do ideal que tão affanosamente procuramos, e que mui distante nos achamos de haver re-

solvido o problema da melhor fórma de governo, talvez o mais grave e mais importante que em todos os tempos se tenha apresentado ás nações civilisadas.

Não nos vamos, porém, occupar destas questões geraes e mais ou menos abstractas. Estando as camaras reunidas em trabalhos legislativos, a natural curiosidade nos levou muitas vezes a assistir ás sessões. Como se discute, como se dirigem os trabalhos parlamentares, qual o aspecto das duas camaras, sua composição, quaes os resultados que se obtêm, são assumptos que nos pareceram dignos de attenção. Para tornar sensivel o pensamento, e mais facil a comprehensão aos leitores brasileiros, talvez façamos comparações com o que é nosso. Além da conveniencia do proprio leitor, nada podemos ver e observar sem que se nos desperte a lembrança das nossas cousas, e só pensando nellas temos gosto de ver e observar, muito felizes si resultado mais util do que simples passatempo se podesse derivar de algumas destas singelas notas.

A disposição interior das salas onde celebram-se as sessões das camaras é das mais convenientes aos fins que se tem em vista. Cada uma se reúne em edificio separado. Na Inglaterra o celebre monumental palacio do parlamento reúne os dous ramos do poder legislativo. O mesmo acontece na Belgica e em muitos outros estados europeus. Assim, a regra par-

lamentar que uma camara não deve ouvir o que na outra se diz, isto é, que não se devem estabelecer discussões de uma para outra, parece mais difficil nesses paizes onde com tanta commodidade e promptidão podem os membros de uma passar para a outra, ouvir os debates e responder logo.

Excepto na Inglaterra, em quasi todos os edificios destinados ao parlamento as salas das sessões são de uma disposição quasi similhante. Em Paris, tanto a sala dos deputados, como a dos senadores, tem a fórma de um hemicyclo. Supponha-se um circulo cortado ao meio; contra a parede que serve de intercessão, exactamente o diametro de circulo, eleva-se no centro a mesa do presidente sobre um alto estrado; á sua direita e esquerda, mas em plano inferior, estão oito secretarios, quatro de cada lado. Encostada á mesa do presidente acha-se a tribuna, donde falam os oradores. Sete ou oito degráos conduzem á tribuna, dando o orador as costas para o presidente, mas tão abaixo, que sua cabeça fica na altura do estrado de que falámos.

Em frente estão dispostas em amphitheatro e em fileiras concentricas as cadeiras dos deputados. Pequeno espaço separa a tribuna e a mesa das cadeiras; ha apenas logar para os tachygraphos, para os continuos e passagem para os deputados.

As galerias correm por toda a semi-circumferencia,

formando duas ordens, abertas por traz de uma fileira de columnas, que communicam ao edificio um ar elegante e agradavel. A camara dos senadores é mais ricamente adornada e de aspecto mais imponente. Na dos deputados a luz só entra por cima, através de uma clara-boia disposta em fórma rosacea; não se vê nenhum lustre ou candelabro; a luz artificial, quando precisa, é reflectida tambem pela mesma clara-boia illuminando toda a sala.

O orador collocado na tribuna tem defronte de si todos os deputados os espectadores. Como o clima permite, ou antes exige, todas as portas estão fechadas, não ha janellas, não ha galerias abertas, em que os passos, as vozes dos que conversam nas salas contiguas, todos os rumores, emfim, venham ter ao recinto. As condições accusticas da sala são das mais completas. Nunca se deu o caso de ter eu deixado de ouvir perfeitamente qualquer orador, tanto na camara como no senado, fosse embora algum dos velhos octogenarios deste.

Deve-se notar porém que os francezes dão particular attenção ao modo de orar. A eloquencia parlamentar é uma arte que se cultiva, que se aperfeiçoa e que todos procuram adquirir.

Na nossa camara dos deputados, que ainda hoje está estabelecida no grotesco e singular edificio da antiga cadêa-velha é vulgar não se ouvir o orador.

Ha casos em que as molestias e visivel fraqueza explicam o facto, como se dava ha poucos annos com um dos nossos ministros dos negocios estrangeiros, cujas palavras nem os proprios tachygraphos podiam ouvir. Muitas vezes, porém, levantam-se homenzarrões corpulentos, e não se percebe absolutamente uma palavra a alguns metros de distancia. Os espectadores, não ouvindo cousa alguma, conversam, e augmentando o rumor, mais se abafa a voz do orador, que é afinal completamente desattendido.

Si o orador quer despertar a attenção e não dispõe de pulmões vigorosos, ve-se obrigado a elevar a voz além do natural afim de vencer as condições anti-acusticas da sala, e toma deste modo um tom emphatico, summamente desagradavel. Não falamos da fadiga a que se expõe, pois sabe-se quanto esforço exige a emissão da voz em tom elevado e continuo.

Quando o orador não é ouvido, e seus collegas se entregam á conversação, parece haver ou falta de deferencia para com quem ora, ou pouco apreço para o assumpto do debate. Em todo o caso, a impressão do espectador é desfavoravel ao respeito que deve infundir o parlamento.

Aqui nunca observei factos desta ordem. Tanto deputados, como senadores conservam-se nos seus lugares quasi durante todo o tempo das sessões. Dahi a grande impaciencia que revelam quando o orador

lhes desagrada, se torna longo, diffuso, ou fastidioso.

No Brasil ha contra tudo um recurso heroico: cada qual vai-se retirando do recinto das sessões, e em breve o orador fica em frente do presidente, do tachygrapho, do ministro obrigado, si tal é o caso, e de um ou dous amigos complacentes. Si alguma votação deve seguir-se, ao som das campainhas acodem todos; mas poucos momentos depois a sala cahe de novo na anterior situação.

Aqui as sessões não podem, pois, ser tão longas como ahi. Um assumpto que se discute durante duas ou tres horas parece demasiado. Só casos exceptionaes justificam discursos extensos e discussões por dias seguidos. Nesta sessão aconteceu que um senador, depois de falar tres horas, guardasse a palavra para continuar no dia seguinte, em que falou ainda duas horas. Estive presente. Era um bonapartista, e afóra os seus correligionarios e os membros da direita, todos revelavam a mais franca impaciencia. A todo o momento se dizia ao orador com rude franqueza que abusava da tolerancia do senado, que havia mais que fazer, que era insupportavel, etc. O proprio presidente lh'o disse por vezes em termos asperos. No Brasil o salão teria ficado vasio; prorogariam a hora da sessão, e o orador falaria quanto quizesse—para

o paiz—isto é, para o tachygrapho e para o jornal official.

O systema francez tem muitos inconvenientes e tambem vantagens. Para comprehendel-o é preciso ter em conta o character deste povo, impressionavel, expansivo e igualmente o estado dos partidos, mui differentes do que são no Brasil e em outros paizes. Aqui os membros dos diversos partidos não são simples adversarios politicos que se revezam no governo, alternando-se mais ou menos em occasiões e épocas previstas. São inimigos irreconciliaveis, que no campo politico procuram reciprocamente exterminar-se. Nem póde ser de outra maneira. A consolidação da republica tende a aniquilar os monarchistas, e estes entre si são igualmente irreconciliaveis; isto é, os bonapartistas, si acaso triumphassem, considerariam incompativeis e inimigos tanto os republicanos, como os demais monarchistas. As lutas não podem deixar, pois, de ser intolerantes, e violentas.

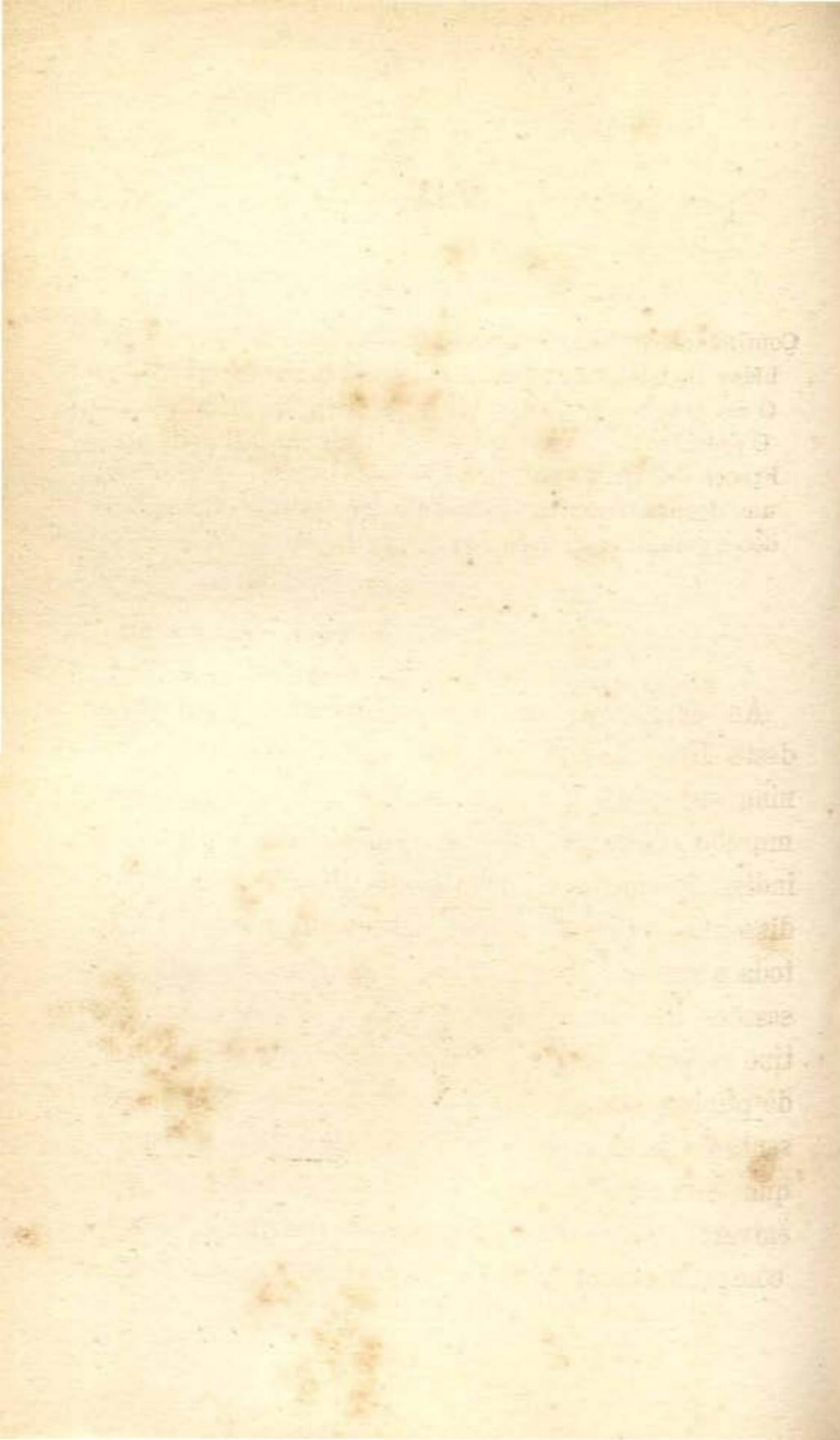
N'uma occasião vi o chefe dos bonapartistas justificar uma commissão da camara, e logo após um membro desta subir á tribuna para dizer que dispensava e repellia a defesa daquelle partido. N'outro parlamento a defesa do adversario seria estimada e honrosa. Quando não se tem presente esta situação dos partidos, a vivacidade, as impaciencias, as inter-

rupções dos debates, impressionam desagradavelmente os espectadores.

Nos ultimos tempos do imperio assisti aos grandes debates sobre a politica exterior depois da situação creada á França pela batalha de Sadowa e a união da Italia sem a sua intervenção, antes a despeito seu. Thiers havia proferido um dos seus mais famosos discursos, a que respondeu o ministro Rouher, orador de grande merito. Seguia-se com a palavra Julio Favre. Por tres vezes subiu este á tribuna e teve de descer, tal o alarido, o tumulto, as interrupções que de todas as bancadas se erguiam. E não conseguiu falar ! Si a memoria não me é infiel, lembra-me que os deputados batiam nas balaustradas com facas de cortar papel, de que todos estavam munidos. Agora observei que taes facas tinham sido supprimidas. Talvez como medida de ordem do *opportunismo*.

Por outro lado, esta impaciencia, a presença de todos os deputados e a attenção que prestam ás discussões, contêm muito os oradores. Difficilmente podem divagar, tratando de assumptos alheios ao debate, e sobretudo protellar as discussões. Este recurso predilecto das opposições no Brasil seria aqui muito difficil; ninguem o poderia soffrer. Ao mais ligeiro desvio do assumpto, o orador é chamado a elle pelos membros dos partidos contrarios, com tal insistencia que não ha meio de continuar.

Ouvi, na época a que já me referi, longos discursos, e em todos os tempos têm sido pronunciados; mas para que sejam tolerados torna-se necessario que o assumpto em discussão o justifique e que o orador o trate com tal competencia que imponha a attenção. Assim, sendo o regimento das camaras tão severo para as opposições, nenhuma providencia ha contra o abuso dos discursos interminaveis. No Brasil, por mais minuciosas e rigorosas que sejam as disposições regimentaes, as opposições encontram sempre recurso para protellações indefinidas, e são muitas vezes os proprios oradores governistas que, seguindo o habito, se entregam a longuissimas dissertações, que ninguem ouve, mas sahem *in extenso* nos jornaes officiaes.



VII

Continuação do mesmo assumpto.—As galerias.—As assembleas legislativas numerosas ; seus inconvenientes.— O Sr. Gambetta, presidente da camara dos deputados.— O presidente da camara dos deputados em Inglaterra e em França.—O Sr. L. Say, presidente do senado.—A prisão de um deputado dentro do recinto das sessões.—Immuni-
des e garantias do deputado.

PARIS, JANEIRO DE 1881.

Ao chegar a qualquer das camaras legislativas desta livre democracia, um facto causa reparo — ninguem póde ter entrada nas tribunas sem estar munido de bilhete, isto é, o povo não é admittido indistinctamente como ahi no Brasil. Segundo já dissemos, ha duas ordens de tribunas acompanhando toda a semi-circumferencia de cada uma das salas das sessões. São ellas, porém, muito divididas e com destino especial, de modo que poucas ficam á disposição do publico em geral, e, ainda assim, mediante a apresentação de bilhete de entrada. Completa a lotação, que está regulada pelos bilhetes, ninguem mais póde entrar. Devo ainda accrescentar que aqui não se comprehenderia como o proprio recinto das sessões

possa ser invadido pelos espectadores, como ahi acontece.

Na Inglaterra ainda é maior a severidade, e as tribunas são tão exiguas que não ha meio de accomodar muitos espectadores. A publicidade dos debates está na publicação dos jornaes, e a gravidade do parlamento não póde ser sacrificada como pabulo á curiosidade vã dos frequentadores habituaes das galerias.

Em França nunca presenciei o caso da mais ligeira manifestação dos espectadores. O povo tem por vezes invadido o recinto das camaras; mas sempre em épocas revolucionarias e no momento de crises. Em condições ordinarias a intervenção constante das galerias degrada o parlamento, e me admira como ha oradores que tanto apreciem e mesmo a provoquem.

Olhando para as galerias, tanto as geraes, como as do destino especial, parece que as senhoras são em numero superior aos homens. São ellas aqui de uma curiosidade que nenhum trabalho, nenhuma fadiga, aperto, confusão, tumulto, faz recuar. Não gostando de ficar em casa, em que não acham attractivos; não havendo todos os dias para percorrer novas lojas, costureiras, modistas (aqui assim se denominam, não as casas de modas em geral, mas exclusivamente as de chapéos), agarram com soffreguidão todas as

ocasiões de apparecer e de exhibir-se, sobretudo, creio eu, de passar o tempo.

Pela leitura dos livros, e pelo que em pequena escala se póde julgar no Brasil, pareceu-me sempre que as assembléas numerosas offerenciam grandes inconvenientes, a observação aqui ainda mais nos convenceu.

O sensato escriptor belga E. de Laveleye discute muito bem esta these a proposito das assembléas pouco numerosas dos Estados-Unidos. Era bom que o lessem aquelles que no Brasil se esforçam por augmentar o numero dos deputados e senadores. Não há muito o principal motivo do projecto para a creação de nova provincia não era outro.

-As camaras francezas já têm sido muito mais numerosas do que hoje. Segundo a constituição de 1791, a camara dos deputados era de setecentos e quarenta e cinco membros, a assembléa constituinte de 1848 se compunha de novecentos. Hoje a camara é eleita na proporção de um deputado para cem mil habitantes. Isto é, a eleição faz-se por circulos de um deputado, segundo a divisão administrativa dos *arrondissements*, e no caso de ter o *arrondissement* mais de cem mil habitantes, dá mais um deputado ou tantos mais quantas vezes a população excede aquelle algarismo. Em tal hypothese, porém, o *arrondissement* é dividido.

Direi, entre parentheses, que o deputado Bardoux, ex-ministro, apresentou na sessão que acaba de encerrar-se um projecto, que annulla e destróe o circulo, creando o escrutinio de lista; o projecto foi *in-limine* rejeitado pela respectiva commissão da camara, e depois reconsiderado de modo que muito deu que falar. Acredita-se que será convertido em lei antes das novas eleições (*).

O projecto tem contra si todos os representantes immediatos dos campanarios, mas é apoiado por Gambetta. Dahi a rejeição e posterior aceitação pela commissão. E' seu fim elevar o nivel da camara, que, na opinião geral, muito tem decahido, attribuindo-se o facto á eleição por circulos de um deputado. Acompanhei com interesse a discussão, e como tenha de voltar na proxima reunião das camaras, e seja assumpto que interessa á politica do Brasil, onde vão reviver os circulos, tornaremos a elle, com os necessarios desenvolvimentos e esclarecimentos, que seriam agora deslocados (**).

As camaras inglezas são tambem numerosas; mas como na dos commons basta a presença de quarenta membros e na dos lords a de trez para haver sessão, as grandes reuniões só existem nas questões politicas importantes; os negocios correntes são despachados e

(*) Isto não se realisou.

(**) Não satisfiz sinão ligeiramente este compromisso.

decididos em assembléas mais restrictas, unicas que podem dar attenção a taes assumptos. Na verdade, como exigir que uma assembléa de quinhentos, seiscentos e mais deputados acompanhe os artigos minuciosos de uma lei, as verbas e pormenores de um orçamento com attenção, de modo a votar com coherencia e conhecimento de causa? Nas grandes discussões politicas estará attenta e entregar-se-ha a todos os movimentos e arrastamentos das multidões; mas carecerá de calma, de paciencia, de attenção, para os debates positivos e aridos, em que se elaboram as leis mais uteis e necessarias.

Um orador eloquente, dispondo de bom organ, voz vibrante e sonora, captará sempre a attenção, o discutidor consciencioso, destituído daquelles predica-dos, reuna embora a mais solida illustração ao juizo o mais seguro, com difficuldade será ouvido.

Aqui na camara dos deputados apenas a questão era importante ou por qualquer motivo apaixonava a assembléa, a confusão logo se manifestava e só a energia, a vigilancia incessante e a voz poderosa do seu presidente podiam conseguir alguma regularidade.

Cada votação exige summo cuidado, e sómente nos assumptos de simples expediente se dispensam segunda e terceira prova e contraprova. Nisto se gastaria tempo precioso si o presidente actual não fosse

dotado de notavel perspicacia e decisão. Como os das nossas camaras, tem elle uma forte campainha, disposta de modo engenhoso, pois, balançando como um sino de igreja, lhe permite fortes badaladas sem grande esforço. Não ha os tympanos electricos da nossa camara dos deputados ; mas uma reforçada faca de marfim, com que bate nas taboas que guarnecem a mesa, produz som capaz de abafar tumultos violentos e chamar a attenção. E' tambem ainda ajudado pelos continuos, que, assentados perto do seu estrado, gritam constantemente para os deputados: *Silence, messieurs! à vos places, messieurs!* como nos collegios os bedeis e inspectores a quem incumbe a vigilancia dos alumnos.

O presidente da camara dos deputados é o Sr. Léon Gambetta, o chefe do *opportunismo*, o homem politico mais saliente e preponderante da actualidade.

Embora bastante moço ainda, pois nasceu em 30 de outubro de 1838, representa mais idade; a cabeça está quasi grisalha e igualmente a barba, que usa toda; é um perfeito typo do homem meridional; os cabellos, que vão embranquecendo, eram completamente pretos, a tez morena e corada, mas não animada. A figura apresenta uma grande corpolencia, cabeça volumosa e um tanto enterrada em largos hombros, a estatura pouco acima da mediana. Na presidencia da camara tem certos ares paternaes e

gestos arredondados, aos quaes uma voz forte e retumbante augmenta a expressão.

O todo corresponde á idéa de um orador poderoso, capaz de dominar o tumulto das grandes assembléas e fascinal-as. A linguagem turgida, que de ordinario emprega, as grandes phrases de effeito, a emphase, a voz cheia e energica, são qualidades de todos os tribunos e que jámais deixaram de colher os applausos dos francezes, de seduzil-os e subjugal-os.

Preside á camara de gravata branca e de casaca, como tambem o presidente do senado, e nunca deixa a cadeira durante toda a sessão. Quasi sempre está de pé, não só para descansar, como principalmente para falar, explicar, dirigir os debates e dar frequentes apartes. Si ha funcção que não se possa denominar *sinecura* é aquella.

O presidente da camara dos communs em Inglaterra é o homem politico mais conceituado como moderado, justo e imparcial. E' eleito por accordo dos partidos, depois de bem pesadas as qualidades e condições dos candidatos. Uma vez eleito, não é mais *tory* ou *whig*, governista ou opposicionista, mas o presidente dos communs, a garantia de todos, o cumpridor fiel e imparcial do regimento, o observador rigoroso dos costumes do parlamento. Aqui o presidente da camara considera-se o representante do governo; durante a restauração (não falando do se-

gundo imperio) a nomeação pertencia ao rei ; é sempre um politico resoluto, decidido, apto para auxiliar o governo em detrimento da liberdade e das franquezas da tribuna.

O presidente do senado é o Sr. Léon Say, neto do grande e celebre economista João Baptista Say, filho de outro distincto economista, Horacio Say, que esteve algum tempo em nossa patria, autor do conhecido trabalho sobre as relações commerciaes entre a França e o Brasil. E' tambem economista illustre; foi prefeito de Paris depois da guerra, ministro da fazenda durante a presidencia de Thiers, e no ministerio Buffet. O Sr. L. Say tem uma physionomia sympathica, e a moderação e bondade que seu todo revela, contrastam com o tom rispido e arbitrario a que como presidente á moda franceza se julga obrigado.

No principio desta sessão, que acaba de encerrar-se, portou-se com tolerancia e cordura; correu logo o boato que seria substituido pelo Sr. Freycinet, ex-presidente do conselho de ministros, a quem queriam recompensar o procedimento cavalheresco e generoso para com os seus ex-collegas do governo e maioria da camara. O Sr. Say teve de sujeitar-se aos estylos.

Achei-me presente n'uma sessão em que um orador da direita, depois de ter falado tres horas na vespera,

continuou o discurso por mais duas horas, ao que já me referi. Era um senador bastante excentrico, mas falou perfeitamente na ordem, embora com o maior desagrado e impaciencia dos membros da esquerda. Foi lastimavel ver o presidente do senado procurar os pretextos os mais inaceitaveis para chamar o orador á ordem até que podesse justificar a proposta, que fez, de se lhe retirar a palavra! Fiquei estupefacto! Era uma violencia e uma injustiça: o senado por mui pequena maioria conservou a palavra ao orador. Como se sabe, a maioria governista no senado é mui pequena e vacillante.

Com similhante systema é difficil a liberdade de tribuna.

Assisti tambem á sessão da camara em que foi expellido pela força publica o deputado legitimista Baudry d'Asson, a quem se tinha imposto a pena de quinze dias de suspensão do direito de deputado. O assumpto foi tão perfeitamente exposto na excellente correspondencia politica do *Jornal do Comercio*, que supponho os leitores tel-o-hão conservado na lembrança. Este deputado ultramontano denominou o governo—arrombador de portas. A expressão, que recordava os então recentissimos assaltos aos conventos e arrombamentos de suas portas, poderia ser aspera, ser anti-parlamentar, ser o que quizerem, mas não justificar tal violencia, a applica-

ção da pena mais severa e grave contra o representante da nação, sua exclusão, a suspensão de seu mandato.

Todos os jornaes discutiram este caso, mas só deram attenção á execução da pena, isto é, ao facto da entrada de soldados no recinto das sessões e de lançarem a mão n'um representante do povo. Tendo as galerias, sem excepção, sido evacuadas, achei-me na passagem do pelotão que entrava em numero de cincoenta e tantas praças. Não assisti á scena deploravel de que foi theatro o recinto dos legisladores.

Quanto a mim, devo confessar que, uma vez applicada a pena, sob as fórmas legaes prescriptas no regimento, o procedimento do deputado recalcitrante foi indesculpavel. O que diremos, porém, dessa monstruosa penalidade? A primeira questão foi a unica que vi tratada nos jornaes de todos os matizes; a segunda, a verdadeiramente grave, não impressionou a ninguem.

O anno passado occorreu em Inglaterra facto analogo. Todos estarão lembrados das difficuldades que surgiram para a admissão na camara dos communs do Sr. Bradlaugh, que, declarando-se atheu, recusou prestar qualquer juramento invocando a divindade. Depois de varios incidentes, o deputado entendeu tomar assento. Foi preso e não offereceu a menor re-

sistencia. Devemos, entretanto, notar que, não tendo prestado juramento, não era ainda deputado, e, dado que fosse, era ao presidente da camara que desrespeitava e não ao governo.

Muito mais applicavel ao caso do Sr. Baudry d'Asson foi o que aconteceu em Inglaterra em 1823 entre dous personagens conhecidos, Canning e lord Brougham. Este, que era impetuoso, disse um dia que a presença de Canning no gabinete era a mais monstruosa baixeza, de que offerecia exemplo a historia das tergiversações politicas.

— E' mentira ! replicou Canning.

O presidente e os respectivos correligionarios pediram em vão aos dous adversarios que retirassem as expressões ; não conseguindo, deveriam ser presos. Um deputado, porém, observou que lord Brougham se havia referido a Canning não em sua qualidade de membro do parlamento, mas na de depositario do poder. Trocadas explicações neste sentido, o incidente terminou.

Ha nisto alguma cousa mais do que uma excentricidade ingleza ; ha o reconhecimento de um grande e fundamental principio do regimen parlamentar — a plena e inteira liberdade do deputado em face do governo. O deputado é o fiscal dos agentes do poder e especialmente dos ministros ; deve ser revestido de todas as garantias para completa a liberdade na mani-

festação de suas idéas, pelas quaes é declarado irresponsavel.

No caso de que tratamos em França o presidente da camara poderia ter chamado o deputado á ordem, tel-o advertido, mas nunca impôr-lhe a mais grave das penas, a exclusão e prisão de um mandatario de nação.

VIII

Continuação do assumpto precedente.—Os presidentes das camaras e dos tribunaes judiçarios em França.—O opportunismo, seu chefe, o Sr. Gambetta.—Modo expedito por que procedem as camaras francezas.—Facilidade em acompanhar as suas discussões ; difficuldade entre nós.— Os longos discursos, as theses geraes e abstractas da politica.

PARIS, JANEIRO DE 1881.

Impressiona desagradavelmente na direcção das camaras francezas ver os presidentes confiar as questões regimentaes á decisão da maioria ; não assumem responsabilidade alguma ; tudo submettem á votação. Para o geral dos francezes o regimen parlamentar é simplesmente o das maiorias. A soberania do povo tem aqui significação especial ; a maioria deve governar sem contraste ; toda a contradicção ou opposição irrita ; deve ser esmagada e aniquilada. A responsabilidade das maiorias, sendo impessoal, é nenhuma : tudo decidem segundo a impressão do momento, a conveniencia, o ardor, a inspiração da occasião ; o que hoje dizem branco, amanhã dirão preto. Só os presidentes podem garantir as opposições pela fiel e escrupulosa observancia do regimento e dos costumes parlamentares.

Na nossa camara dos deputados temos tido por vezes alguns desvios deploraveis a lastimar, mas na direcção do senado podemos louvar tudo ou quasi tudo sem reserva: é justiça que devemos aos presidentes daquella illustre assembléa.

Não é sómente nas camaras legislativas que se revela o modo peculiar dos francezes em comprehender a missão dos presidentes. Elles intervêm constantemente nos debates, dando verdadeiros apartes, interrompendo, dizendo graças, provocando o riso. Nos tribunaes judiciarios o systema é quasi o mesmo: os presidentes não conservam a calma e a imparcialidade necessarias, antes manifestam claramente o seu juizo no modo, no tom de dirigir perguntas aos réos, aos indiciados e ás testemunhas. Interrompem, intimidam; são ora espirituosos, ora terriveis e ameaçadores, como si não fosse sua missão a mais estricta imparcialidade e impassibilidade no descobrimento da verdade.

Confesso que este systema nem sempre me agrada, embora reconheça quantas vezes são os presidentes dos tribunaes que obrigam os réos a declarar os crimes.

O Sr. Gambetta reúne inquestionavelmente os predicados que aqui exigem no presidente da camara dos deputados. Um, sobretudo, possui no mais alto gráo — o prestigio, a influencia preponderante e

decisiva no seu partido. E', como já dissemos, o chefe da nova escola do *opportunismo*.

Eis-ahi uma palavra que resume toda a sciencia politica, e que, entretanto, cousa singular! desagrada-me absolutamente. Na verdade, as doutrinas, que formam o systema de um partido politico, não são uma sciencia abstracta, cujos principios se devam applicar rigorosamente em todas as occasiões, sejam quaes forem as condições da sociedade. Ter em conta taes condições, saber pesal-as, e distinguir quaes as medidas a empregar em certas e determinadas circumstancias, constitue a propria funcção do homem politico, para quem a oportunidade é elemento essencial. Formar, porém, desta circumstancia, isto é, da oportunidade uma theoria especial, um partido exclusivo e distincto, é arvorar uma bandeira para cobrir todas as apostasias e deserções. Sou hoje radical, faço opposição ao governo em nome de certos principios; amanhã consigo o poder, declaro-me opportunistas e a nada mais estou obrigado.

O que me admira neste grande successo do *opportunismo* é a sua rapida fortuna. Uma phrase bem achada, uma legenda, mais ou menos feliz, fazem as delicias deste povo.

Parece-me, porém, mui natural a evolução que se operou no Sr. Gambetta. Começou a sua carreira politica como simples advogado, pobre, desprotegido,

avido por uma occasião que lhe permittisse apparecer. A oportunidade veio cedo n'um processo politico, desses que eram vulgares durante o segundo imperio. O Sr. Gambetta, como advogado politico, foi multado, condemnado á prisão; mas falou, e, o que é mais, fez falar de si; estava consagrado. Apenas houve alguma liberdade eleitoral, Marselha e Paris o elegeram deputado em 1869.

Hoje o Sr. Gambetta não é mais o tribuno de 1863, na occasião dos primeiros processos, nem o de 1869. Como presidente da camara dos deputados, reside no palacio Bourbon, é rico, dá festas deslumbrantes, já teve rei á sua mesa, e os grandes personagens politicos estrangeiros, que vêm á Paris, solicitam audiencias, visitam-n'o e aceitam seus jantares. E' homem de quarenta e tres annos, gordo, corpulento; vive bem, sente-se satisfeito; é chefe de um grande partido, o primeiro personagem da republica; ninguem lhe faz sombra; não tem sido presidente do conselho, porque não quer; não é presidente da republica, porque preferiu que em seu logar fosse eleito o Sr. Grévy. Como um homem desses ha de ser radical! Tanto mais feliz quanto achou uma palavra para disfarçar a evolução que se operou no seu espirito e nas suas idéas, e este povo intelligente e atilado para se deixar enlevar por essa antigualha politica, que, transfor-

mada n'um neologismo, tomou ares de novidade—o opportunismo(*).

As sessões das camaras começam ordinariamente ás duas horas da tarde. Não ha chamada; lê-se a acta, que, como no Brasil, ninguem ouve. Um ou outro deputado faz ás vezes breves observações, o presidente dá conta summaria de um pequeno expediente e entra-se logo na ordem do dia. Tudo isto occupa poucos minutos. Acontece mui frequentemente que a ordem do dia esgota-se antes da hora habitual de findar as sessões, que é das cinco ás seis horas. Este anno li em varios jornaes censuras ás camaras pela rapidez com que discutiram e aviaram o orçamento. O *Economista Francez*, do conhecido escriptor o Sr. P. Leroy-Beaulieu, fez disto accusação formal. Eis-ahi uma censura que no Brasil jámais se fez ás nossas camaras: discutirem ambas o orçamento em

(*) Estou certo que a recente dissolução do ministerio Gambetta não influirá para que ao leitor pareça exagerado este juizo sobre o famoso tribuno. O conceituado correspondente politico do *Times* em Paris, escriptor de grande sagacidade, ainda agora falando de Gambetta, dizia o seguinte: « Muito se discutiu o que seria o Sr. Gambetta no governo, si consul, presidente perpetuo, protector, stathuder, ou cezar; nada, porém, acontecerá agora. » Estava então empenhada a luta perante a camara e a derrota do ministerio era infallivel. Não se crêa, porém, que aquella grande individualidade deixará de pezar nos destinos da França porque se dissolveu o ministerio que presidia.

poucos dias ! Tambem ahi é facto rarissimo esgotar-se a ordem do dia.

Deve-se notar que o orçamento da França não está longe de attingir o algarismo verdadeiramente colossal de tres milhares de milhões de francos. Tenho comigo o projecto do orçamento deste anno, um enorme volume de 1752 paginas. E' apresentado depois de perfeitamente organizado ; a commissão da camara, que o estuda, faz um trabalho serio e consciencioso. Quando, pois, se abre o debate perante o parlamento pouco ha que dizer.

Tambem devo observar que não se toleraria o orador que viesse analysar as verbas do orçamento, uma por uma, para repetir o que todos sabem. Ha bastantes annos lembra-me que um dos chefes mais estimados e populares de um dos nossos partidos, tomando a palavra na camara sobre o orçamento, falou seguidamente mais de cinco horas, e começou sua analyse pela dotação do Imperador até a ultima verba do projecto, sem deixar ao menos de ler todas.

No dia seguinte os jornaes do seu partido traziam os maiores elogios ao prodigioso discurso.

Quem fala sobre todos os assumptos só pôde dizer vulgaridades. O homem politico deve possuir, sem duvida, grande somma de conhecimentos geraes e não convem tornar-se especialista. Não obstante, é inadmissivel que qualquer deputado ou senador se repute

no caso de falar sobre todos os assumptos ; no Brasil tenho visto muitas vezes chegar ao ponto de se tirar disto vangloria. Notei sempre que, dada a discussão de certos assumptos, só os homens que delle têm feito estudo especial occupam aqui a tribuna.

Mas as differenças começam logo entre as camaras francezas e as nossas no modo de distribuir a ordem do dia. Aqui é uma só, e ahi a sessão divide-se em duas, tres e quatro partes. Assim, começa-se pelo longo expediente, apresentação de projectos, requerimentos, urgencias, etc.; segue-se a uma hora, por exemplo, a discussão do credito tal ou tal ; depois, ás duas horas, mais este ou aquelle projecto de lei ; finalmente, ás tres ou tres e meia, a discussão do orçamento, ou fixação de forças de terra ou de mar.

Como acompanhar uma discussão destas, cortada, interpollada, dividida, subdividida ? Aqui, emquanto não se acaba um assumpto não se passa a outro ; não podem, pois, os differentes membros da opposição combinar e distribuir os papeis, revezando-se e alternando-se indefinidamente.

Sempre ouvi accusar os oradores francezes de ler os discursos ou recital-os de cór. O certo é, porém, que, estabelecido o debate, versa sobre o assumpto em discussão, sem digressões, e cada orador, succedendo-se na tribuna, refere-se ás opiniões emittidas anteriormente para apoiá-las ou combatel-as.

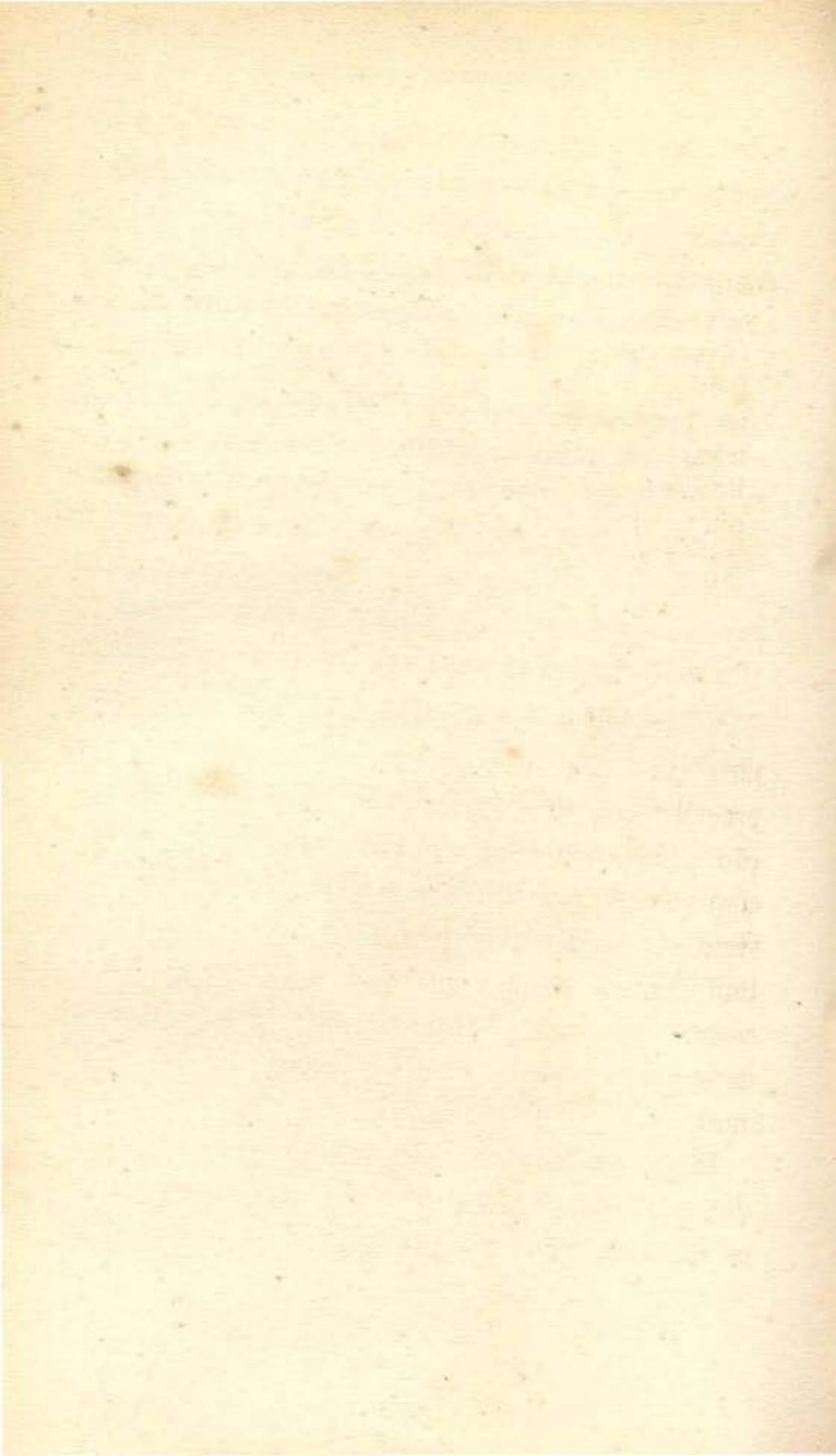
Nas nossas camaras, depois de um discurso de duas horas bem esticadas, segue-se outro, e terceiro e quarto, sem que nenhum dos oradores se preocupe com o que disseram seus antecessores. Este falou das particularidades politicas do Rio Grande do Norte, outro falará das do Rio Grande do Sul, o terceiro sobre a liberdade da navegação de cabotagem, o quarto sobre a instrucção publica. Entretanto, nenhuma destas questões estava em discussão, mas a lei de fixação de forças, o voto de graças ou qualquer outra materia.

Ainda mais, passado um mez depois do discurso sobre o Rio Grande do Norte, outro deputado, aproveitando-se de uma discussão geral, tratará de responder ao seu antagonista ; decorrido ainda outro mez, o primeiro deputado apresentará a sua réplica, e ainda virá tréplica, cada uma de duas horas, e nas occasiões as mais disparatadas.

Outro embaraço á rapidez das discussões que aqui, não vi, é o que consiste nas longas dissertações sobre principios geraes de direito, de administração, de economia politica. Tal orador não dispensa a proposito da mais insignificante questão, a proposito da discussão das verbas do orçamento do imperio, por exemplo, de discorrer largamente sobre theses geraes de instrucção publica ; tal outro a proposito da mais pequena alteração nas tarifas da alfandega discursará

sobre os systemas proteccionistas e da liberdade do commercio, e virá a terreiro toda a contenda desde a politica financeira de Colbert até a historia de Cobden e o triumpho de R. Peel. Este methodo era tambem muito do agrado das camaras francezas da restauração e da monarchia de julho. Devo, porém, declarar que nas muitas vezes que assisti agora ás sessões nada vi neste genero. Depois da discussão geral de qualquer projecto, os artigos eram discutidos com sobriedade e precisão por todos os oradores, succedendo-se muitos no mesmo dia, falando com naturalidade e propriedade. Nunca as eternas regras que Cicero formulou no seu livro *De Oratore*, de accommodar o estylo ao assumpto, deixaram de ser observadas.

Tambem nunca ouvi discutir questões de politica local, que não estão na altura de tomar o tempo ao parlamento, e menos gastar dias com discussões pessoaes.



IX

Continuação do assumpto precedente.—A eloquencia franceza.—Berryer.—Julio Favre.—Thiers.—Julio Simon.—Chesnelong.—Rouher.—Discursos lidos ou decorados.—O duque de Broglie.—A recepção do autor comico Labiche na Academia Franceza.—O Dr. Clémenceau, chefe da extrema esquerda.—Os tribunos.—Discursos ouvidos ou lidos.—O senado francez.—Relação directa entre a superioridade dos eleitores e dos eleitos.—Exemplos da America do Norte e da França actual.

PARIS, JANEIRO DE 1881.

A eloquencia franceza teve sempre a reputação de usar de tom emphatico, campanudo, empolado, e de procurar conceitos e phrases de effeito. Esta observação póde applicar-se a quasi toda a litteratura franceza, á poesia, ao theatro, ao romance ; em tudo este vicio se revela, e os francezes difficilmente o evitam. Parece mesmo que não fazem idéa justa do sestro, que nelles é caracteristico. Em muitos oradores a pronunciação do discurso resente-se do mesmo mal.

Devo confessar, porém, que, afóra o tom ás vezes demasiadamente grave e turgido, procurando o effeito, os discursos têm sempre muito movimento, e os ora-

dores muita arte em pronunciar-os com animação e flexibilidade.

Na minha primeira estada em França, nos fins do segundo imperio, ouvi o velho Berryer. Morreu pouco tempo depois, com setenta e oito annos de idade. Ainda apresentava, porém, na figura e no excellente organ vocal, não de todo privado do pristino cunho, parte dos dotes a que deveu grande quinhão nos seus triumphos oratorios. Era orador de fórmãs graves e solemnes no gosto da geração a que pertenceu.

O Sr. Rouher, então ministro applaudido e festejado, orava no mesmo tom, bem como Julio Favre. Com elles contrastava notavelmente Thiers, cujo modo de discorrer na tribuna tornou-se conhecido e proverbial.

Voltando agora, depois de quasi treze annos, a assistir ás sessões, pareceu-me que o segundo methodo vai tendo mais adeptos. Todos os extremos são viciosos, é principio que ainda aqui tem applicação. Póde-se considerar que o Sr. Julio Simon g arda com bastante criterio o justo termo, bem que lhe faltem muitas das qualidades exteriores do orador.

O Sr. Chesnelong, deputado outr'ora da maioria na camara de Napoleão III, e hoje senador legitimista ardente, usa do systema sesquipedal, solemne e tumido, apreciado pelos seus correligionarios, que muito o applaudem.

Ouvi ainda agora o Sr. Rouher. Como fallava então festejado, como se vê hoje decahido! O proprio physico mudou bastante, emmagreceu e envelheceu muito. Assisti naquella época responder a Thiers, e defender a pessima politica imperial antes e depois de Sadowa. Como era phreneticamente applaudido e apoiado! Passava pelo primeiro orador do tempo, politico sagaz, energico e resolutu. Sempre assim o successo! e a historia, é doloroso dizel-o, não é sinão a consagração do successo. Viu-o agora tomar a palavra e defender uma commissão da camara, que bem procedêra n'uma accusação ridicula lançada contra o deputado Emilio de Girardin, o decano dos jornalistas francezes, ao que já me referi. Immediatamente um dos membros da commissão pede a palavra, e repelle a defesa como partindo de um bonapartista.

Disse que os discursos são sempre bem recitados. Vi ler discursos, que si ouvira sómente não poderia suspeitar que eram lidos. E' bom dizer que aqui se improvisa perfeitamente bem, e que, si ha discurso lido ou decorado, os jornaes são implacaveis em dizel-o. Como é de personagem importante, trarei um exemplo. Eu sabia que accusavam o duque de Broglie de decorar discursos. Tratava-se da politica franceza nas relações exteriores, e este orador pronunciou um excellente discurso de grande fundo de sensatez. Tem elle um defeito physico na pronunciação e não

é orador brilhante; mas, ouvindo-o, era impossível dizer que estava recitando discurso decorado, tanto a entoação acompanhava o sentido e parecia ver-se a espontaneidade na escolha dos termos e na enunciação do pensamento. E o discurso era decorado, segundo se affirmava.

Na Academia Franceza assisti á recepção do autor comico Labiche; o discurso foi lido, nem podia deixar de ser. Era, entretanto, um dialogo recitado com toda a variedade de inflexões de voz. O auditorio, immensamente inclinado á benevolencia, como todos que alli vi reunidos, ria-se, como se assistisse a uma das espirituosissimas comedias do orador, que, entretanto, falava serio, fazendo o elogio historico de seu antecessor, de Sacy, o que nada tinha de comico. Ouvi os Srs. John Lemoine, Maxime Ducamp e Caro lerem discursos nessa e n'outra sessão, e o systema era sempre o mesmo e tambem o do auditorio.

Os magnificos discursos do nosso intelligente patricio o Sr. Salles Torres-Homem tambem eram decorados; mas elle os recitava pessimamente, com tal monotonia de gestos e de expressões, que a ninguem illudia.

Ouvi orar o Dr. Clémenceau, o mais conceituado chefe da extrema esquerda da camara, o antagonista mais poderoso de Gambetta. Agradou-me bastante. E' orador claro, preciso, scintillante e de muito espi-

rito e animação. Ao ouvi-lo, parecia-me ter diante de mim um dos mestres da scena franceza a recitar um monologo: tanta era a animação, a volubilidade e a flexibilidade da voz.

Infelizmente nem o physico, nem a voz, nem a eloquencia do Dr. Clémenceau são as de um tribuno. Nestes dotes fica a perder de vista do seu afortunado adversario. O Dr. Clémenceau tem voz clara, bem timbrada, que se ouve distinctamente e com prazer; mas não possui o volume retumbante e cheio, o tom grandiloquo do Sr. Gambetta: é homem de estatura abaixo da mediana, rosto redondo, maçãs salientes, nariz pequeno, cabeça notavelmente redonda, testa arqueada; ainda moço, mas calvo e já grisalho.

Os tribunos precisam de outras condições. E' extraordinaria a importancia que as circumstancias exteriores, independentes do talento, da illustração, da honradez, exercem nos auditorios e concorrem para os triumphos da eloquencia; não ha quem não se deixe fascinar e arrastar.

Acaba de ser publicado o primeiro volume dos discursos do Sr. Gambetta. Li a critica, ou antes a noticia que dá uma das personalidades litterarias mais faladas da actualidade. « Eis ahi, diz o escriptor, a origem, o titulo da fortuna do Sr. Gambetta. O poder de sua palavra, sua acção sobre o

publico, são factos indiscutíveis ; qualquer que seja o motivo, o orador domina e impera com autoridade irresistível ; desde as primeiras palavras que pronuncia, o auditorio é seu, a attenção geral o acompanha, ninguem ousa mesmo succeder-lhe na tribuna. E eis hoje os seus discursos impressos. Lemos e ficamos estupefactos. Como ! não passa disto ? Foi com estas phrases que aterrou o imperio, combateu a Prussia, conquistou a omnipotencia ! Estudamos com mais attenção ; achamol-as taes quaes, nem mais logicas, nem mais eloquentes do que as dos duzentos ou trezentos advogados, cuja ambição iguala á sua, sem, porém, a mesma felicidade. Ordinariamente, são logares communs de jornaes politicos, cosidos uns aos outros ; nem uma idéa nova, nem uma dessas inspirações originaes que descortinam o futuro : tudo fluctua entre a declamação e a pretensão scientifica.

« O nosso espanto, a nós escriptores, é, pois, sem limites, quando se nos põem sob os olhos taes documentos, que estão sujeitos á nossa competencia, e se nos diz : — Eis ahi o monumento, julgai da grandeza do deus. Pois bem, pensamos que, abstracção feita da acção oratoria innegavel, do magnetismo que exerce sobre o publico, a eloquencia do Sr. Gambetta é muito mediocre, uma eloquencia como muitas encontraríamos nas nossas assembléas

contemporaneas. Guizot, Thiers, Jules Favre falavam melhor, e hoje ainda citar-se-hiam, pelo menos, na mesma plana, os Srs. Julio Simon e Clémenceau. »

De Cicero contavam os contemporaneos anecdota inteiramente diversa. Tendo sido condemnado e bandido um réo que defendeu, elle lhe remetteu no exilio um exemplar do discurso que pronunciára em sua defesa. — Si fosse este, não estaria eu aqui, observou o condemnado depois da leitura. — Sabemos, entretanto, que Cicero fascinava as assembléas. Si, pois, seus discursos eram bons, tanto ouvidos como lidos, é justa a fama que acompanha o seu nome.

Podemos, porém, ter como certa a desillusão que sentimos ao ler os discursos dos tribunos : são como os actores, só em scena devem ser julgados.

Não convem terminar esta noticia sobre as camaras francezas sem uma ultima observação, para a qual chamamos a attenção dos homens politicos do Brasil. A França tem tido por vezes assembléas unicas, o poder legislativo exercido por uma só camara, como hoje a Grecia. Os seus escriptores ultrademocraticos são todos contrarios á dualidade das camaras. Agora mesmo o partido intransigente, sempre que o senado põe obstaculo a alguma pretensão mais ousada ou temeraria da camara dos deputados, eleva a bandeira da suppressão daquella corporação.

São palavras sem echo; e, tanto quanto se póde prever do futuro com os dados do presente, o senado francez não corre nenhum risco. Eu mesmo me admiro que entre tantas theses demagogicas do partido intransigente a suppressão do senado figure com tão pouca insistencia, e esteja como que esquecida ou no segundo plano.

Parece-me que este facto provém da grande autoridade que exerce o senado e da sua incontestavel superioridade sobre a camara dos deputados. O senado é corporação suspeita á democracia exaltada; para ser tolerado é indispensavel que seu pessoal se compo-nha do que a politica tem de mais notavel. E' justamente o caso do senado francez.

Ouvi no Brasil citar muitas vezes a opinião de A. de Tocqueville sobre a camara e o senado da grande republica americana; emquanto a primeira só tem homens desconhecidos e vulgares, a segunda reúne os nomes mais prestigiosos da politica, de modo que as duas camaras offerecem aspectos inteiramente diversos. As camaras são eleitas pelo suffragio universal, directo, em circulos de um deputado, e o senado pelas legislaturas de cada estado da União. Deste facto concluem no Brasil para a superioridade da eleição indirecta. Quem assim pensa nunca leu Tocqueville, de cujas idéas estava mui longe tal conclusão. O que aquelle entusiasta da democracia americana

queria demonstrar era a superioridade dos eleitos em relação com o nível superior dos eleitores.

O actual senado francez compõe-se de trezentos membros, dos quaes setenta e cinco são vitalicios, ou inamoviveis, como aqui se denominam, e duzentos e vinte e cinco eleitos por nove annos, fazendo-se as eleições de tres em tres annos e as substituições por séries.

Os senadores vitalicios são eleitos pelo proprio senado á medida que se dão as vagas; os temporarios são eleitos em collegios reunidos nas capitaes dos departamentos e compostos: 1º, dos respectivos deputados; 2º, dos conselheiros geraes (membros dos conselhos geraes do departamento); 3º, dos conselheiros *d'arrondissements*; 4º, dos delegados eleitos pelos conselhos municipaes, d'entre os eleitores da communa, na razão de um delegado por conselho. Os deputados são eleitos em circulos singulares e por suffragio universal. Inquestionavelmente ha de haver grande differença entre os eleitos de corpos tão differentemente compostos. O collegio eleitoral de que sahe o senador é sem duvida bem organizado; um politico insignificante, uma nullidade, não terá força para se fazer eleger. O mesmo acontece nos Estados-Unidos; as legislaturas, tendo de escolher os dous senadores que dá cada estado, são natural-

mente levadas a preferir os politicos mais salientes e importantes que bem os representem.

Percorrendo a lista dos senadores deste paiz, satisfaz ver a grande quantidade de homens verdadeiramente notaveis que compõem o senado ; póde-se dizer que está alli quanto a politica offerece de mais illustre. Mui diversa é a composição da camara dos deputados, e os francezes mostram-se tão preocupados com este abaixamento do nivel intellectual dos seus representantes, e do espirito egoistico, estreito e de *particularismo* que têm revelado, que imaginam meios de destruir os circulos, conforme já apontámos.

N'um grande districto, ou n'um collegio composto de cidadãos notaveis, o candidato precisa ter certa estatura moral e intellectual para ser aceito ; n'um circulo estreito a mediocridade barulhenta e trefega obtem tudo. Accusa-se a camara actual de conter grande porção de medicos de aldêa, e maior ainda de advogados palradores e mediocres, aguias nos seus campanarios.

Deve-se ter bem presente que a eleição é directa, que estamos em plena democracia, e que, entretanto, ninguem entende serem estas duas condições indispensaveis para circulos singulares. Estou persuadido que a repetição da experiencia de 1856 será má para nós, e que os grandes resultados espe-

rados da eleição directa serão mui reduzidos por este e outros accessorios da lei que actualmente se discute ahí (*).

(*) A grande vantagem que a primeira experiencia da eleição directa apresentou em 31 de outubro ultimo deslumbrou e surpreendeu por tal fórma o espirito publico, que a nada mais se attendeu sinão á especie de renascimento da vida politica, do que parecia não haver mais reminiscencia. Para o observador attento, porém, os inconvenientes dos districtos de um deputado ficaram ainda assim patentes. Não de aggravar-se com o tempo, e já se mostraram mais claros nas eleições para deputados provinciaes. Nesta primeira experiencia apresentaram-se candidatos os antigos nomes consagrados pelas lutas da tribuna e da imprensa; as candidaturas locaes ainda não conheciam o terreno, nem haviam medido suas forças. Por outro lado, os eleitores entravam de chofre na lucta com os rotulos das antigas campanhas eleitoraes, e, pois, divididos em campos differentes e distinctos. No futuro as distincções se irão apagando: é da lei que derivam seu direito, ou antes de suas condições pessoaes e, pois, o voto não pertencerá a partido algum, mas ao amigo, ao vizinho, ao compadre, em summa, os interesses sociaes e politicos desapparecerão e o eleitor só attenderá ás suas inclinações pessoaes.



Um inverno em Paris.—Imitação dos costumes inglezes.— Proceder differente da Inglaterra ; afferro aos costumes e habitos nacionaes. — Impressão de um recémchegado do Brasil em Inglaterra. — A cidade de Londres. —O lago Lommond nas vizinhanças de Glasgow.— Reminiscencias de W. Scott.—Viação publica.—Um modelo de linguagem *yankee*.—Um aphorismo de Brillat Savarin.

PARIS, JANEIRO DE 1881.

Depois de um abaixamento rapido de temperatura na entrada do inverno, que crestou as folhas das arvores e as despiu de repente, o tempo mudou ; quasi desapareceu o frio, apagaram-se os fogos nos aposentos, e não se diria que nestas regiões atravessava-se o inverno, tão branda era a temperatura. Em compensação, durante todo esse tempo, quasi tres mezes, choviscava dias inteiros, e um nevoeiro espesso, constante, que nenhum vento dissipava e mal diminuia ás vezes, mergulhava tudo em sombras e tristeza. No principio deste mez, porém, o thermometro baixou de novo, cahiu abundante neve, o tempo esfriou, desvaneceu o nevoeiro, os dias tornaram-se claros, e finalmente viu-se o sol dardejar seus raios brilhantes, mas privados de calor.

Foi um contentamento geral. As ruas encheram-se de passeantes ; os jardins publicos, onde ha tanques, coalharam-se de patinadores de toda a especie. Entretanto, verdadeiramente bello, só vi um dia ; esse, porém, esplendido, de um encanto particular de novidade para nós filhos da natureza callida do Brasil. As ruas ficaram cobertas de neve, cuja alvura o grande attrito dos vehiculos não tinha ainda convertido em lama. Os telhados estavam brancos, os jardins, as arvores.

A grande avenida dos campos Elyseos, do bosque de Boulogne, e principalmente o mesmo bosque em toda a immensa área que occupa com denominações differentes, brilhavam com alvura deslumbrante aos raios limpidos de um sol incomparavel. Os patinadores apinhavam-se no grande lago, que o gelo consolidára ; carruagens, como nos bons dias da primavera, enchiam as avenidas ; varios trenós desfilavam rapidos sobre a neve, que avidos tinham esperado tanto tempo gozando nesse unico dia o especial prazer da classe rica nas zonas mais frias. Os passeantes alegres procuravam na rapidez do andar communicar algum calor ao corpo, que o ar glacial enregelava sempre.

A temperatura havia descido durante a noite anterior cerca de quatorze grãos abaixo de zero, e durante o dia não se elevára acima de sete. Na noite desse dia fui ao theatro. Ao terminar o espectaculo, cousa sin-

gular! o frio diminuíra, o degelo era completo, uma lama viscosa substituiu a neve. E foi esse até hoje o unico dia bonito, desde o começo do inverno.

Não é, porém, sempre assim; fallo do que vejo. O frio ainda continuou durante todo este mez: neve, gelo, degelo, grande difficuldade no transito das ruas, um trabalho enorme da municipalidade para afastar, transportar e reunir a neve. No inverno passado cahiu durante vinte e quatro horas consecutivas com intensidade desconhecida nesta cidade; sobreveiu frio intenso, a neve endureceu e converteu-se em gelo, cobrindo as ruas em espessura consideravel.

Pelas contas da municipalidade apresentadas este anno, vê-se que despendeu então na remoção da neve tres milhões de francos, 1.200:000\$, e o resultado foi nullo, ou quasi! A circulação nas ruas só tornou-se facil com o degelo natural.

Aqui a neve é quasi sempre um accidente; nos campos conserva-se porque a temperatura, embora se eleve, não a dissolve tão rapidamente, que outra camada não venha a cair e augmentar a quantidade já existente. Nas cidades mais ao norte da Europa as condições são outras. Os carros transformam-se em trenós e as municipalidades tratam da neve nas ruas como do caminho natural, procurando mantel-a nivelada, destruindo e desfazendo as desigualdades que o transito produz. Quando, porém, o inverno está

a findar, as alternativas de gelo e degelo não deixam de causar embaraços serios.

Nós não fazemos idéa das alterações que soffre aqui a temperatura em algumas horas. Uma vez, estando em Paris, no mez de junho, o tempo tornou-se quente, abafado, e depois de marcar o thermometro nas horas mais callidas, ás duas da tarde, trinta e dous grãos centigrados desabou uma longa, e, para aqui, grande trovoada. Seguiu-se chuva miuda, e no dia seguinte, á mesma hora, o thermometro marcava treze grãos ! Isto é, em vinte e quatro horas tocava aos extremos de elevação e abaixamento do Rio de Janeiro. Devo dizer que, não sendo tão humida a atmospherá, estas grandes differenças são talvez menos nocivas do que ahi a de muito menor numero de grãos.

Paris foi sempre a cidade dos prazeres do inverno. Emquanto em Inglaterra a aristocracia e a sociedade elegante demoravam-se nos castellos e casas de campo, os homens nas delicias de perseguir raposas, nessa vertigem homérica que arrasta centenaes de cavalleiros montados nos mais admiraveis e rapidos cavallos, precedidos por matilhas de primor, atraz do astuto animal, e as senhoras em recepções, saráos e hospedagens principescas, em França, apenas começava o inverno, a sociedade elegante abria os salões e inauguravam-se os prazeres desta estação em

Paris. Ainda hoje nem toda a gente rica e todo o mundo elegante vai para Nice, para as diferentes cidades do Mediterraneo, fugindo do frio e do nevoeiro, peor do que o proprio frio. Aqui se acham ; frequentam a opera, o theatro, mas nem dão jantares, nem bailes, nem recebem, sinão na mesma época em que tudo isto se faz em Londres.

E' notavel esta mania de imitar a Inglaterra. O *high life* aqui quer modelar-se pelo de lá ; até o nome é o mesmo. O trajar das senhoras, as modas são francezas ; *os artigos de Paris* não perdem a sua especialidade ; mas agora só se vestem as crianças á ingleza, o que na verdade sempre me pareceu mais elegante. Os homens fazem outro tanto ; ha muitos alfaiates inglezes, mas o grande *chic* é ter o vestuario feito em Londres. Assim, as bellas e excellentes casemiras francezas são substituidas pelo panno inglez, a que só o feitio dá valor.

E' preciso ter em conta que são innumerós os inglezes que vêm a esta cidade, e em Londres são raros os francezes ; mas, para quem visita as duas capitaes a diversidade do character dos dous povos resalta á primeira vista. Aqui encontram-se nomes inglezes por toda a parte, estropiados do modo o mais grotesco ; ha ruas com os nomes de muitos heróes da Inglaterra, e ao passo, por exemplo, que não irrita a esta democracia que uma avenida se denomine—Victoria—não

póde ella soffrer que haja rua Bonaparte, aliás o nome revolucionario de Napoleão, e sendo-lhe impossivel riscal-o da historia, vai a municipalidade contentando-se em riscal-o nas esquinas das ruas, o que não deixa de ser mais facil.

Os hoteis quasi esgotaram o calendario de nomes inglezes; muitissimas casas de commercio são inglezas, e vendem ou pretendem vender artigos inglezes.

Uma vez conversava eu com uma senhora da sociedade, e como a conversação versasse sobre cousas inglezas tive a simplicidade de perguntar-lhe si havia sido educada em Inglaterra: o sotaque era inteiramente inglez.—Não, senhor; estive em Londres alguns mezes, em 1870, durante a nossa terrivel guerra, me disse ella.

Era um *chic* que não me tinha passado pela cabeça! Entretanto, o cumulo do espanto para mim foi ouvir uma patricia nossa residente em Paris, fallar portuguez com sotaque inglez!

Isto me fez lembrar o que me disse um francez: que o estrangeiro em Paris quer ser mais parisiense do que os mesmos parisienses, e que exagera todos os seus modos, habitos e costumes.

Ha annos desembarcava eu em Inglaterra vindo directamente do Brasil; tencionava dar um passeio pelo centro do paiz e pela Escossia. Entre alguns livros

desejei reler os que já conhecia, principalmente os *Estudos sobre a Inglaterra* de Léon Faucher e a obra de Léonce de Lavergne sobre a agricultura na Inglaterra, Escóssia e Irlanda.

L. Faucher foi varias vezes ministro em França; era um economista e escriptor distincto; os seus *Estudos sobre a Inglaterra* podem ser lidos ainda hoje; embora datem de 1844, despertam interesse, e são uteis para o estudo das questões ingleza, politica, economia, industria, commercio, etc. Léonce de Lavergne falleceu ha pouco senador vitalicio: é um nome europeu. Principalmente tornou-se conhecido como economista agronomo, e sua obra capital, ao lado de uma sobre a agricultura franceza, era essa que escreveu sobre a Inglaterra.

Entrei em muitas das innumeradas livrarias de Londres e não encontrei um exemplar dessas obras! Na maior parte, apenas dizia que procurava livro francez, respondiam-me logo:—Em francez nada temos. Fui á succursal que alli possui a conhecida casa Hachette & C.^a, e informaram-me que em Londres só encontraria em francez alguns livros de litteratura (romances) e de sciencias, especialmente de medicina. Mandei buscar os livros a Paris;—foi o recurso que tive.

Não admira que alli não se vendam jornaes francezes e que aqui em toda parte se encontrem os inglezes; basta os leitores desta nacionalidade para explicar

o facto. Lembra-me, porém, ver sempre os ultimos numeros da *Revista dos Dous Mundos* em varios livreiros de Berlim, Vienna, Haya e em cidades da Italia; nunca vi um só exemplar nos mostradores das livrarias de Londres. Sem fallar desta *Revista*, de character especial, deve-se reconhecer a superioridade dos diarios inglezes sobre os francezes na variedade, universalidade e exactidão das informações.

N'uma estada passageira em Inglaterra, aliás mais prolongada do que em geral fazem os viajantes brasileiros, só tive occasião de conversar com inglezes que estiveram no Brasil, e com poucos mais relacionados com estes e com o nosso paiz. Apezar da affabilidade irreprehensivel das maneiras e da reserva na enunciação do seu pensamento, elles não podem occultar o seu espirito exclusivo e absolutamente inglez. Fóra da Inglaterra, dos seus costumes, dos seus homens, a humanidade só offerece um espectaculo inferior. Seria de muito máo gosto para um recém-chegado do Brasil criticar a Inglaterra: nos primeiros tempos o espirito fica como que absorvido na contemplação de tão notavel civilisação, de tão extraordinaria prosperidade e riqueza. As leituras, os livros, os jornaes, as estatisticas não podem falar á imaginação, como a propria vista, que torna tudo sensivel e immediatamente apreciavel. Ainda depois de haver viajado a Europa é um prazer rever os campos da Inglaterra; a cultura

alli é jardinagem, tudo é tratado com minucioso esmero ; parece que se percorre o paiz mais fertil do globo, tal o viço, o frescor das plantações, a belleza das arvores, a admiravel apparencia do gado de toda a especie, sem falar nas casas de campo, nas equipagens sumptuosas, nos cavalleiros elegantes que, em passeio, cruzam as estradas em toda parte, ainda mesmo longe de qualquer cidade ou povoação.

Londres é uma cidade enorme ; como se sabe, a maior agglomeração de casas que existe ; é, porém, destituída de monumentos, no que muito contrasta com o resto da Europa : o parlamento, a abbadia de Westminster, S. Paulo e mais uns dous edificios, eis tudo. Ide, porém, ao Hyde-park na hora dos passeios a cavallo, ou pouco mais tarde no das carruagens, e, para que possais comprehender tão grande apparatus e ostentação de oppulencia é necessario trazer á lembrança que alli, naquella cidade, estão reunidos os possuidores da divida publica de todos os paizes do mundo, os accionistas das mais variadas companhias, de estradas de ferro, minas, bancos, tudo, emfim, que constitue o commercio e a industria nas cinco partes do globo, que alli estão os donos das innumeraveis frotas que cobrem os mares nos differentes portos do universo.

Não é sómente descendo-se ás conhecidas e tão faladas docas, ou subindo-se aos armazens de cinco e

seis andares, onde atopetados se accumulam os varios productos do mundo, que comprehendereis ser aquelle o maior emporio do commercio universal; é preciso descer ao exame dessas mercadorias e observar que até os objectos de uso restricto alli se encontram em cópia tal, que espanta haja consumo e escoamento para tanto.

Estando em Glasgow não se pôde deixar de ir ver o *lock Lommond*, o mais bello dos lagos da Escossia. Em que peze a Walter Scott, as montanhas não offerecem alli o aspecto pittoresco, os contornos caprichosos e variados das serranias da Suissa e da Italia. A vista é um tanto monotona pela regularidade e vulgaridade das fórmas; a falta de bosques tambem concorre para privar-as de graça. Rebanhos innumereveis cobrem essas montanhas e pastam á farta a densa herva, que a humidade mantem. E' um gado especial, miudo, mas robusto, accommodado á rudeza do clima. As nossas melhores pastagens de Minas não poderiam comportar tantas cabeças em espaço tão limitado.

Ao opposto das montanhas, as margens planas do lago são de belleza inexcedivel: é uma successão de casas de campo; de castellos, restaurados muitos, outros construidos ao gosto antigo; parques, jardins, bosques, relva de um verde viçoso e aveludado como só se vê no Reino-Unido. Emquanto o vapor, mais

gracioso e confortavel do que quantos sulcam os lagos da Suissa, percorre o estreito canal ao lado desse panorama, vão-se succedendo tambem os sitios em que se passam as scenas imaginarias do Rob-Roy, que a penna do autor do *Waverley* tem o poder de gravar para sempre na memoria dos seus leitores.

De Glasgow ao lago ha uma curta estrada de ferro. Acompanhando um valle, a estrada passa sob a arcaria do canal Caledonio, que atravessa toda a Escossia, unindo o mar do Norte a Glasgow. Quando seguiamos nos wagons por baixo desse gigantesco aqueducto, um vapor por cima de nós rebocava algumas barcaças, correndo veloz pelas aguas tranquillias do canal. Eramos tres brasileiros e um escossez, que habitára muito tempo o continente e viajava com um dos meus companheiros, notavel estadista do Brasil, já fallecido (*).—Si isto lhes admira, disse o escossez, amanhã lhes mostrarei cousa mais importante.

Fomos nesse dia ver Greenock, o centro das refinações de assucar, onde o producto do Brasil faz a mais triste figura pela sua espantosa inferioridade, como alli verifiquei e em Londres com bastante magoa. Em caminho parámos; nesse logar cruzavam-se quatro estradas de tres systemas differentes. No plano inferior uma estrada de ferro a céu aberto seguia uma

(*) O Sr. visconde de Itaborahy.

direcção; outra n'um plano superior a cortava; por cima de ambas um canal passava sobre as suas possantes arcarias de tijolo, formando um grande aqueducto; por cima do canal estava a ponte da estrada de rodagem, onde o nosso carro havia parado. Só a densidade de população destes logares e a sua incomparavel actividade póde permittir este conjuncto de aperfeiçoamento, esta quasi prodigalidade.

Depois que atravessámos Sheffield, Leeds, Manchester, Glasgow, chegámos a Edimburgo. Que mudança! Um ar puro, uma atmosphaera transparente, um céo limpido substituiu aquellas nuvens espessas de fumo, que nos envolveram por dias consecutivos nesses centros fabris, ou febris da grande industria moderna.

O nosso escossez extasiava-se de ver o nosso extase, que era sincero. Ao chegar a Glasgow nos mostrava de longe as duas maiores e verdadeiramente extraordinarias chaminés: «São as mais altas de Glasgow, nos observava, e, portanto, as mais altas do mundo.» Bem se vê que os *yankees* acharam feito o modelo de sua linguagem.

Já disse que aos inglezes não se devem fazer observações e reparos sobre o que lhes pertence. Um dia, á mesa, me animei a dizer que era pena não viessem tão bellas iguarias convenientemente temperadas, pois eu nunca conseguia no meu prato pô-lhes o sal necessario e escolher bem na variedade de

môlhos, que me cercavam, quaes melhor convinham, nem em que proporção deveria empregal-os :—Pois com este alimento se tem feito os nossos grandes homens, me replicou o nosso, aliás, tão amavel *cicerone*. — Imagine-se o que seriam si outro fosse o seu systema, tornei pela minha vez.

Brillat Savarin é desta opinião :—*Tout le monde mange, mais seulement l'homme d'esprit sait manger*. Não repeti, porém, ao meu archipatriotico companheiro de viagem este aphorismo do autor da *Physiologia do Gosto*, embora me viesse á mente.

Pois, até nisto, quem ha de crer! os francezes procuram imitar os inglezes. Na sociedade já está introduzido o chá ás cinco horas da tarde, para que se espere o jantar ás sete e meia ou oito horas da noite, tudo á moda da Inglaterra. Como brasileiro, eu preferiria uma chicara de café; mas para a sociedade ingleza o café cheira muito a botequim, falta-lhe distincção. Não por este motivo, mas por imitação do *high-life*, os francezes vão se acostumando ao chá (*).

(*) E' muito restricto o consumo de café em Inglaterra. No comprar café em grão os inglezes são mui exigentes; só as melhores qualidades têm aceitação; especialmente usam do café lavado de Ceylão. Quando, porém, torram e preparam o café para tomar, transformam-n'o em bebida tão detestavel, que não admira não se generalisar o uso. Um paiz tão rico poderia, entretanto, ser dos maiores consumidores, as classes operarias com immensa vantagem deveriam substituir o uso das bebidas alcoolicas pelo café, libertando-se de um dos grandes males que a affligem. Era uma revolução no gosto e habitos que deveria estimular a philantropia ingleza.

XI

As estações do Mediterraneo durante o inverno.—As classes operarias e os capitalistas.—Uma excursão na primavera para os recém-chegados do Brasil.—A bahia do Rio de Janeiro e o golfo de Napoles.—Aspecto geral da Europa para quem, vindo do Brasil, a percorre em estrada de ferro. A mineração do ouro e a cultura do café no valle do Parahyba.—Illusão dos brasileiros sobre a fertilidade transitoria dos terrenos virgens.—Agricultura nomade.—Transição da cultura extensiva para a intensiva.

PARIS, FEVEREIRO DE 1881.

Foi certamente por um destes dias frios e chuvosos de inverno, que veio a Xavier de Maistre a idéa de escrever a sua *Viagem ao redor do quarto*. Si estivesse em Portugal, disse Garrett, havia por força de chegar ao menos á janella. Aqui é do que ninguem se lembra. A' luz da lampada, fechadas as persianas, bem corridas as cortinas, para que a indecisa sombra deste interminavel crepusculo não nos recorde o dia, ao crepitar da lenha que nos aquece, não farei viagens pelo quarto; deixo a imaginação transportar-me a tantas que tenho feito nesta velha, e sempre bella e remoçada Europa.

Não é que por prazer se deixe de viajar neste tempo. As estações do Mediterraneo, onde ha sol

e calor, regorgitam de povo; as cidades crescem por encanto, as *villas*, digamos—as chacaras—surgem sumptuosas, e com todos os conchegos e elegancias da existencia. Os ricos ociosos de todo o mundo alli se encontram: russos, inglezes, americanos, francezes, todos para quem o velho rifão — *ubi bene, ibi patria*—está definitivamente aceito.

O estrangeiro não é mais o barbaro, o inimigo; o mundo, apesar das guerras ferozes a que assistimos, tende a tornar-se cosmopolita. A instrucção, as viagens, as commodidades desconhecidas em outras éras, derribam as barreiras; deixa de ter sentido a expressão com que Ovidio designava o impossível: ver o feliz romano beber as aguas do Danubio, o *ultimus orbs*; para elle, então, o fim do mundo!

Outr'ora as tyrannias, a oppressão dos nobres e poderosos, a nenhuma attenção dos governantes para com as classes inferiores da sociedade, esquecendo os seus soffrimentos e impõdo-lhes vexações de toda a sorte, produziram motins, agitações, revoluções violentas. Hoje são outros os cuidados: a disparidade na distribuição das riquezas; os milhares de homens ricos, para os quaes se offerecem todas as commodidades da vida, e que a passam na ociosidade e na ostentaçãõ ao lado de uma classe proletaria, que os grandes centros fabris tornaram numerosissima; o flagrante espectáculo de tanta riqueza e tantas privações não pôde deixar

de produzir as aspirações e utopias de nivelamento, de socialismo, de communismo, de que ha hoje especies differentes. Um publicista notavel condemnava n'um livro recente o crescimento rapido da divida publica dos estados, departamentos e cidades, o que permittia e favorecia a ociosidade dos possuidores dessas sommas enormes. Mas, si não existissem essas dividas elles possuiriam acções de companhias, casas, terras, e a vida ociosa seria a mesma ao lado do trabalho e das privações.

Evidentemente as condições das classes operarias são hoje sem comparação superiores ás de outras épocas; mas então a sua imperfeita instrucção não lhes fazia entrever os problemas sociaes por falsos prismas, e a ausencia de todo o espirito religioso não tirava a resignação nos males presentes com o conforto e esperanças infinitas de uma vida melhor.

Os antagonismos são hoje inevitaveis e cheios de ameaças. Nestes paizes industriaes, de enormes ágglo-merações operarias, o problema é grave. Mesmo na direcção politica dos estados não parecem imaginarios os perigos que se aninham no futuro. Ha nações europeas em que a população operaria dos centros fabricis é superior ás outras classes; possuindo o voto politico, cheia de prevenções contra a actual ordem social, não é vão o perigo a que a civilisação se acha exposta.

Será no futuro um mal para as nações não possuírem a grande industria com as suas populações turbulentas, inflammaveis, sujeitas a todas as crises, e, pois, a todos os excessos? O problema não tem actualidade no Brasil, e é sempre um consolo, já que não possuímos elementos para grandes desenvolvimentos na industria fabril. São desconhecidas para nós as questões sociaes assustadoras destas civilizações adiantadas e destas populações densas. Infelizmente temos outras e não menos temerosas.

Estas reflexões não podem deixar de acudir ao espirito de quem observa a espantosa accumulção de riqueza, cada vez mais consideravel, nos diversos estados da Europa, o que evidenciam de modo palpavel as estatisticas industriaes, commerciaes e financeiras. Só em França avaliam os homens competentes que o accrescimo de riqueza resultante da economia sobe em cada anno pelo menos a tres milhares de milhões de francos.

Não iremos, porém, agora mais uma vez a Nice, Cannes, Menton ou ao Monte Carlo, admirar a natureza ou a vida faustosa de sua população transitoria; seguiremos outros caminhos.

Quando estas linhas forem lidas no Rio de Janeiro os viajantes para a Europa estarão em preparativos para chegar aqui na primavera. Uma vez chegados, não passarão o verão n'uma grande capital: *c'est mau-*

vais genre e desagradavel, o que é peor. Differentes excursões, cada qual mais seductora, se lhes offerecerão.

As mesmas companhias de estradas de ferro organisam viagens circulares para os logares mais desejados nessa quadra do anno. Logo que fôr inaugurada a estrada de ferro do S. Gothardo, cujo immenso tunnel já se acha aberto, estou certo que essa viagem, partindo-se de Paris pela Saboia, tunnel do Cenis, Turim, Milão, os lagos do norte da Italia, Suissa, será das mais attractivas. Para quem chegar até a Suissa, e não estiver farto das scenas da natureza, si podem faltar a quem, deverá continuar o passeio, descer o Rheno e visitar as encantadoras cidades e sitios das suas margens.

Será muito difficil que em tão curto espaço, em tão pouco tempo e com tanta commodidade se possam contemplar scenas mais variadas, mais grandiosas, mais risonhas, mais esplendidas e admiraveis. Parece que todos devem sentir e gozar do mesmo modo; infelizmente é preciso uma certa predisposição do espirito. O nosso melhor poeta lyrico, Gonçalves Dias, conhecia bem esta diversidade de gosto, quando, na introdução dos seus *Tymbiras*, pretendendo descrever a natureza, prevenia os leitores :

« Quem quer que a natureza estima e preza,
E gosta ouvir as empoladas vagas
Bater, gemendo, as cavas penedias,
E o negro bosque murmurando ao longe,
Escute-me!... »

Era inutil voltar a pagina quem não sentisse dentro de si a centelha divina, o fogo sagrado para comprehender e admirar o grande livro da criação. Nenhum raciocinio póde dar da obra de Deus prova mais eloquente do que a singela phrase do psalmista biblico, apontando para os céus: *Cœli enarrant gloriam Dei!*

Muitos brasileiros hão de sorrir a esta idéa de se lhes falar de natureza a elles que vêm do Brasil: quem vive no meio dos esplendores naturaes nada mais tem que admirar. Falle-se de Paris, de seus prazeres, de suas seducções, de bellas-artes, de monumentos, de theatros, bailes, parques, jardins, se comprehende. Pois é um engano. Temos sem duvida uma natureza primorosa; mas não se creia por isto, que o resto do mundo está totalmente privado.

Não tendo outra cousa que offerecer ao estrangeiro que visita o nosso paiz, tocamos á exageração, e suppomos ingenuamente que Deus desherdou o resto do mundo em nosso favor exclusivo. Vimos mesmo uma occasião, nas margens do Parahyba, patricios

nossos mostrarem a estrangeiros os morros pellados, onde existiram outr'ora frondosos cafesaes, e hoje a sambambaia e o sapé, e na melhor fé acreditarem que aquelles morros de fórmãs monotonas e vulgares tinham belleza arrebatadora !

Entretanto, tal é a opulenta natureza do Brasil, que ahí mesmo muitas vezes os prismas variados da atmospherã revestem a paizagem de côres admiraveis, e as montanhas se azulam no horizonte em tons da mais perfeita harmonia, quando o crepusculo tem quebrado a grande e igual vivacidade da luz.

A bahia do Rio de Janeiro é certamente bella, quer se considere o todo imponente e magestoso, quer os pormenores, as enseadas e ilhas. A paizagem tem ahí um cunho particular que nunca vi em outros logares. Eu a tinha bem na lembrança e na imaginação quando da ilha de Capri, a antiga Caprera de Tiberio, no golfo de Napoles contemplava aquelle admiravel scenario do mar, da cidade, do campo e das montanhas.

Não descreverei um painel que todos os poetas do mundo celebraram desde Virgilio até Byron, a serra azul e agreste dos Abruzzos, a immensa cidade que se prolonga pela margem do golfo até Portici, Sorrento, Castellamare, o Vezuvio com seu pennacho de fumo e aquelle mar tão anilado, que este epitheto não se lhe póde separar, tanto o espirito o liga áquella

côr viva e constante. Os romanos diziam sempre *cœruleum mare*, e Byron, quer falle de Napoles, do Adriatico ou do Hellesponto, não acha outro qualificativo, tão azulado é elle sempre!

Quando, chegando do Brasil, percorremos pela primeira vez a Europa, impressiona desde logo o aspecto sob que tudo se nos apresenta, as cidades, villas e povoações que atravessamos, os campos, as plantações, os bosques; têm tudo um ar de novidade tal que admira, e a muitos brasileiros tenho ouvido a mesma pergunta: onde está a velha Europa? Nos paizes mais adiantados della, sobretudo, percorrem-se em estrada de ferro distancias immensas sem que o mais pequeno signal de caducidade, velhice ou desmazelo apparente, se possa notar. Não ha uma casa abandonada, nem uma a cahir, especada ou ameaçando ruina, e demonstrando incuria ou descuido. Em toda a parte o cultivo da terra é feito com particular esmero; não ha brejos, banhados, terras baldias; tudo está utilizado, tratado e aproveitado.

As plantações parecem feitas a cordel e as diferentes especies, com côres tambem differentes, alternam-se em canteiros regulares como nos desenhos dos antigos jardins. Não se vê uma cerca quebrada, desmanchada, ou simplesmente descuidada, um rego entupido, alagada uma valla. As arvores, em geral abundantes, são cuidadosamente tratadas, e seu as-

pecto nos surpreende. Como o inverno despe inteiramente a folhagem, a que se renova na primavera vem toda igual na côr, na frescura e no viço: nenhum galho lascado ou morto se lhes deixa, mesmo porque tudo se aproveita, desde os mais pequenos ramos.

O gado em quasi toda a parte é da melhor qualidade, e sempre adequado ás condições do solo, á alimentação que pôde ter e ao fim a que se destina.

Porque apresentam estes paizes aspecto tão differente do nosso que é novo e fertil? A um antigo e intelligente fazendeiro do Rio de Janeiro ouvi um dia comparar a lavoura de café á mineração do ouro em Minas, donde elle era natural.— « Tem muitos pontos de contacto, me dizia; havia outr'ora este rifão: pai mineiro, filho cavalleiro, neto sapateiro, isto é, pai enriquecido, filho gastador ou prodigo, neto pobre. E na verdade onde param as grandes fortunas formadas no Brasil? Todas têm sido dissipadas; si algumas vezes os filhos as conservam, os netos deitam fóra. Por outro lado, o aspecto, dos terrenos o modo de trabalhar, tem alguma similhaça. O lavrador de café derriba desordenadamente matas fertilissimas, emprenhe obras immensas, mas sem plano nem estudo, e sempre de character provisório; assim, desvia corregos, faz grandes açudes, caminhos difficeis e dispendiosos, desaterros e aterros extraordinarios. Quando a fertilidade das terras está esgotada, aban-

dona os morros cobertos de sapé, e vai para diante derribar novas matas e continuar o mesmo systema de destruição, á procura do veio de ouro, chamado café. Assim fazia o mineiro: ha em Minas logares onde admira ver o revolvimento que soffreu o solo; desviaram-se corregcos e ribeirões, aluíram-se morros consideraveis, alagaram-se planicies, encheram-se varzeas de cascalho, e quando tudo ficou explorado, destruido, revolvido e esterilizado, a população desapareceu, assim como havia desaparecido o ouro, de que, aliás, não ficaram outros vestigios sinão estes que descrevemos, pois nem as fortunas se conservaram. »

Si tal o aspecto de serra-acima, o de serra-abaixo é ainda mais desolador. Todos conhecem a decadencia das suas cidades, villas e portos, outr'ora entreposto de um commercio de certa importancia, desde Cabo-Frio até Angra, Mambucaba, Iguassú, Estrella, Magé, Porto das Caixas, etc. Em toda a parte não se constroem novas casas, e as que existem cahem, tendo perdido quasi todo o valor.

Depois de bastantes annos de ausencia, percorri alguns desses municipios. Fazendas que conheci prosperas, *moentes e correntes*, na phrase das nossas antigas leis e alvarás, estavam abandonadas; por toda a parte signaes de velhice e decadencia. O fazendeiro tinha montado a sua fábrica, derribado a

mata e plantado canna ; cada anno mudava a plantação para este ou aquelle logar ; a fertilidade das terras foi desapparecendo, o pousio não era mais sufficiente para restituil-a, pois, em logar de capoeira grossa só nascia herva rara e inutil : com a pobreza do solo veiu a pobreza para todos. Em muitos destes municipios conheci homens abastados, ricos mesmo, que, tendo empregado a fortuna no logar, acham-se hoje mui reduzidos, acompanhando o geral empobrecimento de quanto os cerca.

No registro de uma fazenda antiga vi contas de vendas de assucar anteriores a 1830 de 3\$500 a arropa. Pelo valor da moeda representaria hoje de 6\$ a 7\$! A fertilidade das terras foi desapparecendo, a canna definhando com pragas, então desconhecidas, e o genero foi baixando de preço, quando justamente tudo o mais encarecia.

Na viagem a que me refiro, as minhas reflexões eram ainda aggravadas pelas condições excepçionaes da quadra. Começava-se a safra de canna e nada rendia, quasi nem crystallisava o caldo. Tinha havido em janeiro grande sêcca ; vieram depois chuvas insufficientes por alguns dias, e a sêcca recommença, prolongando-se até o inverno. Os cannaviaes pareciam sapecados pelo fogo ou pela geada, as cannas estavam ôcas, os mantimentos tinham falhado. Em casa de um dos meus antigos amigos, homem for-

mado e intelligente, estive com fazendeiros da vizinhança. A conversação versou, como era natural, sobre questões agrícolas, e falou-se da difficuldade de obter do nosso povo trabalho constante e aturado.— Como não será assim, disse o meu amigo, neste paiz fertilissimo, onde basta lançar a semente na terra para que tudo brote com profusão !

Vá dizer a um brasileiro que seu paiz não é o mais fertil do mundo, admiravel, extraordinario ! Não acreditará. E' fertil certamente; ha mesmo logares notaveis de fertilidade. Não deixa, porém, de ser igualmente certo que nós no Brasil tomamos a fertilidade transitoria que os seculos accumularam debaixo das matas virgens, como o estado ordinario e normal das terras, o que é a maior das illusões. Derribada a mata, utilizada a uberidade expontanea dos primeiros annos, a terra, no geral do Brasil, como em toda a parte, precisa ser tratada convenientemente, e fertilisada por meios artificiaes e trabalhosos.

A differença radical entre o aspecto do nosso paiz e o destes está em que a nossa agricultura é nomade. Agricultura nomade parece um paradoxo ; mas que outro nome dar a essa cultura extensiva, levada ao ultimo excesso, sem ter em conta o valor da terra e só o da mão de obra ? Basta o estabelecimento de um engenho de assucar, com as suas despezas necessarias de installação, para que a cultura da canna nas suas

cercanias devesse ter uma feição de permanencia, e, pois, de exigir o uso de estrumes, e de melhor e mais cuidadoso amanho das terras.

Para o fazendeiro de café não soffre duvida, como suppõem no nosso paiz certos lavradores de gabinete, que o cafezeiro dê perfeitamente sendo estrumado. Todos têm experiencia nas plantações das hortas e dos arredores das casas. A questão, porém, se apresenta sob outro aspecto: o cafezeiro estrumado produz perfeitamente; mas para cultivar-o em grande escala com estrumes nos nossos morros ingremes, lavados pelas chuvas torrencias, de difficil accesso, a empreza se affigura dispendiosa, e effectivamente é.

Tendo as terras pequeno valor, entre o fazendeiro que produzisse café exclusivamente com estrumes, e outro que se utilisasse da fertilidade expontanea das matas virgens, este ultimo, que aproveita um dom gratuito da natureza, fica no ponto de vista commercial e industrial em condições de grande superioridade sobre o seu competidor, que emprega meios onerosos.

Tal a razão pela qual as terras, que relativamente valem pouco, vão sendo abandonadas á medida que perdem a sua primeira e poderosa fertilidade. No estado da lavoura de café no Brasil o que me parece pratico por ora é o seguinte: aproveitar a utilidade gratuita, representada pela uberidade das matas, e ir

ao mesmo tempo accumulando e utilizando todo o estreme que se puder produzir e reunir nas fazendas. Este se empregaria desde já nas replantas dos cafezaes existentes e no melhoramento dos pés enfraquecidos, mesmo em pequenas plantações simultaneas proximas do estabelecimento e em bons terrenos; finalmente, se empregaria na cultura dos cereaes, que assim não devastariam, como hoje, tantas terras, impedindo que pelo repouso se refaçam convenientemente. Cultivar café no valle do Parahyba exclusivamente com estrumes e em larga escala, o que exigiria a compra de enormes porções, não me parece ainda (*por ora, entenda-se bem*) praticavel sob o ponto de vista industrial e mercantil.

Actualmente a transicção que indico da lavcura extensiva para a intensiva parece a mais natural e razoavel, e é tempo de cuidar della. A lavoura no Brasil tem dous problemas a resolver: o dos braços, a substituição do trabalho servil pelo livre, e o das terras, a passagem do methodo extensivo para o intensivo.

Não lhe faltam cuidados.

XII

Viagens em estradas de ferro.—Uma travessia nos Alpes antes do tunnel do Cenis.—A estrada de ferro provisoria do engenheiro Fell.—Singular destino de uma parte do material dessa estrada.—Turim —As cidades da Europa e as do Brasil.—Extraordinario progresso dos Estados-Unidos.—Invasão dos productos norte-americanos.—Leis protectoras em França.—Importancia commercial de uma cidade americana —Obras publicas nas cidades europeas.—Florença, Paris, Bruxellas.—Uniformidade da edificação em Paris.—O Rio de Janeiro.—Autuerpia.—Um bello exemplo a seguir.

PARIS, ABRIL DE 1881.

Nas viagens um pouco longas, em estrada de ferro, a grande maioria dos viajantes prefere os trens da noite. Ganha-se tempo, viaja-se quasi sem sentir, e, mais ou menos bem, passa-se a noite; si no verão, evita-se o calor; si no inverno, estando-se forçosamente quieto, os cobertores de viagem melhor agasalham. Quem anda a negocios, onde o tempo é dinheiro; quem percorre, pela centesima vez, o mesmo caminho; quem viaja por obrigação ou por necessidade, póde preferir a viagem da noite; mas saltar um viajante do vapor transatlantico, pôr o pé no solo europeu pela primeira vez, e tomar logo, sempre e invariavelmente,

os trens da noite, para onde quer que vá, como vejo tantos fazerem, seria o maior dos disparates si, em questão de gostos, todos os caprichos não fossem permittidos.

Quando o objecto da viagem é o recreio, o prazer, uma diversão para o espirito, a commodidade é a primeira das condições. De que me serve entrar n'um trem, á noite, e de assentada, sem parar nem tomar folego, ir ter a Berlim, Vienna ou Turim, cansado e exausto, aborrecido de tudo, precisando repousar, como si fosse meu fim vencer distancias, percorrer leguas e leguas, e chegar a um ponto dado em hora certa e prazo fixo! Ha quem nisto faça consistir certo prazer, e como tal cada um o comprehende a seu modo. Deve-se, porém, convir que as viagens, mesmo na rapidez dos trens de ferro, offerecem agradaveis surpresas, scenas pittorescas, pontos de vista apraziveis, quadros bellos e arrebatadores. Assim, viajar durante o dia, descansar ás noites, ter o espirito sempre disposto a tudo ver, observar e gozar, nos parece tão razoavel, quanto agradavel e util.

Atravessando ultimamente os Alpes pelo tunnel do Cenis, e lembrando-me da minha primeira viagem de carro, nas proximidades daquelles logares, estas observações mais uma vez me vieram á mente. Contava com absoluto desapontamento, não podendo rever as bellezas que me haviam encantado a primeira vez,

e, entretanto, a viagem ainda offerecia grandes attractivos. Nessa excursão voltava da Italia ainda no rigor do inverno; poderia seguir differentes caminhos e evitar os Alpes naquella estação; mas era justamente o que me attrahia. O trem expresso chegava então á base da montanha, do lado do Piemonte, quasi á noite; jantava-se e tomava-se a diligencia, que ao romper do dia seguinte estava do outro lado, na Saboia.

Que perspectiva de viagem! entrar n'uma pesada diligencia, de andar vagaroso, e passar a noite tranzido de frio, no meio da escuridão! Não havia escolha; deliberei ficar em Suza, na base da cordilheira, e no dia seguinte tomei um pequeno carro em que fiz a viagem. A commodidade, porém, estava muito longe de ser a que modestamente poderia esperar. O carro foi transformado em trenó para deslizar sobre o gelo e a neve, que sós formavam a estrada, cobrindo todo o solo. Mas o contrario do que acontece no plano, onde a rapidez vertiginosa da carreira é um dos encantos do trenó, nos Alpes, ora pela subida, ora pela descida, em que os cavallos escorregavam constantemente, andava-se com vagar desesperador. Nunca tive do frio e do inverno idéa mais triste e desoladora do que nesse dia. Até então só o havia conhecido nas poucas horas de um rapido passeio de carro ou a pé, bem e convenientemente agasalhado e enroupado, ou dentro de aposentos aquecidos, aos quaes só a idéa

do frio e do vento exterior augmenta o conforto. Emquanto a minha provisão de calor permittiu-me e não fiquei de todo enregelado, aquelle espectaculo novo me seduzia e deleitava ; a neve cobria valles inteiros ; só os penhascos pontudos e escarpados erguiam-se, nús e sombrios, da alvura deslumbrante que envolvia a natureza. Nas encostas viam-se numerosas aldêas, silenciosamente sepultadas na neve, como chrysalidas entorpecidas á espera da boa estação. Em muitos logares grandes florestas de pinheiro, o melancolico habitante dessas zonas elevadas e frias, apresentavam debaixo do espesso manto de neve a folhagem sempre verde e funerea.

Quando fiz esta viagem, ao lado da estrada de rodagem já havia a linha ferrea provisoria, do systema denominado Fell, nome do engenheiro que a construiu, cujo trafego a espessura da neve e as avalanches tinham interrompido.

Mal podia então conjecturar que as locomotivas que vi inertes e parte do material dessa estrada teriam de parar no Brasil, na estrada de ferro de Nova-Friburgo. Não sei si isto abona mais o nosso entusiasmo do que a nossa reflexão ; nenhuma outra estrada se construiu segundo esse typo que adoptámos, e que ninguem mais reproduziu.

Do lado da Saboia a entrada do grande tunnel acha-se a mil cento e cincoenta e seis metros de al-

tura sobre o nível do mar. A estrada de ferro a vence com uma subida normal de vinte a vinte e cinco milímetros por metro ; attinge mesmo a trinta.

Já se vê que, tendo as locomotivas de subir uma rampa, ás vezes, quasi dupla da da nossa estrada de ferro D. Pedro II, na serra, não podem ir com tal velocidade que não permitta gozar quanto a estrada offerece de pittoresco. Do lado do Piemonte a paizagem é menos variada, e depressa entra-se nas planícies de Turim.

Eu tinha visto esta cidade cerca de quatro annos depois que perdêra a categoria de capital de um estado para ser simplesmente a de uma provincia. Era necessario grande patriotismo para que seus habitantes se consolassem e se conformassem com a nova situação creada pela excepcional fortuna da casa de Saboia.

Turim tem um aspecto melancolico que bem correspondia aos seus sentimentos de então. As ruas são todas cortadas em angulo recto ; a edificação, de um só estylo, cobrindo os passeios com arcadas, o que muito convem para evitar o sol ou a chuva, mas, escondendo os transeuntes, communica á cidade uma apparencia de tranquillidade, socego e tristeza.

Era de esperar que Turim decahisse rapidamente. Os arrolamentos da sua população demonstram que

não decresceu, e, ao vel-a agora, admirou-me que alli tambem se construam novas ruas, abram-se novos quarteirões, emprehendam-se obras de todo o genero!

Este espectaculo, que observo em toda a Europa, quando o comparo com o estado das cidades do Brasil me entristece. Todos os descontos que se podem reclamar para a nossa mocidade como nação, a falta de população, a falta de capitaes, nada, nada, fiquem os brasileiros bem certos, nada justifica ou desculpa a situação do nosso paiz e das nossas cidades em particular. Dizer o contrario é faltar grosseiramente á verdade, e isto não nos aproveita.

Acaba-se o anno passado de fazer o arrolamento decennial da população dos Estados-Unidos da America do Norte. Encontro em todos os jornaes, revistas e folhetos, artigos sobre as questões americanas. Supponho que os jornaes do Brasil terão publicado os dados mais notaveis do assombroso movimento da população e da riqueza daquelle paiz. Alli tudo é grande, colossal, phenomenal.

Os Estados-Unidos tornaram-se o espectro da velha Europa: a invasão dos productos norte-americanos é a questão economica que hoje mais se discute. Agora mesmo a camara dos deputados e o senado acabam de votar tarifas protectoras para a agricultura franceza contra os productos norte-americanos. Convem notar

que a França préga por todos os seus escriptores a liberdade de commercio, mas de modo algum a pratica.

Votou-se, e já entrou em execução, uma lei que durará dez annos, de grandes vantagens á navegação, não só concedendo larga subvenção a todos os vapores construidos em estaleiros francezes, excedentes de certa tonelagem, como tambem áquelles que tiverem percorrido cada anno certo numero de milhas. Si a França não amparasse a sua industria metallurgica com direitos protectores, a Inglaterra e a Belgica a esmagariam.

Falo neste incidente sem examinar e apreciar a questão, porque nas nossas discussões vejo sempre invocar o exemplo da França, onde a livre permuta só existe nos livros dos seus publicistas e economistas. Na pratica é diverso(*).

(*) Tinhamos acabado de escrever estas linhas quando lemos uma importante apreciação da votação das camaras, feita por um dos escriptores francezes mais autorisados em assumptos economicos e financeiros, e não podemos deixar de transcrever o seguinte trecho :

« A nova tarifa eleva a mais de 24 % os direitos, já exorbitantes, sobre tecidos ; mantem direitos inauditos, extravagantes, sobre o ferro, sobre o aço e sobre machinas. Falamos algumas vezes das tarifas de certos povos estrangeiros, mas esquecemo nos que a nossa propria tarifa actual é a mais exagerada da Europa, e que em muitos artigos é prohibitiva.

Quando se fala dos Estados-Unidos tornou-se logar commum trazer o exemplo de Chicago. Ainda agora o vejo citado em todos os escriptos a respeito da America do Norte. A estatistica do commercio de Chicago no anno passado deixou bem provado ser esse o primeiro centro do mundo para o commercio de cereaes, de gado e de madeira, o centro mais importante de vias-ferreas.

« Assim, os fios de linho, que pagam na Italia (o autor indicava especialmente o erro de ser elevada a tarifa sobre productos italianos) onze francos e cincoenta centimos por cem kilos, são taxados aqui de quinze a cem francos; os tecidos de linho pagam de doze a cincoenta e sete francos em Italia, e de quinze a quatrocentos francos aqui. Para os fios de algodão o imposto pára em sessenta francos na Italia, e França vai até trezentos. Quanto ás machinas, o direito italiano não excede nunca de seis francos por cem kilos; o imposto francez se eleva até quinze; o ferro estrangeiro é tributado em quatro francos e sessenta e dous centimos em Italia, em seis em França; o aço em barra só paga na Italia quatro francos e sessenta e dous centimos; aqui paga quasi o duplo. »

Depois de varias considerações, o mesmo escriptor observava este facto capital, para o qual chamo a attenção dos leitores, porque não ha muito tempo o governo brasileiro celebrou um importante contrato para o fornecimento de trilhos de ferro com uma fundição franceza, que provavelmente os encomendará á Belgica. O facto é este, que transcrevo :

« Emquanto o governo belga paga os trilhos de aço, que emprega nas suas estradas de ferro, a cento e cincoenta e oito francos por tonelada, o governo francez paga a duzentos e oitenta francos na média. »

Liverpool e Marselha occupam na Europa os primeiros logares no commercio de grãos; Liverpool recebeu o anno passado um milhão e duzentas mil toneladas, Marselha recebeu seiscentas e oitenta mil, Chicago exportou em trigo e milho tres milhões e duzentas mil toneladas!

A sua população, que ha dez annos era de trezentos mil habitantes, eleva-se hoje a quinhentos mil. Kansas, que em 1865 contava cinco mil habitantes, em 1870 chegava a trinta e tres mil, e agora a sessenta mil. Em todas as cidades a progressão é espantosa. Na Europa os factos, embora menos consideraveis, não deixam de ser importantes. Outro objecto, porém, nos preoccupa neste momento: as grandes obras publicas que se executam em todas as cidades da Europa, e que se hão tornado, pela sua generalidade, um movimento caracteristico desta época. Quando fiz a minha primeira viagem, este movimento estava em plena expansão; nada por ora indica que toque ao seu termo. Não direi que em todas as cidades tenha presidido sempre a estas obras espirito prudente e avisado; longe disto, ha muitas vezes precipitação e vontade de realizar em alguns annos o que deveria ser obra de dezenas. Assim, não só se tem sacrificado o gosto artistico em muitas cidades pela uniformidade das construcções, do que Paris offerece o mais notavel exemplo, como

se tem compromettido a situação financeira de algumas cidades.

Na Italia, apresenta desta imprevidencia prova conhecida a cidade de Florença, cujas finanças estão embaraçadas. Recebendo a séde da monarchia e grande affluencia de habitantes, o que tudo tinha character transitorio, enquanto a Italia esperava Roma para sua capital, a bella e artistica Florença considerou essa situação passageira como normal, e lançou-se em obras grandiosas de todo o genero. A capital passou para Roma, e os recursos de Florença não foram mais sufficientes para encargos tão pesados.

Admira-me neste grande movimento não ser o caso de Florença mais vulgar, tantas e tão notaveis obras se executam ao mesmo tempo em toda a parte. Não se pense no Brasil que sómente as grandes cidades, as capitaes ricas e populosas se lançam em taes empresas, não : é um arrastamento geral, que das grandes cidades partiu para as mais pequenas ; são obras consideraveis emprehendidas ao mesmo tempo em toda a parte, com o fim de salubridade, commodidade e belleza. Sabem todos o que se fez em Paris durante a dictadura prefectoral de Haussmann : em dezoito annos construíram-se 22.234 casas dentro da cidade, ou a média annual de 1.239, tantas quantas contém a cidade do Rio de Janeiro ; mas, como as casas são aqui, pelo menos, tres vezes maiores do que a média

das do Rio, pôde-se affirmar que em dezoito annos construíram-se tantas casas quantas formariam tres vezes a cidade do Rio de Janeiro com os seus arrabaldes !

Depois da quêda do imperio, depois das grandes catastrophes da França, e de Paris principalmente, a média annual tem sido maior, isto é, de 1.383 casas ! E nunca o furor da edificação igualou ao deste momento : ha bairros inteiros em construcção em certos lados da cidade, e discute-se o projecto, que certamente não levará muito tempo a ser posto em execução, de arrasar-se um bairro inteiro, o quarteirão Marbœuf, tendo-se em vista a salubridade e belleza dessa parte de Paris.

No verão passado notou-se que alguns dos esgotos da cidade exhalavam máo cheiro ; immediatamente a municipalidade decretou a canalisação de novas aguas, que virão augmentar de mais um terço as que já abasteciam Paris, e eram sufficientes para alimentar o serviço de todas as casas até o quarto e quinto andar, para repuxos, fontes, cascatas publicas, irrigação completa da cidade e lavagem das ruas. Lavagem ! pois aqui, em certas horas do dia, abrem-se as torneiras que dão para os regos das ruas e lavam-se até que a agua corra limpa. Mas tão depressa se reconheceu a necessidade de maior volume d'agua,

foi logo decretada a obra, e immediatamente entrou em execução.

Pensarão, entretanto, os nossos patricios que os exemplos de uma cidade como Paris nada provam contra nós, pois esta cidade tem renda municipal igual a toda a renda geral do nosso imperio. Mas não falo só de Paris. Ainda ha pouco visitei de novo Bruxellas. E' a capital de um pequeno estado de cinco milhões de habitantes; não é cidade fabril, industrial, nem porto de mar ou centro de movimento notavel; contém população não muito superior á do Rio de Janeiro; como se transforma aquella cidade!

Quando a vi a primeira vez tinha um extenso bairro novo, fazia-se nelle um grande parque e grandes avenidas. Agora a transformação era mais completa; abriram-se *boulevards* no centro da cidade velha, que apresenta hoje um bello aspecto. Differentemente de Paris, alli deixou-se ao gosto e fantasia de cada um o estylo das casas.

No principal *boulevard* a municipalidade prometteu o premio de duzentos mil francos (80:000\$) á casa que fosse reputada mais bella como architectura. Obteve o premio uma pequena casa, bastante estreita, onde o artista na verdade teve de vencer difficuldades sérias. O aspecto geral da cidade ganhou muito em belleza e variedade.

Em Paris, á excepção dos arrabaldes, onde as no-

vas ruas possuem casas bastante bonitas, o centro é de uma perfeita e acabrunhadora uniformidade: ver uma rua, um *boulevard*, uma avenida, é ver todas; a primeira casa parece-se com a ultima, e os architectos parisienses não conseguiram resolver o problema que se lhes apresentava. Para tanta riqueza, tanta ornamentação, tanto dispendio, deveria esperar-se melhor.

As casas têm regularmente de cinco a seis andares; para não fazel-as altas de mais, o pé direito de cada andar é muito baixo; assim, devendo as janellas ser grandes, vistas exteriormente, para corresponder ao tamanho dos edificios, e sendo baixos os andares, ficam ellas justamente umas sobre as outras, sem quasi intervallo de parede, apresentando uma linha aberta debaixo até acima. Dos cinco ou seis andares, dous têm grandes sacadas, quasi uns balcões, á moda hespanhola, porém massissos e solidos, sem graça, nem utilidade alguma, sahindo fóra do edificio, cuja cornija não se vê e não existe.

O que ainda mais prejudica as proporções das casas são os portões, que, ou abrangem a altura das sobrelojas e se alongam desmedidamente, ou são cortados chatos, quasi quadrados. Em tudo é absoluta a falta de proporções, esta suprema lei da architectura.

Parece-me que no Rio de Janeiro, si fôssemos cons-

truir n'um tempo dado fariamos outro tanto, tudo de um só gosto. Houve época em que nenhuma casa dispensava platibanda; veio depois o azulejo; mais tarde, com o estylo chalet, nada se fez sem *lambrequins*; agora estamos usando umas telhas azues, que sahem uma braça fóra dos telhados, telhas que só no Porto se poderiam fabricar e só no Brasil encontrariam compradores.

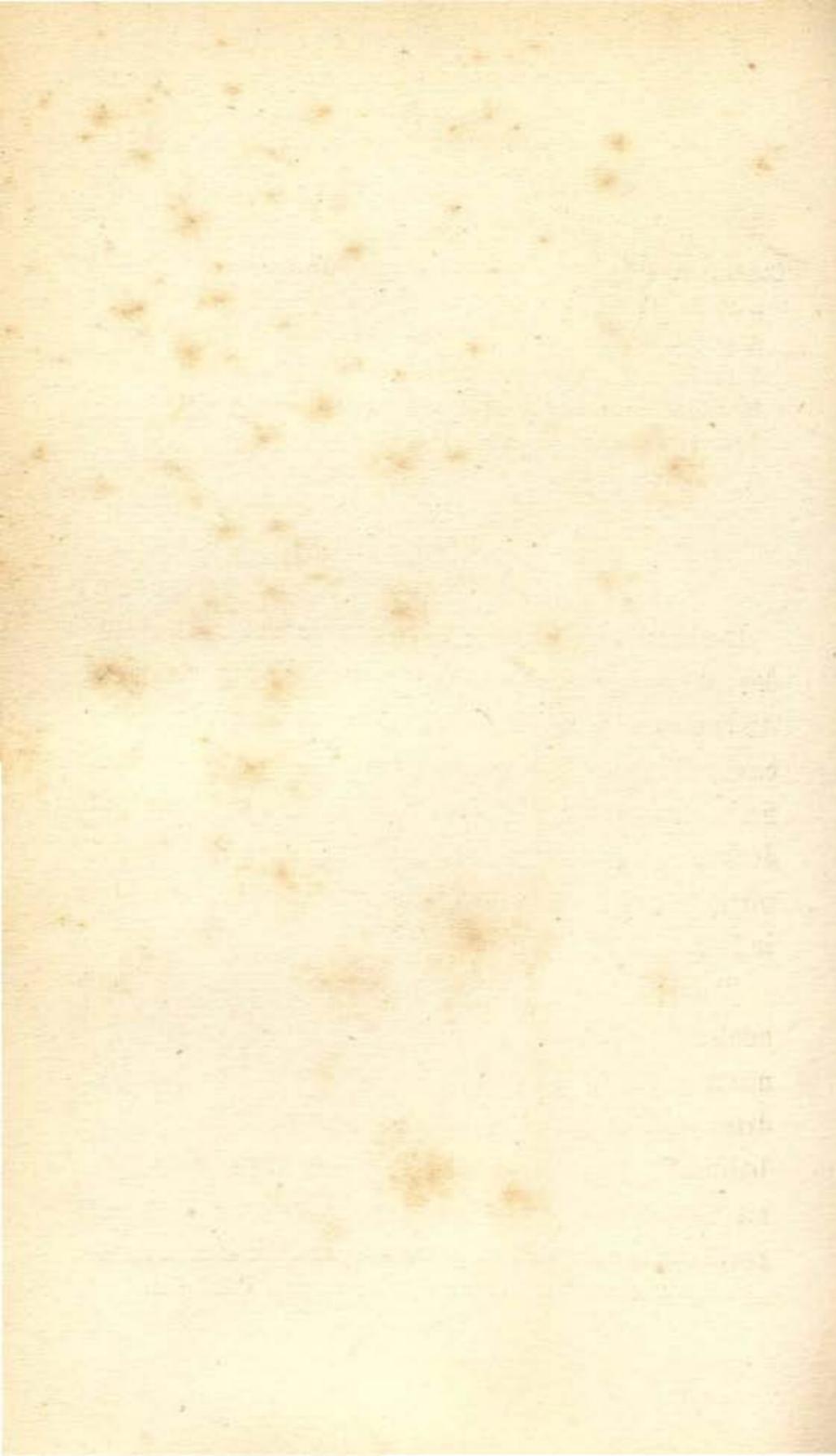
Não observei em Bruxellas sómente obras emprendidas pela municipalidade. Um bairro inteiro de casebres feios, insalubres, ruins, foi todo comprado por uma poderosa companhia, arrasado, e no local construido um bairro elegante, bonito, confortavel em todos os sentidos, realizando a companhia excellente negocio sob o ponto de vista financeiro. Uma cidade da Europa, com a sexta parte da população do Rio de Janeiro, não supportaria no seu centro uma rua da Valla, do Senhor dos Passos, de S. Jorge e... que sei eu mais!

As obras que vi em Antuerpia são verdadeiramente gigantescas. A construcção do porto é o principal objectivo, mas tambem a cidade se transforma completamente. A Belgica pretende converter o seu porto no primeiro do continente, e subvenciona largamente os trabalhos; mas a municipalidade supporta grande parte das despezas e as dirige. Estive com o burgo-mestre, que mostrou-nos os planos com verda-

deiro e bem fundado orgulho, e percorri depois todas as obras; mas falarei disto em tempo opportuno(*).

Agora direi apenas que essas obras se elevarão a mais de cem milhões de francos (40.000:000\$), e do-tarão a cidade de Antuerpia de quanto ha de mais moderno e aperfeiçoado para o serviço de um porto de primeira ordem. Direi mais que estas obras constituem a gloria da actual municipalidade e do partido politico que nella domina, do qual é chefe estimado e presti-gioso o Sr. Ed. Pecher, que residiu por muitos annos no Rio de Janeiro, onde foi consul e fundou uma casa commercial que ainda existe. Um vereador de vinte annos no Rio de Janeiro o que póde allegar para sua gloria? Ter vencido eleições de freguezia quando auxiliado pelo governo.

(*) Não pude cumprir esta promessa por ter a minha volta ao Brasil interrompido a descripção da viagem à Belgica.



XIII

Continuação do mesmo assumpto. — As cidades da Bahia e do Recife.—O Rio de Janeiro.—Um naturalista belga.— A politica da cidade do Rio de Janeiro.—Qual deveria ser o programma dos seus representantes no parlamento.— Maldita febre amarella!—Sua influencia.—Reputação do Brasil de paiz empestado e inhabitavel.—A obra do homem e da natureza no Rio de Janeiro.—Organisação municipal.

PARIS, ABRIL DE 1881.

Deste movimento geral de transformação das cidades da Europa muito differe a situação das do Brasil. As capitaes da Bahia e de Pernambuco eram o que eu havia deixado treze annos antes. Na Bahia o ascensor fizera desaparecer as cadeirinhas, em que entrei para desespero dos carregadores, pois não conseguia dar ao corpo o meneio cadenciado ao seu passo, o que parece indispensavel.

Tudo o mais era o mesmo; nenhuma mudança, nenhum progresso, nenhum melhoramento na cidade, nos arrabaldes, na edificação, no asseio das ruas. Devo dizer que a proverbial amabilidade dos bahianos e das bahianas era tambem a mesma. A mais curta estada na Bahia captiva o viajante que tem a fortuna de ser recebido em qualquer sociedade.

A cidade do Recife, como cidade, tem ar mais risonho. Ao passo que a provincia da Bahia ficou estacionaria, sinão um tanto decadente nos ultimos annos, Pernambuco prosperou, viu augmentar sua exportação e importação, as rendas geraes e provinciaes. A cidade, porém, não mudou; os seus bellos arrabaldes, bem como os da Bahia, não se resentiram do movimento que lhes deveriam imprimir as linhas de *bonds*. Havia alguns, mui poucos, edificios novos e uma boa praça de mercado, onde se nota a falta de verduras e a carestia de carne, tanto fresca, como a denominada do sertão. Esta qualidade de carne não se conhece no Rio de Janeiro; tem aspecto mais agradavel do que o pessimo xarque do Rio Grande.

Depois do Rio de Janeiro são aquellas as duas cidades mais importantes e populosas do Brasil; mas o que direi eu de sua capital? Peço aos meus patricios, que por acaso me lerem, perguntem a qualquer brasileiro, depois de sahir do paiz, qual o desapontamento ao voltar á nossa capital? Tal a força do habito, porém, tal a difficuldade de formar idéa justa das cousas quando não se póde comparal-as, que muita gente sensata acredita que os recém-chegados exageram e não lhes dão credito.

Ao tocar ao fim da minha viagem, vindo do Brasil, fiz o conhecimento fortuito com um naturalista belga, que regressava á Europa. Terminava uma ex-

cursão pelo centro do nosso paiz, e mostrava-se encantado da sua flora e desencantado de quasi tudo o mais. Depois de referir as suas viagens, disse-me que, embora excedesse do seu objecto, havia consagrado um capitulo da sua obra á cidade do Rio de Janeiro.

« — Como podem os senhores, dizia elle, tolerar as dilapidações, os esbanjamentos da sua camara municipal?—Mas porque acredita, repliquei eu, que há esbanjamentos e dilapidações?—Pelo estado da cidade: como explical-o de outro modo? » Observei ao meu naturalista que se enganava e eu estava á sua disposição para dar-lhe as informações que desejasse, afim de escrever o seu capitulo com conhecimento de causa. « — Póde haver alguns desperdicios, continuei: o que quer o senhor, porém, que consiga um municipio tão extenso como o do Rio de Janeiro, que, além da cidade propriamente, ainda comprehende vasto territorio rural, com renda pouco excedente de 1.000:000\$ annuaes? Veja se encontra cousa semelhante na Europa. Alli as municipalidades estão no gozo de amplas faculdades, e não vacillam em lançar impostos quando vêm as vantagens que provirão das obras projectadas. Neste ponto aceitamos as suas censuras; não temos coragem para augmentar os impostos, e não vemos que a cidade do Rio de Janeiro está estacionaria quando deveria progredir, pois para

isso encerra todos os elementos ; que sua população está deperecendo atacada por molestias que poderiam em boa parte ser evitadas; que sua reputação de insalubridade a prejudica e a todo o imperio, pois aos olhos do mundo inteiro se afigura um paiz empestado e inhabitavel. »

Na verdade, no momento agudo das epidemias estas questões nos preoccupam, os espiritos se sobressaltam e lembramo-nos de meios incompletos, empyricos, inspirações do terror que domina a população. Passada a crise, tudo se esquece. Nós temos o gosto pelas discussões especulativas e abstractas da politica; deleita-nos enredar o espirito em theorias vagas, sem applicação ; mas esforçarmo-nos com perseverança por conseguir beneficios palpaveis, resultados immediatos e reaes, vantagens uteis á universalidade dos cidadãos, excede o nosso gosto, o nosso genio, e mesmo achamos assumptos somenos para as lucubrações graves de homens illustrados.

Trata-se de uma eleição na cidade do Rio de Janeiro, apparecem candidatos de todos os matizes ; a eleição é por circulos, e, portanto, especialmente local, interessando directamente á cidade. Vejo nos jornaes noticias de conferencias, reuniões, assembléas de eleitores convocadas por candidatos, etc. Todas as possiveis questões politicas, passadas, presentes e futuras, tudo, em summa, quanto é licito excogitar

neste vasto campo, ha de ter sido lembrado e discutido.

Não ha duvida que muito pôde interessar á cidade do Rio de Janeiro quanto neste mundo se discute, se imprime, se pensa, se inventa ou faz nos variados ramos da actividade humana; mas, o que mais particularmente a interessa, aquillo que constitue a sua questão de vida ou morte, do ser ou não ser, é recuperar ou conquistar os fóros de cidade habitavel, é emfim que sua população viva, condição primordial e essencial para tudo o mais a que depois aspire. *Primo vivere deinde philosophare* é phrase que um dos nossos homens politicos pôz em moda, e positivamente o caso da cidade do Rio de Janeiro. Eis a sua questão magna, tão importante, tão grave, que para ella tudo o mais se torna secundario.

Terá algum candidato tomado isto a peito? Duido ! Estou mesmo certo que não. Revolver as theses do direito constitucional, fórmulas de governo, soberania do povo, extensão e limites do poder moderador ; aventar questões sociaes, trabalho agricola, liberdade de commercio, de navegação ; discorrer pelo vasto campo da instrucção publica, demonstrando o que se pratica na Prussia, nos Estados-Unidos, na França, na Inglaterra, Suissa, sem nada dizer do que se pôde fazer e applicar ao Brasil, taes são os assumptos da nossa predilecção. Entretanto, na actualidade a poli-

tica da cidade do Rio de Janeiro deve ser outra—obter as condições de vida.

Tudo o mais pôde ser excellente, opt mo, mas está em plano inferior. Pois essa população inteira definhada de febres intermittentes, morre de tuberculos pulmonares, é victima immolada a toda a casta de febres que a natureza espalhou pelo mundo, a começar pela amarella, a typhica, perniciososa, billiosa, mucosa, ataxica, adynamica, o diabo a quatro, e não ha de querer saber até que ponto tantas calamidades podem ser attenuadas ou evitadas, e quaes os meios para isto adequados?

Não se precisa sahir do Brasil para saber que o Rio de Janeiro incute o maior pavor a todos os demais habitantes do imperio. Em certas quadras do anno ir ao Rio (*), residir alli algum tempo, mandar um filho para o collegio, tratar de negocios, considera-se acto de suprema temeridade. Todos os annos vemos em pessoas do nosso conhecimento a expiação dessa temeridade. Maldita febre amarella! Maldita perniciososa! dizemos então, e vamos continuando até que chegue a nossa vez, e que os amigos digam outro tanto de nós. Não ha muito um nosso conhecido de serra-acima querendo dar melhor instrucção a um

(*) Agora não se diz mais o Rio ou Rio de Janeiro, mas a Côte. Em breve este nome terá feito desaparecer aquelle. E' notavel esta singularidade n'um paiz tão democratico.

filho unico, rapaz de quatorze annos que acabava as primeiras letras, manda-o para um collegio no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, um telegramma o avisa que o filho cahira gravemente enfermo. O pai attribulado toma a estrada de ferro, e chega á cidade: o enterro acabava de partir ! Outra occasião é um negociante, que tambem conheciamos ; deixa mulher e seis filhos menores, e vem por quatro dias tratar negocios urgentes; a febre o colhe e o cemiterio recolhe mais um cadaver, de um homem moço, vigoroso, activo ! Todos contamos casos destes ás dezenas e não nos commovemos ! Si fossemos povo energico e resolutos não supportariamos similhante situação ; poderiamos esbarrar no fim de grandes esforços com o impossivel, mas teriamos tentado todos os meios de chegar a esse resultado desesperador, que estamos profundamente convencidos não será nunca o da cidade do Rio de Janeiro.

Como póde uma capital existir nestas condições ? Como póde uma grande agglomeração de povo viver n'um perigo constante ? Ha trinta annos a febre amarella penetrou no porto do Rio de Janeiro e alli estabeleceu acampamento permanente ; data de algum tempo a recrudescencia de certas febres de character grave. De 1822, época da independencia, até 1850, qual foi o crescimento da cidade do Rio de Janeiro, não poderemos dizer, porque em nosso paiz não se

fazem arrolamentos. O crescimento era, porém, regular e constante: qual tem sido nestes ultimos trinta annos? Em que algarismo estaria a população, a prosperidade e riqueza da cidade si outras fossem as condições sanitarias?

Observei um dia a um fabricante no Rio de Janeiro que seus productos iam-se tornando inferiores ao que haviam sido.—Porque, lhe disse, não reforma os seus officiaes ou não contrata melhores?—Pago o mais que é possivel, respondeu-me, mas neste negocio são precisos officiaes mui habeis; antigamente quando me faltavam, mandava contratar em Paris, e com os salarios que pago, obtinha-os sempre; hoje não ha dinheiro que os traga para cá. Um bom official encontra salario vantajoso na Europa, e não virá, embora com maior lucro; arriscar-se a morrer de febre amarella. Vou, pois, supportando os que tenho, e são ainda os discipulcs dos bons operarios de Paris; quando estes acabarem havemos de nos arranjar como puder.

Li nos jornaes dahi a noticia das conferencias sobre a protecção á industria nacional feitas pelo illustrado Sr. Dr. Ferreira Vianna. Não teria o eloquente orador pedido em primeiro logar protecção para a vida dos operarios? Como se lhes ha de proteger o trabalho si não se lhes protege a vida? Como se hão de

crear industrias sem operarios? Estes desertam e abandonam uma cidade empestada!

Não preciso sobrecarregar um quadro já tão sombrio; devo, porem, assegurar a todos os meus patricios este facto: não ha na Europa uma só pessoa que conheça o Brasil, qualquer que seja sua posição social, desde o capitalista até o operario, desde o sabio até o illetrado, uma só pessoa, em summa, que tenha o mais remoto conhecimento do nosso paiz, para quem a idéa do Brasil não esteja associada á da febre amarella, á de um paiz inhabitavel e doentio.

N'uma das minhas estadas na Belgica tive o gosto de ser recebido por uma familia, que havia habitado bastantes annos o Rio de Janeiro. A fortuna lhe havia sido propicia, e o reconhecimento e as saudades do logar onde se passou a mocidade lhe faziam julgar o Brasil com indulgencia, conservando vivas e agradaveis recordações. A' mesa do jantar reuniu-se quasi toda a familia do meu hospede, e a noite se passou em agradável conversação.

Um ponto negro, porém, desfazia o prazer e pairava sobre as recordações que alli vi reunidas, taes como quadros representando vistas do Brasil, plantas brasileiras, etc. Um dos sobrinhos do dono da casa, moço cheio de esperanças e de saude, partira para o Brasil, onde provavelmente poderia fundar familia, crear fortuna e com o seu fecundar o nosso trabalho. Havia

menos de tres mezes tinham recebido a noticia de haver fallecido de febre amarella. O pai estava presente e ainda de luto.

Nem uma vez durante a minha estada naquella casa se falou na terrivel epidemia do Rio de Janeiro, nem se fez a mais leve referencia ao seu estado sanitario. Foi a primeira vez que isto me aconteceu entre europeus que conhecem o Brasil. Era um ponto afflicto e doloroso para elles, um espinho para mim, brasileiro.

Maldita febre amarella ! pensei muitas vezes. Alli estavam jovens robustos, intelligentes, bem educados, desejosos de fazer fortuna e achar campo para sua actividade ; mas, o nosso paiz lhes estava trancado, uma cruz negra se desenhava sobre a nossa carta geographica. Iriam para a China, para o Japão, para Australia ou para os Estados-Unidos, mas não para a nossa patria. Em toda a parte se morre ; ninguem ignora ; mas não se vai para um paiz onde as probabilidades de morrer são maiores e onde epidemias fataes assaltam de improviso os recém-chegados.

No Brasil não se pôde esperar que os jornaes da Europa se occupem muito connosco. Nós tambem só acompanhamos a politica, os acontecimentos, usos, costumes, industria, commercio das nações que se acham á frente da civilisação. Aqui, por exemplo, não ha assumpto mais discutido do que os rela-

tivos á America do Norte. Outro tanto não pôde acontecer com o nosso paiz. Não obstante, os jornaes commerciaes dos portos da Europa, os jornaes de character universal, como os inglezes e mesmo quasi todos os periodicos, trazem de vez em quando alguma noticia sobre o Brasil. Póde-se ter certeza que si este nome se pronuncia, não se tratando de café ou de cambio, é ordinariamente para alguma noticia do estado sanitario do paiz e de quantas pessoas succumbem por dia no Rio de Janeiro de febre amarella. Mesmo nos annos em que a epidemia não toma grandes proporções este facto por vezes se menciona, e, em summa, é sempre de febre amarella que se trata.

Sem que este anno houvesse epidemia nos portos do Brasil, li em todos os jornaes que os vapores da companhia *Messageries Maritimes*, que partem de Bordéos para o Brasil e Rio da Prata nos dias 5 e 20 de cada mez, deixariam os de 5 de tocar nos portos do Brasil, seguindo em direitura para evitar as epidemias. Dias depois a *Royal Mail*, cujos vapores partem de Southampton, annunciava que, á vista da quadra do anno em que se desenvolvem epidemias nos portos do Brasil, partiriam vapores directos para o Rio da Prata, além de outros que parariam no Rio de Janeiro.

Estas noticias correm os jornaes da Europa inteira,

e trazem sempre todos os espiritos bem prevenidos que aquella terra é empestada.

Seja qual fôr a exaggeração que possa haver em taes noticias e em taes precauções, é certo que o medo não raciocina, e nem podemos levar a mal que estrangeiros se mostrem tão impressionaveis e medrosos quando os nossos patricios de serra-acima, na provincia do Rio de Janeiro, os de Minas e S. Paulo procedem do mesmo modo. E' para estranhar que ha trinta annos estejamos debaixo de similhante flagello, que depois de certo tempo as febres de máo character tenham crescido em proporção espantosa e que nos conservemos de braços cruzados, sem energia nem disposição para empregar todos os meios possiveis em debellar tão grandes calamidades.

E' no centro da America, nas costas banhadas pelo mar das Antilhas e o golfo do Mexico, que a febre amarella reina com mais constancia e intensidade. As cidades do sul dos Estados-Unidos sobre o golfo, e principalmente as da foz do Mississipi, são cruelmente assoladas. Mas quantos trabalhos de saneamento, que precauções alli se tomam para combater o flagello? E os resultados, embora incompletos, têm sido já importantes.

Porque não fazemos outro tanto?

Não nos tem faltado animo para tanta cousa de

utilidade duvidosa; porque não o empregaremos nesta questão capital do Rio de Janeiro?

E' preciso, porém, reflectir que não se deve tratar de meios insignificantes, incapazes de produzir resultado apreciavel, mas de um systema completo de transformação da cidade, comprehendendo obras de saneamento, de commodidade e mesmo de embellezamento. Quanto ás primeiras,ninguem poderá oppôr-se; mas feitas essas obras, devemos tambem embellezar a nossa capital, sem que seja necessario gastar rios de dinheiro, pois as condições naturaes e excepçionaes do Rio de Janeiro muito auxiliarão.

Com effeito, quanto á cidade propriamente, o centro, a nossa capital é detestavel e inqualificavel como architectura, máo gosto, asseio e apparencia geral; mas, onde encontrar uma cidade em situação mais aprazivel e sobretudo mais variada? Possui uma bahia admiravel, com enseadas encantadoras, praias, ilhas, uma lagôa cercada das mais bellas montanhas, valles, campo, serras, tudo quanto é possível desejar e imaginar.

Duas condições são indispensaveis para qualquer trabalho serio: organização municipal e dinheiro. Ainda hoje a municipalidade do Rio de Janeiro se rege pela lei de 1º de outubro de 1828, e a sua organização é identica á da municipalidade do mais

insignificante villorio do imperio nas margens da Paraopeba ou Mearim.

Ia-me esquecendo uma alteração que fez a novissima lei eleitoral — elevou o numero dos vereadores da capital a vinte e um e das capitaes de provincia a dezesete. Já tinhamos o parlamento, onde a rethorica impera ; já tinhamos as *salinhas*, onde são mais as vozes do que as nozes ; vamos agora ter outro parlamentosinho para discussões oratorias. Para que vinte e um vereadores ? Para que tirar ás camaras municipaes o character de conselho de homens praticos, que tratam os negocios locaes sem apparato nem pretensão de fazer discursos ? O necessario é que haja ao lado desse pequeno conselho, possuindo faculdades amplas no que é exclusivamente municipal e administrativo, um executor immediato, capaz, remunerado, chame-se *maire*, burgo-mestre, presidente ou corregedor municipal.

Outro ponto importante consiste na elevação da renda, sem a qual nada se póde fazer. A cidade do Rio de Janeiro, com renda municipal pouco excedente de 1.000:000\$ é uma ridicularia. Os nossos impostos são absurdos ; por isto se tornam pesados. Aqui mesmo nestas *Notas* passageiras já tive occasião de fallar dos impostos de exportação. Sem entrar em pormenores e demonstrações que seriam mal cabidas, observarei sómente que os impostos são iguaes em todo

o imperio, e que, si o habitante do centro de uma provincia atrazada paga impostos, por exemplo, como dez, o habitante do Rio de Janeiro póde pagar como doze ou como quinze, sem que, relativamente, seja mais gravado. Demais, o estado tem absorvido as rendas municipaes da cidade do Rio de Janeiro, e, si faz alguns serviços locaes, deve-se tambem reflectir que dessa cidade tira grande parte de suas rendas. Finalmente, si o estado julga dever construir estradas de ferro, portos e outras obras, subvencionar a navegação, fazer com prejuizo o serviço do correio e do telegrapho, etc., em varios pontos do imperio, tambem deve considerar-se obrigado áquillo que constitue a primeira necessidade da capital, pois a sua boa ou má reputação prejudica ou utilisa o imperio inteiro.

E eis-ahi como escrevendo notas de viagem encalhei no Rio de Janeiro ! Peço desculpa aos leitores e candidatos da capital ; áquelles pela decepção que lhes causei, e tantas terão sido, que mais uma não aggravará o mal ; aos candidatos por distrahil-os das altas cogitações sociaes e politicas com estes assumptos *terre à terre*, que, entretanto, deveriam constituir o programma da sua capital — *primo vivere, deinde philosophare*.

XIV

Encerra-se a digressão sobre as cidades do Brasil.—Norte da Italia.—Novara.—Carlos Alberto.—A cultura na Lombardia.—A cidade de Milão.—Propaganda nos jornaes contra a emigração.—A grande e a pequena propriedade.—O sul da Italia.—Um quadro do Brasil com a colonisação chinesa.—A raça africana.—O chim nas fazendas.—Os açorianos, os bascos, os italianos.—Os chins repellidos pelo mundo inteiro.—O futuro das fazendas trabalhadas por *cules*.—Transição do trabalho escravo para o livre por meio do chim.—Erro manifesto dessa opinião.

PARIS, ABRIL DE 1881.

De Turim a Milão atravessa-se uma parte da conhecida planicie da Lombardia, um dos pontos melhor cultivados da Europa. A paizagem sempre a mesma, desperta, entretanto, sempre interesse. A Italia é a terra classica das recordações de todo o genero. No norte escasseam as reminiscencias romanas; nessa época, como nos descrevem os autores latinos, a Lombardia era em grande parte uma vasta floresta virgem; mas, nos tempos modernos tem sido o campo de batalha predilecto de todos os exercitos europeus. Deve-se esperar que a unidade da Italia, libertando-a dos despotas nacionaes e estrangeiros, que a ultrajavam, liberte tambem o seu solo do pesadissimo

encargo de fornecer campo para as lutas sanguinolentas de tantas ambições desenfreadas.

Da estação de Novara, onde o trem pára alguns instantes, vejo uma casa crivada de balas, gloriosas cicatrizes que algum patriota quiz conservar, e me trouxeram á lembrança a briosa temeridade de Carlos Alberto. Nesta Europa tão guerreira os vestigios das batalhas são reparados com tal presteza, que esse facto é talvez o unico que tenho até hoje observado. O soldado de Novara! Eisahi uma batalha perdida que cobre de gloria o vencido, e lhe confere um titulo de benemerencia mais honroso do que muitas victorias em que a nobreza da causa não eleva o vencedor. Só depois de Villa Franca e Sadowa, de expellida da confederação allemã, de abandonar a Italia e de, no meio de tantas desgraças, conceder liberdades constitucionaes á sua população heterogenea, a Austria conquistou as sympathias do mundo, que, victoriosa, jámais alcançára. Em Novara, póde dizer-se, a opinião universal lamentou o seu triumpho.

Mas, si não banirmos do espirito as recordações, ficamos em caminho: a Italia é para nós hoje o que para os romanos foi a Grecia, da qual dizia Cicero: *Quocumque ingredimur, in aliquam historiam vestigium ponimus.* Tambem nós na Italia não damos um passo sem que successos de todo o genero nos assal-

tem o espirito. Façamos, porém, um esforço e deixemos o passado.

A Lombardia offerece sempre o mesmo aspecto: na direcção, que seguimos, a vastissima planicie limita-se, á esquerda, ao longe, pela gigantesca cordilheira dos Alpes, cujos mais altos visos alvejam de neve. A immensa cordilheira termina abrupta e logo começa a planicie, tão uniforme que nenhuma elevação se offerece apreciavel á vista. O terreno vem, entretanto, em declive suave até as margens do Pó, que recebe os muitos rios e ribeirões das montanhas, e servem de escoadouro aos numerosos lagos das regiões alpinas. Em grandes áreas predomina a cultura do arroz, para a qual o solo presta-se admiravelmente. E' todo dividido em tableiros regulares por meio de regos de agua desviada dos rios e canaes. Semeado o arroz, pequenas comportas vão elevando a agua á medida das necessidades da planta, cujas raizes se mantêm sempre mergulhadas, como tanto convem. Infelizmente a salubridade soffre com este methodo aperfeiçoado de cultura. Quando passei por alli os arrozaes estavam maduros, e em toda a parte havia começado o córte, a séga, como se diria em Portugal. Grandes porções por bater se amontoavam em pequenos terreiros, sem ladrilho ou cimento. Na noite anterior forte tormenta de chuva e vento havia deitado immensos arrozaes, inundado as plantações e

encharcado os terreiros. São frequentes as tempestades no outono, e me admirou vêr ao lado de cultura tão adiantada tanto atrazo nos meios de preparar o grão. Si o máo tempo continuasse, qual seria o prejuizo no arroz perdido naquelles terreiros ensopados d'agua!

Esta mesma disposição do terreno, facilmente regado á vontade, torna-se propicia aos prados artificiaes, e, effectivamente, a engorda do gado e os lacticinios constituem uma das riquezas da Lombardia. Outra industria consiste na criação do bicho da seda. Os taboleiros de que fallámos, e em geral os pequenos parallelogrammos em que se dividem as propriedades, são cercados de arvores, nas quaes predomina a amoreira. Vistas as terras de qualquer eminencia, de um edificio elevado, de uma torre, parecem uma floresta pela quantidade de arvores que se ajuntam no horizonte. Em quasi todas se entrelaçam as vinhas, que produzem, seja dito em abono da verdade, vinho bem pouco famoso. Ao contrario do resto da Europa, em que as videiras formam pequenas cepas nas encostas das collinas, na Italia quasi sempre as parras se estendem de arvore em arvore e os pampanos se balançam ao vento. Ou seja questão de solo e clima, ou de habito, já assim Virgilio nos descreve a videira subindo pelos altos olmeiros, onde ás vezes os amores

extravagantes de Corydon as deixavam no meio da póda.

Nas encostas dos Alpes e na região dos lagos, onde minhas excursões permittiram-me observar, notei grandes vinhedos onde abundava a vide americana, exactamente a que conhecemos no Brasil. Provei algumas vezes o fructo e achei sempre inferior ao de S. Paulo e de serra-acima no Rio de Janeiro. Em toda a parte a uva para a mesa cultivava-se especialmente; a de que se faz vinho é ruim, á excepção talvez da do extremo sul da Europa. Tem o nome de *barbera* o vinho destes logares de que fallo e, na verdade, não deixa o seu sabor de ser de implacavel barbaridade; não obstante, como deverá em grande parte ser questão de habito e de enrijar o paladar, este vinho é preferivel á droga de fabricação brasileira, que o nosso povo bebe com o nome e com a apparencia de vinho. O tal *barbera* no fim de contas provém de uvas, e estou certo que em muitos logares do Brasil poderiamos fabricar melhor.

As obras de embellezamento que na minha primeira viagem vi começadas em Milão estavam concluidas, mas outras se encetavam. A celebre cathedral gothica, o maior monumento de marmore existente no mundo, já se achava isolada no centro de uma bella e grandiosa praça, tendo sido demolidos os edificios e casebres que a cercavam, assim ao modo dos que se

agarram ahí no Rio de Janeiro aos flancos da igreja da Candelaria. E só nisto havia similhaça. Das obras novas a galeria Victor Manuel constitue o orgulho de Milão. Estas galerias, conhecidas pelo nome de passagens, são hoje communs em muitas cidades, e ha dezenas de annos apresentam-se projectos no Rio de Janeiro, sem que se levem a effeito. A de Milão não é simples passagem, mas uma obra de arte, o centro da cidade, o *rendez-vous* dos conversadores e ociosos. A' noite dous cafés-concertos, não á moda dos de Paris, onde a lubricidade das canções fórma o condimento indispensavel, mas concertos em que se ouvem excellentes trechos regularmente executados por bandas de musica, ficam apinhados de freguezes. Ouvi alli varios pedaços das operas do nosso patricio Carlos Gomes. Os theatros de canto se abrem no inverno. No Scala estava contratado o tenor Tamagno, que me disseram ser o predilecto do publico milanez e que tambem nós temos devidamente apreciado. Maria Durand fez neste inverno as delicias da capital da Italia.

Durante a minha estada em Milão os jornaes se entregavam a activa propaganda contra a emigração italiana para a America. Em todos os paizes da Europa vê-se com pezar a sahida dos nacionaes. A Italia não tem colonias; seus filhos, que partem para o Novo Mundo, levam comsigo os gostos nacionaes, enrique-

cem, abrem relações directas com a mãe patria, e os productos desta acham assim novos mercados. Ha tempos no Brasil ninguem conhecia vinhos italianos ; hoje já se vendem algumas marcas ; o mesmo se pôde dizer de outros muitos productos. Estas observações fizemos uma vez a um encarregado de negocios da Italia no Rio de Janeiro, que se encarniçava em estorvar a immigração dos seus patricios no imperio, naturalmente para corresponder ás vistas do seu governo. Entretanto, os claros que deixam na população os emigrantes são logo preenchidos pelas leis naturaes da procreação, pela maior facilidade de vida, de fortuna e de bem-estar que em geral produz a mesma emigração.

Dos paizes importantes da Europa é a Italia onde os salarios são mais baixos : chegam a um franco por dia para os homens, e a oitenta centimos, e menos, para as mulheres ; um dos paizes tambem em que a miseria, a pobreza é maior. Donde provirá o defeito ? Ha poucos annos o proprio governo se collocava á testa da propaganda contra a emigração. Os camponezes da Lombardia respondiam com um manifesto á circular ministerial. Deve-se observar que nessa occasião a votação de maiores impostos e a recrudescencia da *pellagra*, mal endêmico que persegue e dizima a população pobre, a excitava. Eis-aqui algumas phrases do longo manifesto : « Olhai para nossos semblantes

pallidos e emmagrecidos, nossos corpos debilitados por trabalho excessivo e alimento insufficiente. Semamos e colhemos trigo, e nunca comemos pão. Cultivamos a vinha e não bebemos vinho. Criamos gado e não comemos carne. Vestimo-nos de trapos e habitamos cabanas miseraveis; no inverno nos persegue o frio e no verão a fome. Nosso unico alimento é um pouco de milho que o imposte tem enca-recido... No fim de tudo isto, Sr. ministro, vós nos aconselhais que não emigremos?... »

O operario italiano é um trabalhador infatigavel. Ainda agora esta questão levou-me a indagar da opi-nião de viajantes do norte da Europa, aliás cheios de prevenção contra as populações do sul. Em Napoles mesmo o camponez é trabalhador, sobrio, constante, dedicado e forte. Porque tanta miseria? Porque nem elles, nem os patrões, os nobres possuidores de grandes propriedades têm prosperado? Cada um responde segundo idéas preconcebidas, opiniões arraigadas em seu espirito. Para um notavel escriptor, o sul da Italia ainda soffre o mesmo mal que assignalou Plinio no seu tempo. Que respeitavel antiguidade! *Lati-fundia perdidere Italiam*; são os latifundios que ainda hoje arruinam a Italia.

O leitor não estará disposto a entrar n'uma dis-cussão sobre as vantagens, e desvantagens da pequena e da grande propriedade, que tanto preoccupa a Eu-

ropa; tambem nós não estamos resolvidos a nos enredar nella. Qual seria a sua applicação ao Brasil? Entretanto, ha poucos annos lemos no *Jornal do Commercio* longos artigos de um dos nossos engenheiros, que maneja tão bem o theodolito quanto a penna, cujo fim era provar que todos os males da agricultura brasileira provinham da grande propriedade. Na camara dos deputados alguns oradores têm dissertado no mesmo sentido: retalhem-se as fazendas e tudo mudará.

Ainda mais, dous ministros da fazenda destes ultimos tempos, um liberal e outro conservador, propuzeram nos seus relatorios a creação de imposto territorial, com o fim de obrigar a divisão das grandes fazendas. Si os latifundios estragaram a Italia, si os nobres monopolisam as terras na Inglaterra, forçosamente os fazendeiros prejudicam o Brasil. O mal não póde estar em outra parte! Porque estes senhores não vão ver o que fazem no Brasil os pequenos proprietarios, porque não indagam si os ha, o que fazem, como trabalham, o que produzem? Finalmente, porque não verificam si ha, como na Inglaterra, estorvos e obstaculos na propria lei, que difficulta não só a divisão, como a venda das propriedades agricolas; porque não verificam si os proprietarios brasileiros recusam vender terras e si ha compradores que não realizam negocio por não achal-as á disposição? Como

ministros de estado escrevem taes cousas? Pois as terras do Brasil inteiro estão á venda, não têm valor, os fazendeiros as dão de graça a innumerados aggregados, e os nossos escriptores, os nossos deputados, os nossos ministros, estão a engendrar meios artificiaes de forçar a venda? Si alguma cousa ha que decretar será simplesmente a diminuição do imposto de siza, que, na verdade, embaraça as transacções pela sua desarrazoada elevação.

Sem entrar na grande questão de economia rural que agita a Europa, devo reconhecer, entretanto, que no sul da Italia, si as cousas se passam conforme leio, os latifundios a prejudicam consideravelmente. As terras pertencem a grandes proprietarios que raras vezes as cultivam directamente; são arrendadas por prazos curtos a individuos que não podem emprehen-der bemfeitorias de certa importancia, pois não lhes aproveitariam e sim ao dono do solo, e iriam augmentar os arrendamentos futuros. Si os proprietarios cultivam as terras, é sempre por meio de prepostos; não residem nellas, nenhum amor lhes consagram, nada fazem sinão tirar o maior partido possivel com o menor trabalho tambem possivel. A população operaria lhes é indifferente; sua sorte, suas condições de vida, seu progresso moral ou intellectual lhes é completamente estranho, nada disto lhes preoccupa. A vida do campo, triste, enfadonha, não offerece nenhum attrac-

tivo. Tudo quanto a terra produz os proprietarios despendem nas capitaes ; nada fica no solo para seu engrandecimento, vantagem e melhoramento futuro. A ganancia dos arrendatarios e a indiferença dos proprietarios só procuram extorquir do operario o mais possivel e deixal-os embrutecidos taes quaes os encontraram (*).

(*) Na *Revista dos Dous Mundos* de 15 de novembro do anno passado o distincto escriptor Gaston Boissier, analysando e importante livro de F. Lenormant sobre a *Grande Grecia* (o sul da Italia), diz o seguinte, acompanhando o notavel historiador e archeologo: — « Os lavradores da Calabria, bem como os da Apulia, têm um modo quasi militar de cultivar, que surprende os viajantes. Nessas vastas planicies, debaixo de um sol implacavel, vêm-se algumas vezes até 20 ou 30 arados trabalhar em linha, ou então uma fileira (um eito) de muitas centenas de homens que marcham revolvendo a terra com a enchada. Diante delles o *fattore* (feitor), passa a cavallo, vigiando a sua gente, excitando-a ao trabalho e não poupando injurias aos que fraqueam. Estes operarios não habitam os campos que cultivam ; vêm das cidades vizinhas na época das plantações ou da colheita. Pagos insignificamente, mal vestidos, mal alimentados, a sua condição é das mais miseraveis. A' noite, não tem para descansar sinão ranchos mal fechados, onde livremente penetra o frio da noite e as exalações humidas dos brejos. Ahí se amontoam, cobertos de suor, exhaustos pelo cansaço, no meio de uma immundicie repugnante. « Em parte alguma, diz o Sr. Lenormant, possilga mais infecta abriga creaturas humanas. » Facilmente calculam-se os estragos que faz a *malaria* nesses desgraçados ».

Já se vê que não basta acabar com a escravidão para

Não estamos vendo ahi um quadro do nosso Brasil dentro de alguns annos, si se effectuar a colonisação chinesa? Que desgraçada idéa! Teremos então propriedades ainda maiores, administradas de modo puramente mercantil por meio de prepostos. Os ricos donos das terras irão habitar a capital, virão despender as rendas na Europa, e a população indigena, a população operaria, continuará a vegetar cada vez mais miseravel e abandonada do que hoje em torno das grandes fazendas. Perguntar-me-hão porque os proprietarios deixarão as terras a prepostos assalariados, e só procurarão maior lucro para despender nas cidades, dentro e fóra do paiz? Em primeiro logar assim tem acontecido em toda a parte onde entra o trabalhador chinim; em segundo logar este facto é tão natural, que no Brasil terá forçosamente de acontecer. Já hoje os brasileiros infelizmente não sentem muito gosto pela vida do campo; as senhoras brasileiras da sociedade, sobretudo, mostram decidida aversão. Em todo o caso, ainda este sentimento não é geral: muitos se deleitam e comprazem na vida agricola. Não deixa de influir nessa falta de gosto o instrumento principal

acabar com as miserias humanas, principalmente quando a querem substituir por outro instrumento de trabalho talvez ainda mais deleterio nos seus effeitos moraes sobre a sociedade.

do trabalho rural—o escravo ; mas quanta differença entre elle e o chim neste ponto de vista !

As raças negras da Africa não possuem certamente as qualidades nobres que elevam e honram a humanidade ; mas os infelizes que foram para o Brasil, e que alli formam uma casta á parte, possuem qualidades que os fazem estimar mesmo no estado de captiveiro ; são doces, morigerados, trabalhadores, dedicados e reconhecidos. Como observo, com espanto e sem comprehender bem o motivo, que muitas vezes os abolicionistas mais exaltados são os que mais deprimem os pretos, e os cobrem de vicios e defeitos, insisto um pouco nestas idéas. Ha muitas fazendas de café, onde as tarefas nas colheitas são moderadas, e os proprietarios pagam a dinheiro o excesso colhido. Neste excesso, pois, ha o incentivo do trabalhador livre. Vimos por vezes nas mesmas fazendas colhedores de varias nacionalidades trabalharem ao lado dos pretos, e nunca conseguirem colher mais, nem tanto ; e os pretos ainda vinham á noite fazer o serviço dos terreiros.

A' sua constancia no trabalho, sempre com o mesmo vigor e disposição, nenhuma outra raça excede, mesmo abstrahindo-se de qualquer meio coercitivo. Accrescentemos ainda que nos estabelecimentos agricolas bem dirigidos, uma grande parte dos pretos não se entrega a maiores vicios do que fariam reuniões

iguaes de outros operarios ; assim, os furtos, desordens, faltas de toda a especie, não são nelles muito mais frequentes. Finalmente, como no Brasil, todos nos criamos no meio dos pretos, vimol-os sempre no interior de nossas casas, foram pretas as nossas amas, e seus filhos nossos companheiros de infancia ; elles não nos inspiram repulsão alguma.

Com o chim tudo é diferente : o individuo, a raça, a religião, que não entendemos, os costumes, que dizem depravados, o character, os habitos de vida, tudo infunde repugnancia. A escravidão certamente é nociva aos senhores ; a população livre é prejudicada por esse espectáculo, e pelos males que são inherentes áquelle estado. Supprimi, porém, o escravo nas fazendas e collocai o chim ; ficai certo que os sentimentos máos e egoisticos, que infelizmente o homem encerra em si, se desenvolverão ainda mais ; pelo menos a vida, a sorte, o futuro do chim, nada interessa ao proprietario, sinão o seu trabalho, do qual procurará tirar o maior proveito possível.

No Brasil andamos sempre nos extremos : houve tempo em que os creditos das raças do norte da Europa e o descredito da latina nos fazia desejar somente colonos anglo-saxões e allemães ; destes cahimos agora no chim : ou as raças suppostas melhores ou a mais desmoralisada.

R. Southey, o grande historiador do Brasil, faz os

maiores elogios aos açorianos que recebemos e que forão sempre excellentes colonos. Todos os portuguezes em geral são bons trabalhadores; mas aquelles têm sobre os do continente a vantagem de considerar desde logo o Brasil como segunda patria e o seu estabelecimento alli como definitivo. Infelizmente é pequena a população de Portugal e insignificante a das suas ilhas. Os bascos e os italianos possuem sobre os povos do norte da Europa a superioridade de quasi falar a mesma lingua, ou de aprender a nossa com summa facilidade; dos mesmos costumes, a mesma religião; de usar alimentação não de todo differente, e ser o clima mais analogo ao nosso. Têm elles frio intenso, e seu verão é muito mais curto, mas não menos rigoroso do que o nosso.

Comprehende-se que as nações da Europa queiram introduzir os *cules* nas suas colonias; o que lhes interessa é que produzam assucar, algodão, café, tabaco, etc.; que seus navios encontrem frete, os impostos materia tributavel, e que os ricos colonos venham nas metropoles despender loucamente o dinheiro que seus prepostos recolhem desse trabalho barato e ephemero. Comprehando tambem que alguns fazendeiros no Brasil, vendo extinguir os escravos, sem animo de encarar o grave e difficil problema da substituição do trabalho, sem habito de se entender com operarios livres, cujas exigencias chegam

muitas vezes á impertinencia, preferam o chim ; mas que estadistas, a quem só os interesses permanentes da sociedade devem preoccupar, pensem do mesmo modo, me surprende e desalenta !

Quando o proprietario rural tiver no chim trabalho barato, á discrição, não se preoccupará mais com o operario nacional, com seus concidadãos pobres, que continuarão a vegetar na indigencia e na miseria ao redor das grandes fazendas suppridas de trabalhadores asiaticos. Afóra as colonias européas, só o Perú, dos estados livres, tem admittido os filhos do celeste imperio. Todos os mais estados os repellem, como fizeram os Estados-Unidos, violando os principios de liberdade, e como acaba recentemente de fazer o parlamento da Australia, votando o imposto de dez libras esterlinas por chim que desembarca. Quando todo o mundo os repelle, nós os sollicitamos !

A Hespanha possui as minas de mercurio as mais ricas que se conhecem. Atravessei uma vez em estrada de ferro o territorio em que se acham as celebres minas de Almaden. Em muitos kilometros ao redor o paiz offerece o aspecto o mais desolador: a população é miseravel. Só o trabalho de mineração occupa para cima de quatro mil operarios ; têm todos apparencia doentia, magros e amarellos ; a vida é notavelmente abreviada pelo genero de trabalho: morrem sempre moços. O proprietario dessas ricas minas re-

side em Paris; vive como verdadeiro nabado, gastando rios de dinheiro. Qual a vantagem real que a Hespanha e a sua população auferem de tantas riquezas? As nossas fazendas trabalhadas por chins offerecerão em ponto pequeno igual espectaculo: a desolação no interior, a miseria em torno, a auzencia do proprietario só attento ao lucro, que despenderá na occiosidade e na prodigalidade das grandes capitaes. Temos vivido até hoje do suor e á custa de uma raça inferior, e como esta vai acabar, queremos substituil-a por outra, á custa da qual continuaremos o mesmo systema.

Nestas *Notas* já tive occasião de falar da instabilidade e da dissipação das fortunas do Brasil. O modo de sua formação entra por muito nos habitos de prodigalidade desses enriquecidos, que desfructam a fertilidade espontanea das terras e as abandonam quando exhaustas, como bagaço inutil. O contrario acontece em todo o resto do mundo onde o trabalho, quanto mais constante e assiduo, mais eleva o valor das terras. O chim vai augmentar e duplicar estes defeitos; poderá passar mais café, mais assucar, mais algodão pelos nossos portos, mas o producto será dissipado nos prazeres de Paris ou de outras capitaes, as terras não serão beneficiadas, a população nacional não progredirá; em summa, a nacionalidade brasileira nada lucrará.

Quando o chim começar a entrar nos nossos portos o immigrante europeu desaparecerá de todo.

Que infeliz idéa, repetimos ainda !

A colonisação chinesa em nosso paiz é questão mui complexa que não póde ser ventilada em todos os pontos na rapidez e concisão destes escriptos ; quizemos apenas apontar algumas de suas faces, que nos parecem um tanto esquecidas nas discussões, aliás succulentas, que temos lido. Mas não podemos deixar este assumpto sem tocar no grande argumento dos seus defensores. O trabalhador chim, dizem elles, não é um recurso final e definitivo, mas um expediente transitorio, a passagem forçada e necessaria entre o trabalho escravo e o livre, um meio de amparar os grandes estabelecimentos agricolas ameaçados de ruina total pela propaganda abolicionista. O receio é fundado si a abolição fôr brusca ; mas não haverá meio de impedir a precipitação ? Seja, porém, como fôr, ninguem se illuda quanto a esse estado de transição ; introduzido o chim, o colono europeu desaparecerá absolutamente ; a tenue corrente de immigração espontanea destes ultimos tempos sustará de repente. O nacional continuará cada vez mais indigente e miseravel, sem incentivo nem disposição para o trabalho ao lado do chim. Em summa, ter-se-ha creado uma situação ephemera, sim, porque não se basêa nas forças reaes e permanentes da nação ; pre-

caria, porque faltam-lhe as condições de durabilidade, mas exclusiva de qualquer outra. Não póde haver illusão a este respeito ; o exemplo de todas as colonias está ahí, e, o que mais vale, a natureza das cousas com sua força infallivel e irresistivel.

Tivemos o elemento servil e lutamos para extinguil-o ; vamos crear o elemento chim, e no futuro nos acharemos em difficuldades iguaes, sinão maiores. Crear, firmar as bases da nacionalidade brasileira, tal deve ser a preocupação dos homens patriotas, e não o interesse de alguns individuos, cujas fortunas, viciadas pela origem, são fatalmente votadas á prodigalidade e á dissipação.

XV

O S. Gothardo.— Os tunneis projectados no Monte Branco e no Simplon.— O tunnel do S. Gothardo.— Alguns dados a respeito.— A descida do lado do norte.— Andermatt e a Ponte do Diabo. — O lago de Como, Bellagio. — Aspecto geral de uma subida nos Alpes.— O gado ahi e em geral na Europa.— Questões peculiares ao Brasil.

PARIS, ABRIL DE 1881.

Atravessar o S. Gothardo antes de inaugurado o tunnel me seduzia tanto como o Cenis, de que já falámos. Neste, porém o tunnel está vinte e sete kilometros afastado da antiga estrada de rodagem; no S. Gothardo acompanha-se sempre a linha ferrea, cortando-a em muitos logares.

Para quem não percorreu a estrada de ferro dos Andes, no Perú, não subiu ao Himalaya, o espectáculo do S. Gothardo é dos mais sublimes que é dado admirar, quer pela imponencia da gigantesca cordilheira, quer pela das obras verdadeiramente colossaes que alli se executam.

Todos os caprichos da natureza, aqui tão apreciados, e que nas excursões de verão fazem-se leguas para ver, acham-se alli reunidos em tal numero e em tal magnitude, que afinal a attenção se fatiga na suc-

cessão ininterrompida de scenas sorprendentes de variedade e grandeza.

Em 1870 foi inaugurado o tunnel do Monte Cenis. Menos de dez annos depois, em fevereiro de 1880, era aberta a galeria do S. Gothardo de 14.920 metros, isto é 2687 mais longo do que o primeiro, cuja extensão é de 12.233 metros.

Já se acham em estudos dous outros tunneis nessa mesma cordilheira, que ha tão pouco parecia barreira insuperavel. Correspondem a dous novos traçados, o do Monte Branco e do Simplon. Destes, se fará em breve o primeiro em que a França se acha mais empenhada, e o segundo corresponde de tal modo a grandes interesses e reúne tantas vantagens, que a natureza das cousas forçará realização n'um prazo mais ou menos remoto.

O tunnel do Cenis produziu consideravel modificação na corrente commercial do mundo europeu, augmentada pela abertura do canal de Suez ; o ponto de partida das linhas ferreas vai deixando de ser Marselha para se fixar em Brindisi, na Italia. A inauguração do S. Gothardo tende a desviar da França boa parte dessa corrente, transportando-a para a Suissa, Allemanha, e os portos da Belgica e Hollanda ; os da França serão sacrificados aos de Ostende, Antuerpia, Flessingue, Rotterdam, etc.

A luta entre os dous novos tunneis projectados tem

sido renhida. O do Monte Branco, cuja extensão será de quinze mil metros, tem para a França a vantagem de ficar todo no seu territorio, de permittir a communição directa com a Italia, sem passar pela Suissa, o que sob o ponto de vista politico e estrategico constitue notavel superioridade. No Simplon o tunnel terá dezoito mil e quinhentos metros, quasi tres leguas ! Mas o ponto culminante da linha será de trezentos e cincoenta, e seiscentos metros mais baixo do que o das linhas rivaes, e, apenas com quarenta e sete kilometros de estrada a construir, porá em communição immediata a França, a Suissa e a Italia.

No Cenis o trabalho da perfuração exigiu mais de treze annos e consumiu setenta e cinco milhões de francos ; no S. Gothardo, apesar de difficuldades muito mais consideraveis, não só provenientes da situação financeira da companhia, que falliu e creou ao empresario do tunnel os maiores embaraços, como pelas condições intrinsecas das obras, excepcionalmente graves e importantes, taes foram os progressos da sciencia realizados nesse curto espaço de tempo, que, além de menor despeza, o adiantamento da perfuração das galerias representou no Cenis a média mensal de setenta e um metros e de cento e sessenta e sete no S. Gothardo, e a despeza será neste de cincoenta milhões, um terço menos do que naquelle !

Não obstante esses multiplicados embaraços da

companhia, resultantes na maior parte de accidentes imprevistos, que alteraram os calculos do orçamento, ella pôde restabelecer a sua posição financeira, e espera-se que a linha de S. Gothardo será inaugurada proximamente. Citarei sómente dous factos para dar ao leitor idéa das difficuldades do trabalho. Do lado do norte, isto é, da Suissa, cerca de tres mil metros da entrada da galeria, encontrou-se terreno tão frouxo, que, apenas se punha em contacto com o ar atmospherico, humedecia e abatia em taes proporções, que nenhuma obra de madeira para proteger os trabalhos podia resistir, e esmagava o mesmo revestimento de granito, feito aliás segundo os planos dos engenheiros da companhia. Foi necessario consolidar estas obras, além de todas as medidas anteriormente previstas, dando-se ao revestimento de cantaria do melhor granito e do melhor cimento a espessura de 3 metros na base, 2^m,50 nos lados e 1^m,50 na abobada. Os desmoronamentos no espaço de uns setenta e dous metros especialmente chegaram a ser assustadores para o exito de qualquer trabalho, e embaraçaram muito a perfuração da galeria além desse ponto.

Outra grande difficuldade se apresentou do lado do sul, que olha para a Italia; ahi as aguas, as infiltrações, verdadeiras cascatas, irromperam na galeria e a transformaram n'um enorme aqueducto. Como executar qualquer obra nesse tunnel com uma altura

d'agua de trinta a quarenta centímetros, arrastando lama, pedras e correndo impetuosamente? As infiltrações chegaram a produzir duzentos e setenta litros d'agua por segundo. Convem lembrar que a altura da corrente é a de toda a largura do tunnel, construido para via dupla.

Nunca vi obras que mais impuzessem á simples vista; o espirito fica subjogado pela magnitude desses trabalhos gigantescos, colossaes. Do lado da Italia, a linha ferrea segue o curso do Tremola, affluente do Ticino; do lado da norte desenvolve-se no profundo valle do Reuss. Como ambos os valles são mui estreitos e apertados por altissimos rochedos alcantilados, o traçado da estrada, para obter o necessario desenvolvimento, rodêa ora a céu aberto, e mais frequentemente em tunneis, grandes penedias para voltar ao mesmo lugar, vendo-se algumas vezes nesse apertadissimo valle tres lanços de estrada, sotopostos em planos differentes no flanco da mesma montanha escarpada e abrupta. No sentimento de admiração de que falamos nada influem as difficuldades exceptionaes do grande tunnel, escondidas no amago das serras.

O solo accidentado da Suissa offerece á viação ferrea todo o genero de obstaculos e um campo de uteis observações para nós. O Brasil está felizmente mui longe de ter na conformação do seu terreno embarços

tão graves; mas, a nossa cordilheira do Mar, que acompanha a costa n'uma tão consideravel extensão, interceptando os rios que ahi deveriam desaguar, e obstruindo os poucos que vêm, fórma uma barreira assaz importante ás communições entre os portos e o centro do paiz.

Sem falar da estrada de ferro do Righi, cujo systema especial só pôde convir a condições tambem especiaes, a Suissa possui estradas do systema ordinario, sem trilhos centraes, sem rodas, barras ou hastes dentadas (*engrenage* ou *crémaillères*) até com 7 % de declive! Em Zurich ha disto um exemplo; de 5 % encontram-se varios.

Como tudo isto nos distancia das idéas e do estado da viação ferrea de trinta ou quarenta annos passados!

A entrada do tunnel do S. Gothardo, na face sul, em Airolo, está a mil cento e quarenta e cinco metros de altura; a entrada do norte em Göschenen a mil cento e nove metros. A garganta do S. Gothardo, o ponto mais culminante da estrada de rodagem, achase n'uma altura de dous mil cento e quatorze metros; assim de Airolo, na entrada do tunnel, até alli, ha quasi mil metros de subida, que a estrada vence apenas com o desenvolvimento de treze kilometros.

O declive é um pouco aspero; mas a estrada admiravelmente traçada no meio de difficuldades

de todo o genero. Para que á paizagem alpina não falte uma das feições características, bem no alto, em frente ao *albergo di S. Gottardo* e do hospicio, ha um pequeno lago. Existem cerca de trinta nos arredores, que recebem as aguas *crystallinas* da neve derretida. Estavamos apenas no meiado de setembro e já a neve havia cahido bastante densa para cobrir tudo. O dia era esplendido ; o sol brilhante reverberava na neve e a derretia ; o *thermometro* marcava de tres a quatro grãos centigrados acima de zero, conforme a exposição da estrada que seguíamos.

Na descida, do outro lado, pôde-se dizer que está concentrado tudo quando essa estrada admiravel reune de sublime e imprevisto. Embora se inaugure o tunnel, os *turistas* não desertarão estas paragens ; o mundo commercial, os viajantes atarefados, farão n'um momento e por insignificante preço a travessia do tunnel ; mas os *turistas* continuarão numerosos na antiga estrada.

Andermatt é o nome de uma pequena aldêa na vertente norte. Ninguem que alli tiver passado uma vez esquecerá este lugar. Ao lado da pobre aldêa de pastores, no meio de uma paizagem agreste, selvagem, se eleva um sumptuoso hotel, tão confortavel, espaçoso, rico e bem servido, como os melhores da Europa. No salão de leitura existem jornaes italianos, alle-mães, suissos, francezes, e sobretudo inglezes e

norte-americanos. Folheando ao acaso o livro dos viajantes, dou com o nome de um estrangeiro que fez no Brasil rapida e grande fortuna, e que se inscreveu como brasileiro, morador no Rio de Janeiro, onde, aliás, ha muito não habita. Este reconhecimento para com o paiz que lhe forneceu os meios de viajar e de gozar faz honra aos seus sentimentos de gratidão.

Entre os negociantes, que passaram no nosso paiz a mocidade e se habituaram aos seus costumes, este sentimento não é raro. O estrangeiro, porém, que pouco se demora, a quem a falta dos habitos europeus causa desagradavel impressão, os sentimentos são muitas vezes differentes. Ha individuos para quem o systema de vida é só um ; não encontrando meios de realizal-o, tudo lhes aborrece.

Os hospedes do hotel assistem frequentemente a uma festa original que a administração lhes proporciona — admirar á noite a « Ponte do Diabo » — illuminada com fogos de bengala de differentes côres. Como em muitos outros logares pittorescos, tambem aqui o diabo escolheu morada e teve a honra de dar o nome a um sitio, que ninguem mais esquece.

Debaixo da ponte, o Reuss espumante e azulado precipita-se, apertado por altissimos rochedos a pique; mal se lhes vê o cume, e mal se póde imaginar a inextricavel successão de penedias enormes, no flanco

escarpado das quaes passa a estrada, cortada toda em rocha viva. Supponha-se a nossa estrada da União e Industria, no Taquary, onde o Piabanha se despenha furioso ao aperto dessas serranias selvagens. Imaginai o quadro dez, vinte vezes mais grandioso e imponente, e tereis uma idéa da scena que á noite se illumina, em festa singular ao diabo, para regalo dos hospedes do hotel.

A inauguração do tunnel vai modificar muito as condições da viagem. Actualmente se faz ora em pequenos trechos de estrada de ferro, em vapor nos lagos, e de carro ; nada mais variado e aprazivel.

Os lagos da Italia não cedem em belleza aos da Suissa. No de Como a multiplicidade de casas de campo ao gosto italiano muito concorre para o encanto da paizagem; Bellaggio, no centro do lago, é um sitio admiravel. Alli, na *villa* Serbelloni, edificada no alto do promontorio que domina os tres braços do lago, sem outra sociedade sinão a daquelle scenario, sem livros mesmo, esquecendo o resto do mundo, passar-se-hiam dias inteiros, deixando-se a imaginação vogar á tona daquellas aguas azues, insinuar-se naquelles valles profundos e infinitos, ou elevar-se ás cumiadas altivas da cordilheira, páramo das neves eternas.

A' medida que se vai subindo em qualquer ponto destas serras o aspecto vai tambem sensivelmente mudando. Nos valles a fertilidade é manifesta pela

corpulencia excepcional das arvores e belleza das culturas ; segue-se depois a região dos bosques, e finalmente nos altos cimos e chapadas a relva, coberta pela neve durante sete, oito e nove mezes do anno ; de certa altitude em diante as neves são permanentes. Onde quer que o terreno permite e alguma terra vegetal se mantem sobre o lagedo, as aldêas são numerosas : ardua e difficil é alli a luta pela vida. Nas vertentes da Suissa aldêas inteiras são formadas de chalets de madeira no modelo que todo o mundo conhece. Nos logares mais pedregosos, onde falta a madeira, e na industria pastoril consiste o unico recurso, a aldêa é toda de pedras ; até na cobertura das casas lagedos finos e irregulares substituem a ardosia e a telha ; não ha nenhum reboco, nenhuma pintura ; só se vê a pedra, do solo, dos muros, das paredes, dos telhados. Não sei como não se vestem de pedras e não as comem ! Deve, ser de granito a natureza destes montanhezes.

Quando se approxima o verão e a neve vai deixando descoberta a relva, os rebanhos deixam os estabulos para a pastagem verde e livre. Admira o numero de carneiros e de vaccas que pastam. Estas sobretudo são de qualidade especial, e vi sempre a mesma em todas as montanhas. Inquestionavelmente as raças hollandezas e normandas, corpulentas, exigindo nutrição abundante, succulenta, e sobretudo

facil e commoda, não poderiam viver nestas alturas agrestes. Um carneiro Disley aqui definharia em breve. As vaccas dos Alpes, pequenas, robustas, são, entretanto, relativamente mui abundantes na producção do leite, e este é delicioso, gordo e perfumado. Nos habitos participam da natureza da cabra; descem ás grotas mais apertadas á procura da herva densa, e saltam de rochedo em rochedo com pasmosa segurança. São quasi todas de uma só côr, cinzento mais ou menos alaranjado.

Em geral na Europa o gado é da melhor qualidade, e sempre adequado ás condições do solo, á alimentação que póde ter e ao fim a que se destina. Ainda ha pouco, lendo sobre a agricultura da Italia os esforços que fazem para a introducção das bellas raças de cavallos inglezes, vi condemnar este methodo, ao qual seria preferivel o aperfeiçoamento, por selecção, das raças do paiz. Em França mesmo, a acreditar n'um conceituado agronomo, a introducção das raças inglezas não apresenta os resultados esperados; tem feito perder as excellentes qualidades de algumas raças francezas sem adquirir as das inglezas. O que devemos esperar no Brasil das tentativas da introducção destes cavallos? O cavallo inglez é um aristocrata delicado e exigente, acostumado a alimentação e tratamento especiaes. Outro tanto póde-se dizer da introducção de carneiros Disley e mesmo

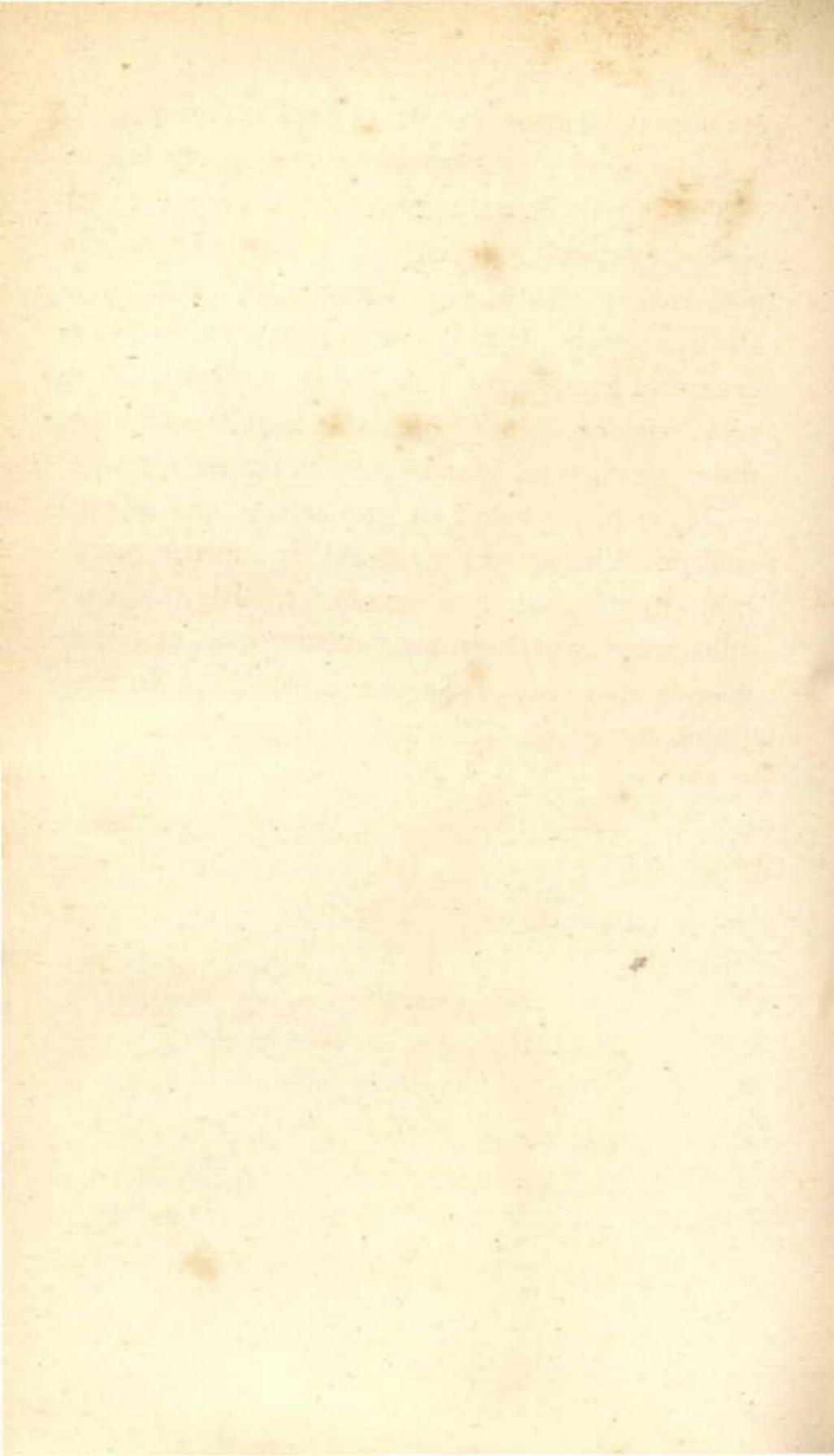
south down, de que se tem occupado os nossos fazendeiros, quasi sem outro resultado sinão despezas consideraveis. São raças acostumadas a pastagens mui nutrientes, a rações diarias, a cuidados constantes, lavagens, abrigo, etc. Não convem ao estado rudimental da nossa agricultura e ás forragens de que dispomos. Parece-me preferivel procurar o typo do nosso carneiro antigo, que está hoje desaparecendo pela degeneração de máos cruzamentos, isto é, o carneiro alto, de pello curto, quasi como o da cabra, sobrio, rustico e resistente. Nas especies suinas, apezar da superioridade das raças inglezas, os nossos fazendeiros têm comprehendido os máos resultados dos cruzamentos com aquellas, e só procuram aperfeiçoar as boas raças mineiras, cujo unico defeito a corrigir consiste em ser tardias.

Como seja questão importante da agricultura brasileira, e o nosso modo de pensar vá de encontro ás idéas geralmente recebidas e aceitas, daremos, para confirmar a nossa opinião, um exemplo exclusivamente brasileiro, e bastante conhecido.

O gado *vaccum* mineiro, denominado crioulo, tem algumas boas qualidades. Bem entendido, não falamos da especie Junqueira, de enormes cornos, tão grandes, quanto desgraciosos, e que, entretanto, faziam as delicias dos conhecidos criadores mineiros, dos quaes essa raça tirou o nome. O gado crioulo, transportado

dos campos naturaes de Minas para os artificiaes da mata, desmerece, e, só cruzado e nas procreações nascidasno proprio logar, consegue acclimar-se e prestar serviço, perdendo, entretanto, o leite muito da sua qualidade e abundancia. Transportado para serra-abaixo na provincia do Rio de Janeiro definha completamente e desaparece sem deixar vestigios. Só as raças mineiras de pello liso, mais miudas e robustas, podem servir para cruzamentos em serra-abaixo.

Não se deve concluir do que dizemos que sejamos contrario á importação no Brasil de animaes estrangeiros ; porém sim que deve haver muito cuidado, e discernimento nas escolhas e cruzamentos, examinando-se o que melhor convem ás condições do nosso clima, do solo, da alimentação e do tratamento.



XVI

Os paizes montanhosos. — A destruição das matas e o desaparecimento da terra vegetal nos terrenos íngremes. — Sicilia, Athenas, Capri. — A ilha de Chypre. — Perigos futuros já presentidos no presente. — O valle do Parahyba. — As condições da mulher no mundo economico europeu e norte-americano. — Necessidade de instruir e educar a mulher no Brasil.

PARIS, ABRIL DE 1881.

Outro problema da agricultura brasileira me preocupava sempre nestas regiões montanhosas: o desaparecimento progressivo das matas, a difficuldade de restabelecel-as e o desnudamento dos rochedos pelo escoamento das terras nas declividades dos morros.

Estes assumptos no Brasil são encarados com summa indifferença; na Europa, porém, todas as questões sociaes que se prendem ao solo despertam o maior interesse. Onde a população é escassa e a terra sem valor, como no Brasil, para que occupar-se com questões futuras tão remotas? Entretanto, convem reconhecer que os males já se vão fazendo sentir no nosso paiz, mórmente em algumas das suas regiões.

Os terrenos montanhosos estão sujeitos a muitas

causas de destruição e empobrecimento. A Sicilia, que foi outr'ora o céleiro do mundo romano, não se acha no actual estado de decadencia sómente pelas suas condições sociaes, mas tambem pelo enfraquecimento do solo accidentado e hoje sujeito a maiores sêccas e a calor ardentissimo. Em muitos logares da Grecia, onde, no tempo do seu esplendor, existiam ricas casas de campo e jardins dos abastados patricios de Athenas, hoje a custo o camponez indigente ajunta alguma terra amparada por muros de pedra nas encostas das collinas, para manter uma parca vinha ou algumas oliveiras. Na ilha de Capri, no golfo de Napoles, os pequenos proprietarios desses rochedos, hoje quasi completamente aridos, descem ás grotas e carregam a terra com que enchem as especies de largos degrãos formados de pedra, onde cresce a vinha que produz o excellente Capri.

Em parte alguma, porém, o espectaculo impressiona mais do que na ilha de Chypre. Tendo passado ultimamente para o dominio da Inglaterra, o governo inglez nomeou commissões para estudar as suas condições sociaes e physicas, e os meios de as melhorar

Parecia-me estar vendo o futuro remoto do nosso valle do Parahyba, actualmente o mais povoado, o mais productivo, e, si não fosse nestes ultimos tempos a terra rôxa de S. Paulo, diriamos o mais rico do

Brasil. Chypre foi disputada, conquistada e occupada por todos os povos da antiguidade, que tiveram por campo de acção e de guerras o Mediterraneo, especialmente esse canto do Archipelago; pelos phenicios, assyrios, chaldeus, persas, egypcios, gregos e romanos. O que constituia a sua fama, o que a tornava o pomo por todos appetecido, eram suas florestas, que forneciam madeira para as frotas desses povos bellicosos. Disto hoje só existe a memoria nos livros.

As montanhas são cobertas de macega brava, que no verão o fogo devora, calcinando e estragando cada vez mais a terra. No inverno o frio é intenso e desesperador; no verão as sêccas implacaveis, longas, tornam quasi impossivel qualquer cultura. Apenas a decima-quinta parte da ilha se cultiva, e a cultura é a mais precaria que se pôde imaginar. As torrentes que engrossam e transbordam com as chuvas abundantes do inverno e com as neves das montanhas, cortam e seccam no estio, e a falta d'agua mesmo para beber é um dos flagellos da população. A tudo isto accresce, como effeito destas mesmas condições, a *malaria*, as febres graves de toda a especie, em summa, a insalubridade da ilha.

Não sei o que os inglezes terão feito ou tentado. Li na occasião varios projectos; o plano mais apregoadado era o plantio de florestas, a começar pelas margens das torrentes, dos ribeiros e corregos, afim de

proteger as aguas com a sombra, impedindo a evaporação e a reverberação de calor insupportavel.

No valle do Parahyba em terrenos ingremes e despenhados, onde nenhuma terra vegetal pôde parar e resistir ás chuvas torrencias, apenas cresce insignificante capoeira, o lavrador, descuidoso do futuro, lança fogo e acha-se contente se aproveita por alguns mezes uma unica plantação de milho ou de feijão. Outras vezes o fogo destroe a capoeira por incuria, negligencia, desmazelo, sem que nenhuma plantação se faça. Tenho visto logares de terreno tão frouxo e corridio, que qualquer chuva mais demorada traz a terra vegetal para os corregos, e ás vezes pedaços inteiros dos morros, com os cafezaes, e todas as plantações! Em taes logares só a cultura florestal seria possivel. N'um cafezal de cerca de oito annos, occupando o extenso flanco de uma montanha, vi depois de chuva violenta e pesada quasi toda a plantação de milho, que já tinha uns trinta centimetros de altura, desapparecer correndo as touceiras com a terra para o correjo! Como havia de durar aquelle cafezal e qual o futuro daquelle morro!

Si a terra vegetal descendo dos morros fertilisasse as varzeas, ainda haveria compensação; mas nessa zona do nosso paiz certas circumstancias inutilizam esta vantagem. Em primeiro logar os morros succedem-se uns aos outros sem formar planicies; são gro-

tas profundas e estreitas, no centro das quaes algum ribeiro corre quasi sempre sobre leito de pedras. Si alguma pequena vargem existe, o solo é formado de barro argiloso, improprio para a cultura. Custa a comprehender como, no meio de morros tão ferteis, a vargem, que recebe a parte vegetal que as aguas acarretam, seja esteril, ou quasi. Todo o humus, porém, é arrastado pelas correntes, e sómente a argilla, como mais pesada, deposita, formando um sedimento compacto e imprestavel.

Na Europa em todas as regiões montanhosas, onde estive, ao lado das elevações ha extensas planicies, de modo que onde acaba a montanha começa logo o plano perfeitamente uniforme e quasi sem ondulação.

Tóco n'uma questão tão importante para uma das zonas mais bellas do nosso paiz, que o leitor desculpar-me-ha esta insistencia. Eis-aqui um trecho da informação que em 1853 o prefeito do departamento dos Baixos Alpes dirigiu ao ministro da agricultura de França :

« Si medidas promptas e energicas não forem tomadas, póde-se quasi precisar o momento em que os Alpes Francezes não serão mais do que um deserto. O periodo de 1851 a 1856 trará nova diminuição no algarismo da população, e se verificará nova redução contínua e progressiva no numero de hectares entregues á cultura. »

A obra de que copio este trecho, do Sr. J. Clavé, assegura, com os dados officiaes até o anno de 1876, que em todos os arrolamentos a população decrescia sempre, sendo nos vinte e cinco annos ultimos de menos trinta mil almas, o que prova uma diminuição constante dos meios de existencia. Tambem actualmente são consideraveis as despezas que se fazem em França para remediar estes males. O que, porém, me parece mais util seria que a administração ensinasse ás populações os meios de por si obviar a taes difficuldades, antes que o mal seja irreparavel, ou quasi.

Só n'um ponto, partindo de Lugano, na Italia, notei uma collina cortada em tableiros regulares com o fim de impedir que as chuvas carregassem as terras. Não observei em parte alguma os regos, os canaes de esgoto para as aguas pluviaes, como se pratica nos cafezaes de Ceylão, nem os vallos horizontaes e parallellos que os agronomos aconselham para receber as aguas nas terras aridas, e permittir sua lenta infiltração, em vez da precipitação violenta acarretando o humus.

Os nossos escriptores agricolas, que falam tanto em estrumar os morros de café, esgotados pelas primeiras plantações, deveriam primeiro ensinar os meios de conservar o estrume natural que já existe, e que as chuvas torrencias arrastam e precipitam nos corregos.

Descendo dos Alpes, pouco me demorei na Suíça, onde já tinha estado. Farei, entretanto, ainda uma consideração sobre objectos que me impressionaram, e com ella terminarei a noticia desta minha excursão.

Nas pequenas estações telegraphicas dos Alpes, nas da Suíça, nas pequenas estações das vias-ferreas encontrei quasi sempre mulheres empregadas. Nas das estradas de ferro vi ao mesmo tempo marido e mulher com occupações differentes. N'uma estatistica dos empregados das estradas de ferro francezas reparei que eram numerosissimas as mulheres; mas alli nunca as notei nos cargos das estações, dirigindo-os, vendendo bilhetes, ou occupadas em serviços de escripta. Em toda a parte na Europa a mulher trabalha arduamente. Em Paris qualquer brasileiro tel-as-ha visto dirigindo grandes estabelecimentos de todo o genero; encontram-se em todas as fabricas, nos campos nos mais variados misteres. Nesta cidade entram diariamente centenas de carros tirados por possantes cavallos normandos, que dirigem raparigas do campo e trazem á capital os productos da lavoura e toda as qualidades de mercadorias.

Com esta coparticipação da mulher em todos os trabalhos do homem comprehende-se que se agite a questão social do voto da mulher, de que no nosso parlamento um deputado paulista só por gracejo podia tratar.

A verdadeira questão para nós é diversa e bem grave : consiste na educação da mulher, de que seriamente nos devemos occupar. No Brasil, salvo excepções, a mulher está sempre a cargo do homem, e lhe é menos um auxiliar do que um onus. Não me recorda si já vi nos nossos campos uma só mulher livre occupada em trabalhos ruraes. Na melhor sociedade, onde o trabalho manual está excluído, tenho conhecido fazendeiras de notavel actividade ; e algumas, ficando viúvas, hão conseguido restabelecer as fortunas abaladas pelas extravagancias dos maridos. São quasi os unicos exemplos no Brasil, mas todos sabem que, sendo alli a lavoura rotineira, apenas entra um pouco de ordem, e sobretudo de economia, volta logo a prosperidade.

Quando lemos as biographias dos homens celebres que têm illustrado a humanidade em qualquer ramo de actividade, a nós brasileiros impressiona a grande parte de influencia que na sua educação, na formação do seu character e na direcção dos seus estudos, tiveram suas mãis.

Na nossa sociedade apenas a complacencia excessiva é objecto de elogio tão immerecido quão funesta e deleteria se torna essa inconsciente condescendencia e descuido. Nas classes populares os males são sem conta. N'uma população de mil pessoas póde-se dizer que a metade, representada pelas mulheres, nada

concorre para o progresso economico da sociedade, antes está completamente a cargo da outra metade.

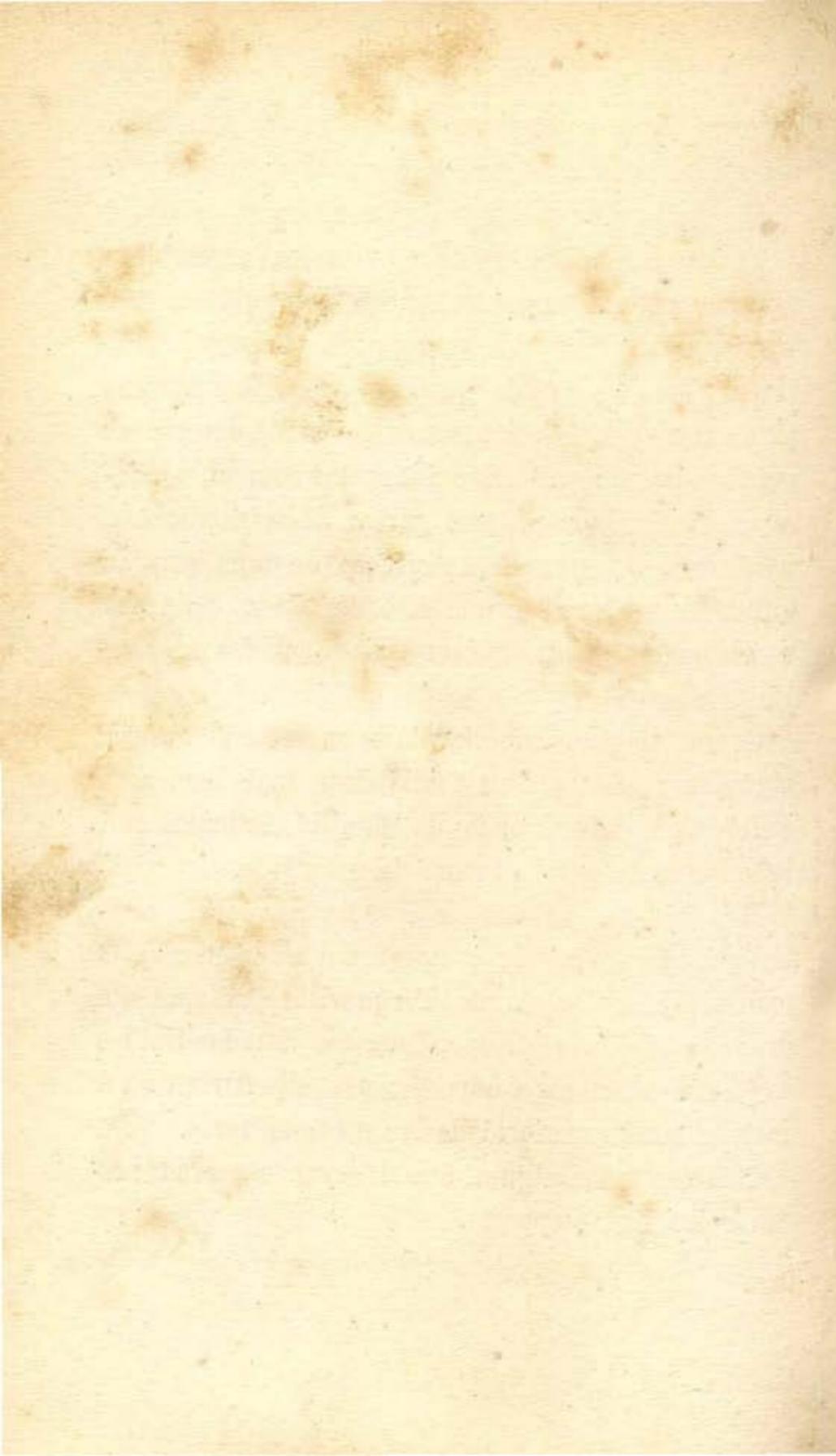
E' preciso educar e instruir a mulher.

Tenho visto leis de algumas das nossas assembléas provinciaes mandando fechar escolas publicas não frequentadas por certo numero de alumnos. Tratando-se das escolas de meninas, o numero minimo para autorisar o encerramento da escola deveria ser muito pequeno : quando se educa um homem, educa-se um individuo ; quando, porém, dá-se instrucção a uma menina prepara-se a educação de uma familia ; difficilmente a mulher, que sabe ler, deixa os filhos na ignorancia, como fariam muitos homens nas mesmas condições.

Com a sociedade superior dá-se outro tanto, *mutatis mutandis* ; educação mais cuidadosa, mais esmerada e elevada ás futuras mãis de familia, influiria mui beneficamente sobre o futuro da sociedade.

Estas idéas, vulgares em todos os paizes civilizados, não são ainda comprehendidas por nós. O eminente escriptor A. de Tocqueville dizia que si a grande e admiravel prosperidade dos Estados-Unidos se pudesse attribuir a uma só cousa, elle attribuiria á incontestavel superioridade das suas mulheres.

Não nos venha algum fino e sagaz observador estrangeiro dizer o opposto.



XVII

Uma excursão á Belgica.—Condições em que a realizei.—Folheto recente sobre o Brasil.—Obras em execução para estradas de ferro brasileiras.—Digressão politica.—A Belgica, territorio, raça, população, lingua.—Admiravel preparação da Belgica para o governo livre.—Monarchia e republica.—Inglaterra, Estados-Unidos, França.—Districtos de um ou de mais de um deputado.—Opinião de Gambetta e a de um liberal belga.—O censo eleitoral na Belgica.—Proporção entre o numero de votantes e a população.—Independencia do eleitor belga.—O operario francez eleitor.—Respeito pelas opiniões alheias.

PARIS, MAIO DE 1881.

Por duas differentes vezes tinhamos estado na Belgica, seguindo o itinerario dos guias de viagem, visitando as principaes cidades, os museus, em summa, as curiosidades que se offerecem ao simples estrangeiro. Uma oportunidade especial nos permittiu agora conhecer outra face desse interessante paiz, que inspira geral sympathia a quantos o conhecem. Um nosso distincto engenheiro (*) que no Brasil dirigiu a empreza fabril talvez mais consideravel, e depois a nossa principal estrada de ferro, tendo sido

(*) O Sr. Dr. Francisco Pereira Passos.

convidado por um dos grandes fabricantes belgas, relacionado por transacções diversas com o nosso paiz, levou-nos em sua companhia.

Era objecto da viagem ver o que a Belgica possui de mais interessante na industria. Não deixámos de visitar os monumentos, e de admirar alguns museus; mas disto nada direi; tambem prevenirei ao leitor que nestas simples e rapidas notas não pôde esperar sinão noticia muito ligeira e incompleta de qualquer assumpto, pois seria necessario escrever volumes para dar idéa da Belgica sob qualquer ponto de vista, e tal não é, nem pôde ser o nosso fim.

Ao chegar a Bruxellas vi nas livrarias uma obra relativa ao Brasil, que acabava de publicar um viajante belga. O escripto era ligeiro, mas animado de espirito favoravel e benevolo para com o nosso paiz, tentando induzir os seus patricios a entrar em mais vastas relações commerciaes comnosco.

Não tendo a Belgica colonias, estava no seu interesse procurar nos paizes novos que offereciam mais facilidades e alguns pontos de semelhança pelos costumes, linguagem, crenças, gostos, etc., mercado para os seus productos e campo de actividade para os seus habitantes, que elle aconselhava a emigrar para o sul do Brasil.

Na primeira fábrica que entrei, em Louvain, a Dyle, uma grande fundição, notei varios objectos

para as estradas de ferro de D. Pedro II, para a Bahia, e sobretudo para o Paraná; estava tambem em estudos uma ponte para a estrada de ferro de Cantagallo, cujos dados fornecidos deixavam alguma coisa a desejar pelo lado da precisão e clareza, como acontece muito ás nossas encommendas. Ha annos esta fábrica trabalha para o Brasil com a mais perfeita honradez, segundo me asseverou o nosso patricio, meu companheiro de viagem, autoridade competente para julgar e dar testemunho. Os seus trabalhos se distinguem pela perfeição, pontualidade, exactidão e modicidade dos preços. Examinando-se a fábrica, seus processos aperfeiçoados, o espirito de progresso, de melhoramento que nella domina, a boa direcção e a inteireza de seus proprietarios, comprehende-se que assim deve ser. Antes, porém, de entrar neste capitulo industrial, permitta o leitor uma pequena digressão sobre a politica belga nos pontos, que nos podem interessar pela opportunidade, especialmente a questão eleitoral.

A Belgica é um dos paizes melhor governados e administrados da Europa, e para isto reune excellentes condições. Occupa territorio summamente restricto, tendo apenas duzentos e noventa kilometros na maior extensão e cento e oitenta na maior largura, mas é habitada por uma raça dotada de muitas das aptidões apreciaveis dos allemães e dos francezes. Da

Belgica pôde-se dizer justamente o contrario do que se dizia da Italia, que era uma expressão geographica sem significação politica. A Belgica é hoje uma expressão politica sem valor geographico. Naquelle pequeno territorio, com uma população densa de pouco mais de cinco milhões de habitantes, ha duas raças quasi distinctas, falando duas linguas differentes e de differente origem: os flamengos, de procedencia germanica, cuja lingua, analoga ao hollandez, está cheia de termos francezes, mas é de origem saxonica e pertence ao ramo das linguas teutonicas, e os walões, de procedencia gauleza, que falam um dialecto da antiga lingua d'oïl, e se liga portanto ao ramo latino. A lingua official é a franceza, que o povo não entende. Na sociedade, mesmo elevada, falam-se os dialectos, e vi jornaes impressos em flamengo. Si alguma ordem das autoridades, alguma lei ou decreto deve ser conhecido do povo, é reproduzido ao mesmo tempo nos cartazes na lingua official e nos dialectos. Na propria capital, dirigindo-me em francez a pessoas do povo, não me comprehendiam.

Historicamente o facto é analogo. As communes da Belgica offerecem exemplos significativos de energia, de resistencia, de espirito livre e indomavel contra a prepotencia dos seus dominadores; mas só a muita complacencia dos escriptores belgas pôde pretender enfeixar a historia dessas communes n'um

quadro nacional, representando o todo, o espirito, a alma de uma nacionalidade distincta e completa.

Sob o ponto de vista material, a revolução de 1830, que separou a Belgica da Hollanda, não foi uma vantagem: os dous paizes se completavam admiravelmente. As qualidades industriaes, as facultades fabris e productoras da Belgica, eram completadas pelo espirito mercantil dos hollandezes, sempre notavel em todos os ramos de actividade commercial.

O pequeno territorio da Belgica, densamente povoado, tendo o proprio solo condições vantajosas para a industria e para a agricultura, favorece a boa administração. Como comparar um paiz destes, em que tudo está concentrado n'um limitado espaço, tudo aproveitado, tudo povoado, tudo produzindo, com um paiz vasto, em que a mesma vastidão torna-se um obstaculo, em que á acção do governo fallecem os meios de operar, em que os nucleos povoados são embaraçados por sertões invios, e os terrenos uteis cercados de solidões imprestaveis, perdidas, inhabitaveis pelas condições do solo, ou do clima?

Ha hoje irresistivel pendor para as grandes agglomerações territoriaes, para as grandes nacionalidades, como já houve para o seu fraccionamento e deslocação.

Todas as conquistas da civilisação e da industria favorecem essa tendencia. Para a vangloria das nações,

para seu poderio, inquestionavelmente é vantajosa a extensão dos territorios ; para a felicidade real dos povos, porém, nem convem as nacionalidades pequenas, incapazes de se defender, nem as grandes agglomerações comprehendendo interesses differentes, difficeis de se harmonisar e dirigir.

Poucas nações estavam tão bem preparadas para o governo livre sob o regimen parlamentar como a Belgica. Toda a sua historia se resume na luta pelas liberdades e franquezas communaes, e apresenta os exemplos os mais admiraveis de constancia, de energia e resolução, que raras vezes desfalleceram ainda no meio das maiores crueldades e vexações que é dado imaginar. Todos os dominadores successivos dessas communas, os imperadores allemães, os francezes, os hespanhoes, os duques, os nobres, ao tomar conta do governo, prestavam juramento de manter os fóros das communas, ao que faltavam quasi sempre com a requintada má fé que caracterisava os imperantes e senhores feudaes das épocas passadas. De todos a Belgica soffreu immensamente ; mas o horror do povo como que ainda hoje se conserva especialmente contra o dominio hespanhol.

Esse nome é alli tão geralmente detestado, que a vivacidade deste sentimento impressiona a quem quer que viaja na Belgica. Singular destino do povo hespanhol, aliás tão cavalheiresco, de se tornar odiado

em toda a parte onde dominou e se estabeleceu. Um personagem especialmente concentra a execração que a tyrannia desperta nos povos livres e viris: o duque d'Alba, Fernando de Toledo, distincto general de Carlos V e de Felippe II, a incarnação completa dos dominadores hespanhoes em tudo quanto reuniram de fanatismo religioso, de crueldade e despotismo.

As atrocidades deste algoz horrorisam a quem lê a narração de suas façanhas. Falleceu em Lisboa, e tambem Portugal foi theatro das suas barbaridades; mas alli não ficou o seu nome tão odiado como na Belgica, onde symbolisa o dominio feroz, cruel e sanguinario dos hespanhoes.

As franquezas de que gozavam as communas, o espirito de independencia e liberdade que as animava, as lutas renhidas e duradouras que sustentaram, tudo predispunha a Belgica para o pleno successo do governo livre e parlamentar.

Ao separar-se da Hollanda em 1830, a Belgica escolheu um rei, Leopoldo I, e adoptou a monarchia hereditaria. Póde-se, porém, ter como certo que, si tivesse adoptado a republica, este systema de governo não teria dado máos fructos n'um paiz tão perfeitamente preparado para a liberdade.

Entretanto, estima-se e respeita-se alli a monarchia. Leopoldo II é considerado soberano perfeitamente

constitucional ; nem os belgas, na situação em que se acham de civilização, de hábitos, e costumes de governo livre, tolerariam a monarchia si ella ultrapassasse as raias constitucionaes.

Não se conclua do que dizemos, que para nós a fórma de governo seja indifferente em qualquer estado de civilização e de costumes de um povo. A nossa opinião é antes a contraria, que a superioridade desta ou daquella fórma de governo depende das condições especiaes de cada paiz e de cada época. Comparando-se a situação de dous grandes povos modernos, da mesma origem e tão diversamente governados, a Inglaterra e os Estados-Unidos, já vimos, estabelecendo-se parallelo entre os presidentes da republica e os primeiros ministros da Grã-Bretanha, concluir-se da inquestionavel superioridade destes para a superioridade absoluta da fórma do governo monarchico. Si na Belgica houvesse a republica, os factos se passariam diversamente, e esta argumentação falharia ; os Srs. Frère-Orban e Malou, aquelle actual presidente do conselho de ministros na situação liberal, e este ultimo primeiro ministro no dominio do partido catholico, poderiam ser tambem os presidentes da republica durante o governo dos seus respectivos partidos.

O genio, a indole dos povos e as circumstancias do seu desenvolvimento historico, exercem influencia pre-

ponderante e decisiva nas condições do seu governo. A França agora offerece disto notavel exemplo. Não comprehendo, nem posso bem discernir, o que tem feito o Sr. Gambetta desde que deixou o governo tumultuario e um tanto vertiginoso que exerceu durante a ultima phase das catastrophes da França para achar-se cercado de um prestigio sem igual, de um poderio mysterioso, uma fascinação que o cerca, o eleva como que a seu pezar, e já o colloca como um autocrata *sui generis* nesta democracia, aliás tão barulhenta. A França não dispensa um idolo; o governo ha de ser ou póde ser sempre mais ou menos autocratico, seja qual fôr o nome ou a origem do autocrata, quer seja um grande homem, e revele qualidades eminentes e excepçionaes, ou seja apenas o instrumento das circumstancias, o producto das necessidades de cada época.

Sem procurar muitos exemplos, alguns de personagens transitorios, fallemos dos mais salientes e conhecidos. O primeiro Bonaparte tinha por si o brilho indisputavel das batalhas, da gloria e do talento; tinha ousadia e resolução; o segundo, ao começar, era apenas sobrinho daquelle, o que já é muito menos. O Sr. Gambetta tem a eloquencia. Acredito que os milhões de individuos que formam a nacionalidade franceza estão no meu caso de não ter tido a fortuna de ouvir o ultimo discurso do presidente da camara

e de julgar do seu valor pela leitura (*). O que li é mediocre como peça oratoria e insignificante como discussão e argumentação. Entretanto, o triumpho do Sr. Gambetta foi completo e absoluto ; o ministerio, para não desaparecer ao sôpro daquella eloquencia como palha inerte, teve de recorrer a um expediente de que provavelmente nunca offereceram exemplo os annaes das fraquezas ministeriaes nas multiplicadas annullações do governo diante dos potentados do dia. Nessa questão eminentemente politica, essencialmente ministerial, o gabinete do Sr. Ferry declarou que não tinha opinião, que ao governo seria indifferente o modo da eleição dos deputados, isto é, o modo de formação, composição e origem de todo o governo parlamentar !

Ainda um exemplo tornará mais claro quanto o character, a indole de cada povo, influe no seu systema de governo. O Sr. Gambetta pôde ser eleito presidente por sete annos, por dez ou vitalicio ; ser nomeado consul, protector, defensor perpetuo, o que as circumstancias determinarem, um pouco de resolução, de ambição, de ousadia da sua parte, e tudo conseguirá. Quanto a mim, isto lhe será muitissimo mais facil do que foi a Disraeli, lord Beaconsfield, alcançar a posição em que ha pouco falleceu na Inglaterra.

(*) Refiro-me ao discurso sobre o escrutinio de lista, que determinou o voto da camara favoravel ao projecto.

Emquanto em França tudo conspira, tudo auxilia o Sr. Gambetta para tornar-se o idolo do momento, o autocrata em cujas mãos residirá todo o governo, todo poder, as esperanças e illusões da França, na Inglaterra tudo se oppunha a que um simples romanista, filho desconhecido de uma raça, havia pouco ainda privada de direitos politicos, quasi um estrangeiro, conseguisse á força de talento, de estudos, de habilidade, de esforços e de perseverança, ser o chefe reconhecido desses patricios tão ciumentos dos seus privilegios.

Não foi o simples gosto de tocar em questões politicas que nos fez resvalar a penna para estes assumptos, sinão a lembrança da propria questão eleitoral, que fórma o fundo da actual campanha de presidente da camara dos deputados, questão que procurei conhecer na Belgica e que em nossas camaras acaba de ter solução mui diversa da opinião dos liberaes e republicanos deste paiz: refiro-me á luta entre o escrutino de lista e o voto uninominal.

Nem todos os leitores estarão familiarisados com esta phraseologia franceza, e, para mais confundil-os, ha annos se tratou no nosso parlamento de voto uninominal com significação mui diversa da que tem em França. O voto uninominal aqui significa a eleição por circulos de deputados singulares; o eleitor tem um voto unico, sendo a sua lista uninominal. E' o sys-

tema que o marquez de Paraná fez prevalecer no Brasil em 1855, em penhor da politica de conciliação como concessão aos liberaes excluidos do poder ; o mesmo que adoptou agora a nossa novissima reforma eleitoral.

O escrutinio de lista é a eleição por districtos de mais de um deputado, o systema que o Sr. Gambetta acaba de fazer passar na camara que preside, e que existe na Belgica com approvação do partido liberal. Perguntei a um dos chefes mais respeitados e estimados do partido liberal, n'uma provincia da Belgica, si estavam satisfeitos com este modo de eleição, si para o seu partido o voto uninominal não seria preferivel? « Nada queremos mudar neste ponto, me disse, e, caso fosse praticavel, eu quereria ainda o alargamento dos districtos ; mas, nunca o circulo de um só deputado, o que traria como consequencia inevitavel o fraccionamento dos partidos, sua impotencia e fraqueza, justamente o contrario do que tem feito a força e a regularidade do nosso governo, os partidos bem definidos, fortes e disciplinados. »

Ficou admirado quando lhe observei que no Brasil o partido liberal tinha opinião opposta, e acabava de fazer prevalecer o districto singular.— « Pois lastimo este erro do partido liberal do seu paiz ; elle parece revelar falta de espirito politico, de previsão e de conhecimento perfeito dos grandes interesses na-

cionaes. » Si este homem politico conhecesse melhor as condições do nosso paiz, sua vastidão, falta de população, ausencia de civilisação, isolamento dos nucleos povoados, o seu juizo seria muito mais severo para com aquelles que se devem suppôr seus co-religionarios, os liberaes brasileiros.

Quando estive em Antuerpia acabava de realizar-se uma eleição, que o partido liberal havia perdido. Sinto não ter conservado com exactidão o numero dos votantes e as forças dos respectivos partidos, pois nunca ouvi referir factos tão significativos de disciplina dentro dos limites legais. A população da cidade conta cerca de cento e oitenta mil habitantes ; os votantes andam por onze mil. Si bem me recordo, a eleição foi ganha por pouco mais de cem votos, e pouco mais de cem votantes deixaram de comparecer e votar ! Não me recordo de caso analogo.

O censo eleitoral na Belgica offerece uma circumstancia que aos brasileiros parecerá bastante singular, sobretudo aos liberaes ; entretanto é mantida desde 1830, e o partido liberal belga não deseja mudar nem alterar. A eleição é directa censitaria, e o censo varia segundo a sua importancia e alcance politico.

Fazem-se eleições para os conselhos communaes, para deputados provinciaes, e para deputados geraes e senadores. São tres differentes eleições a que corres-

pondem tambem tres categorias de eleitores com censo differente. Para ser eleitor geral é necessario pagar ao thesouro nacional por contribuições directas a somma de quarenta e dous francos e trinta e dous centimos ; para eleitor provincial, é necessario pagar a somma de vinte francos e para eleitor communal a de dez francos, sempre nas mesmas condições.

Um dia, entrando n'uma grande officina de fundição, perguntei ao proprietario quantos operarios trabalhavam alli. Respondeu-me que mais de setecentos. Quantos eleitores havia de cada uma das categorias, perguntei ainda. Disse-me que havia cerca de sessenta a setenta eleitores geraes, cerca de cem provinciaes e cento e vinte communaes. E' preciso notar que o operario das forjas, das officinas de fundição, são em geral os melhor retribuidos ; não obstante, só havia em mais de setecentos operarios, entrando mestres, contra-mestres, chefes, etc., de sessenta a setenta eleitores. No Brasil, onde a classe operaria é absolutamente destituida de cultura, isto pareceria monstruoso. Ao chefe dessa officina, liberal intelligente e militante, o facto se affigurava natural e razoavel. O seu partido está satisfeito com este censo e não deseja modificá-lo. Disse-me ainda que não admitte nas suas officinas nenhum operario que não saiba ler nem escrever : é regra da casa.

N'uma localidade dada póde um partido triumphar

na eleição geral, e ser derrotado na provincial ou municipal, ou vice-versa, sem que o facto cause abalo ou admiração.

Os eleitores destas diversas categorias acham-se satisfeitos, e os das classes inferiores não se reputam rebaixados em relação aos das superiores.

« — Admira-me, disse uma vez, que esta desigualdade de direitos na mesma communhão politica não seja motivo de ciumes, de rivalidade e não offereça campo para declamações e excitação de politicos turbulentos e agitadores.— Quanto a isto, observou-me um dos meus interlocutores, devo confessar que na verdade por vezes nos circulos politicos e em certos jornaes a questão se agita, mas o povo não se preoccupa muito com isso nem a agitação se communica a elle. »

Outra circumstancia é digna de ser recordada. Na officina a que me referi perguntei ainda ao proprietario si os operarios que eram eleitores votavam com elle e o acompanhavam. Disse-me que sim, mas que elle nada pedia e menos exigia; que si o fizesse, votariam contra! Convem consignar que a officina a que me refiro foi fundada e creada ha mais de vinte annos pela pessoa de quem fallo; que a maior parte dos operarios entraram como aprendizes; que todos amam e estimam o dono e creador do estabelecimento. Em França dá-se inteiramente o con-

trario : os operarios votam quasi sempre em sentido opposto ao dono das officinas. Isto abona a independencia do eleitor, mas não o seu character. E' natural que o individuo de menos cultura intellectual, que vive na intimidade de outro superior, de cujo salario se sustenta, com quem pratica, a quem respeita, venha a se conformar com o seu pensar e se identifique com elle. E' um sentimento honroso e natural desde que as lutas politicas não têm hoje a gravidade, nem a acrimonia que separaram outr'ora os guelfos e os ghibellinos.

Este respeito, porém, do industrial belga para com as opiniões dos seus subordinados quanto deve ser meditado pelos nossos chefes de eleição ! E' honroso e satisfactorio ganhar a confiança dos seus subalternos pela estima, que se lhes inspira ; mas, é indecoroso impôr-lhes pela violencia e pela ameaça da privação dos meios de subsistencia.

Como as nossas eleições do systema indirecto offereciam quadro differente ! Os *agregados* do proprietario rural não tinham licença de votar sinão com o dono das terras : era mesmo a unica condição da concessão e a unica contribuição. Póde-se talvez tolerar ; mas, nas officinas publicas os operarios do estado votavam sempre com os respectivos chefes ! Até hoje nas nossas eleições o votante, isto é, a grande massa que decide, só vota constrangida, ou pelos propieta-

rios, ou, o que é peor, pelas autoridades, que recorrem a ameaças de todo o genero.

A eleição directa dará um pouco mais de dignidade ás nossas eleições ?



XVIII

O senado na Belgica. — Uma discussão na camara. — Artigos politicos na imprensa européa. — Os impostos, a divida e a receita da Belgica. — As estradas de ferro; sua direcção e custeio pelo estado. — Ensaio de todos os systemas no Brasil. — A questão segundo os principios da sciencia social, e segundo a pratica. — A concorrência terminando pelo monopolio. — Protecção dos interesses geraes. — Como falha a interferencia e fiscalisação dos accionistas nas grandes companhias. — As estradas de ferro de Santos a Jundiahy, da Bahia e de Pernambuco. — A garantia de juro e a subvenção directa. — Systema que adoptou a Hollanda. — Da Suissa á Hollanda. — Contrastes. — Importante papel da Hollanda na scena do mundo. — Java, concurrente de nosso assucar e do café. — Obras consideraveis nas estradas de ferro hollandezas. — Autonomia municipal. — Iniciativa individual.

PARIS, JUNHO DE 1881.

Os senadores belgas são temporarios, e eleitos pelos mesmos eleitores dos deputados; mas o seu mandato tem maior duração, e o seu numero metade dos da outra camara. Além da condição da idade, quarenta annos, para ser elegivel senador é necessario pagar por imposições directas dous mil cento e dezeseis francos e quarenta centimos (mil florins). A somma que as nossas leis exigem como renda, a lei belga exige como

imposto directo ! Tambem os senadores não são retribuidos. A influencia politica reside na camara dos deputados.

As minhas excursões fóra de Bruxellas não me permittiram acompanhar o trabalho das camaras que estavam abertas. N'um dia que alli me achei entrava em discussão o orçamento da guerra. Falaram varios deputados, aos quaes respondeu o presidente do conselho, o Sr. Frère-Orban. Parece que o ministro da pasta não é orador. Ouvi uma das notabilidades da tribuna belga, um professor da universidade catholica de Louvain, conhecido no Brasil pelos seus commentarios á constituição da Belgica, e variós outros deputados. Todos tratavam as questões praticamente, e, o que muito me agradou, claramente. Ainda alli, como me aconteceu tantas vezes nas camaras francezas, segundo já referi, lembrava-me do systema das nossas discussões parlamentares. Não ouvi nenhuma discussão geral de politica, nem mesmo as questões geraes de armamento, de organização militar, ou sobre o papel que o exercito belga devesse representar no systema europeu. Cada orador tinha um ponto de vista determinado, que desde as primeiras palavras era indicado precisamente.

Este modo de orar tambem é o modo de escrever nos principaes jornaes das nações mais adiantadas da Europa. Desde as primeiras linhas o assumpto é

exposto com clareza, com propriedade de linguagem e singeleza; a argumentação é precisa e comprehende-se logo todo o pensamento do escriptor. Temos tido bons jornalistas, e basta citar, entre os mortos, Evaristo, Rocha, Alencar, Firmino. Nos actuaes muitos teriamos de citar, que reúnem as melhores qualidades. No geral, porém, não é assim. A propriedade de linguagem é substituída por uma pretensão deslocada de brilhantismo, e chega-se muitas vezes ao fim do artigo sem se ter comprehendido o pensamento do autor; ha um que de vago, de fluctuante, que jámais se define com nitidez, e fica-se em duvida si ha falta de idéas claras ou si é o raciocinio prejudicado por diluido em abundancia inutil de palavras.

Os impostos na Belgica são moderados, e as municipalidades têm conseguido executar obras importantes sem recorrer ao *octroi* das cidades francezas. A divida publica não chega a um milhar e meio de milhões. E' menor do que a do Brasil e a renda publica excede um pouco á sua. No anno passado foi de duzentos e setenta e tres milhões de francos. Mas o que torna os impostos leves, e simples a missão do governo, é que tudo está feito e que a população goza de um conjuncto immenso de melhoramentos e vantagens. Para nós habitantes de paizes novos, em condições tão diversas, admira a prodigalidade destas nações e como se gastam sommas enormes com tanta

facilidade. O que é conceder alguns milhões para o melhoramento do porto de Antuerpia, com o fim de tornal-o o primeiro do continente, si para construir um palacio que sirva de *Forum* em Bruxellas já se tem gasto quarenta e dous ou quarenta e tres milhões de francos, e ainda se terão de gastar mais dez ou doze milhões para terminal-o !

O que significam os cincoenta milhões de francos que a França concedeu para a abertura do tunnel do Cenis, obra de tão grande utilidade, ao lado dos quarenta milhões que se estão gastando na reedificação do *hotel de ville* de Paris, queimado pela communa, ao lado dos quarenta milhões que custou a Opera, ou dos setenta e cinco milhões que Napoleão III despendeu no Louvre, onde só Napoleão I já havia empregado cincoenta milhões ?

Excede, porém, a quanto se tinha visto até hoje o projecto de obras publicas em execução em França, onde pelo espaço de dez annos se devem gastar em cada anno 200.000:000\$ segundo um plano estabelecido e assentado !

As estradas de ferro attingem na Belgica a pouco mais de quatro mil kilometros, e cerca de dous terços da extensão total pertence ao estado, o que reduz muito consideravelmente o algarismo effectivo da divida publica, pois acha-se representada por objecto de tão grande valor. O restante da rêde de estradas

ferreas pertence quasi na totalidade a uma companhia, mas em breve o estado será o unico possuidor de toda a viação, que elle custeia directamente e dirige. O serviço, tanto da grande companhia como o do estado, é mui bem feito e organizado. N'uma nação pequena como a Belgica, onde a extensão de todas as linhas ferreas pouco excede de quatro mil kilometros, onde é facil a administração, o serviço pelo estado não soffre objecções sérias. Em outros paizes a questão é diversa, e tem por vezes sido campo de debates renhidos e apaixonados. Seja como fôr, excepto na Inglaterra e nos Estados-Unidos, nas grandes nações os governos vão se apoderando das linhas e fazendo por si o serviço. Será o melhor ?

A questão para nós no Brasil é complexa, e tanto o governo geral como as provincias vão ensaiando todos os methodos sem seguir systema algum : aqui o governo construe e dirige o serviço, alli resgata e compra estradas, construidas ora por particulares, ora por companhias, como fez a provincia do Rio com a estrada de Cantagallo ; outras vezes concede simples garantia de juro ; outras, subvenção kilometrica ; algumas vezes construe por si ; outras vezes contrata a construcção em globo, reservando para si a direcção. Que experiencia nos resultará desta variedade e amalgama ? Não é de todo máo que tenhamos ensaiado um pouco de cada cousa. Alguma vantagem deve-

mos tirar dessas experiencias. Uma pelo menos já temos como verificada; que foi pessimo o systema seguido com as companhias inglezas de S. Paulo, Bahia e Pernambuco. Infelizmente nos custou muito caro.

No terreno dos principios a questão é simples e a solução não póde ser sinão uma : o serviço do estado é o peor, a liberdade mais plena deve ser deixada á iniciativa particular ; o *laissez faire*, dogma da antiga escola economica orthodoxa, deve ter inteira applicação. Quando, porém, se encara o negocio sob o ponto de vista pratico, a solução é muito mais complexa e difficil. O estabelecimento de uma estrada de ferro já é por si um monopolio, que a concurrencia a mais livre difficilmente modifica. Na Inglaterra e nos Estados-Unidos ha linhas rivaes, e não se póde dizer que em alguns pontos não se tenham corrigido os inconvenientes do monopolio.

Em geral, porém, a concurrencia entre diferentes linhas de transportes, de um mesmo systema, tem uma historia unica. Começa-se pela luta a todo o transe, abaixam-se as tarifas, serve-se o publico perfeitamente, cada um dos concurrentes procura esmagar o adversario. A's vezes ambos se arruinam. Si a luta se prolonga, os rivaes nunca deixam de chegar a accôrdo, e confessar que fazem ambos pessimo negocio, de que sómente terceiros se aproveitam. Uma

vez nesta convicção, que é infallivel, ou uma empresa compra a outra, se fundem, ou se combinam para recuperar os capitaes perdidos e os juros que deixaram de distribuir aos accionistas, e afinal o publico vem a pagar com usura a vantagem momentanea de fretes baratos, de que gozou por algum tempo.

Assim, o monopolio resulta ás vezes da mesma concorrência. Isto se dá nas linhas lucrativas; nas secundarias o monopolio seria absolutamente sem correctivo, si não existisse a intervenção dos governos. Esta é em ultima analyse a mais efficaz das garantias. Convem, pois, que os governos, que já têm larga experiencia destes negocios, se reservem sempre ampla faculdade em relação ás tarifas, e não imitem o caso da França, que regulou de uma vez, e por cem annos, as obrigações das suas companhias.

Eis-ahi já um grande principio absoluto — o da concorrência — resolvendo-se na pratica pelo mais escandaloso dos monopolios. Outro grande principio, que falha completamente, é o da fiscalisação dos interessados, a vigilancia que exercem os accionistas, o estimulo do interesse particular na boa direcção das empresas. Quando as companhias se conservam dentro de certos limites, isto tudo se realiza e é perfeitamente exacto. A tendencia, porém, do mundo é agora para as empresas collossaes. Os exemplos de

Vanderbit, o rei das estradas de ferro, o grande especulador norte-americano, tendem a vulgarisar-se.

Assim, quando uma empresa de estrada de ferro se constitue de sommas enormes, distribuidas em milhares de acções, divididas e possuidas por milhares de accionistas, qual póde ser a influencia destes accionistas sobre as administrações? A pratica de todas as nações está demonstrando que nenhuma existe: as administrações constituem estado no estado, são omnipotentes, formam *coterics* que governam sem responsabilidade. O accionista é entidade nulla, quantidade infinitamente pequena, cujo unico recurso consiste em vender as acções si a direcção da empresa lhe desagrada.

O exemplo da França é dos mais instructivos; as suas seis grandes companhias de estradas de ferro possuem uma réde admiravel, em um dos melhores paizes do mundo pela actividade, producção e riqueza. As tarifas, quer de mercadorias, quer de passageiros, são elevadissimas; o serviço é regular, e não poderia deixar de ser, mas está muito longe do que se deveria esperar em uma situação tão excepcional. As companhias não têm o menor espirito de progresso e de melhoramento; a rotina impera em tudo. Duvido que o governo francez fizesse serviço peor. Estão as companhias de posse dos melhores troncos de estradas, e para que o paiz possa ser dotado de ramaes nos pontos

mais remotos, menos ferteis, menos productivos, é necessario que o estado faça todas as despezas; as companhias apenas auferem as vantagens, que para as suas linhas resultam da creação desses ramaes.

Este caso se parece muito com o da estrada de ferro de Santos a Jundiahy. A companhia para construir os cento e trinta e nove kilometros dessa estrada despendeu a somma inconcebivel de £ 2.750.000. De posse de tão excellent tronco, cuja renda seria enorme si o capital dispendido tivesse sido mais razoavel, a empresa não se preoccupa com os ramaes. Todos quantos se construirem virão vivificar a arteria excepcional, que usufrue.

Nas estradas de ferro da Bahia e Pernambuco tambem as companhias inglezas gastaram desordenadamente. Embora ahi tenham ficado reduzidas á garantia de juros, as acções estão acima do par. O governo está prolongando estas duas estradas. Concluidas as obras, não parece razoavel que o estado dirija por si tantas empresas desde o Ceará até o Rio-Grande. Não seria conveniente que resgatasse os troncos, comprando-os ás companhias inglezas afim de fazer novos contratos mais vantajosos, quando as obras estiverem concluidas? As camaras legislativas assim entenderam e o governo está ha muito autorisado para effectuar o resgate. Porque não o fez

antes de começar as obras? Porque não o faz ainda agora, antes de concluí-las?

Na estrada de ferro da Bahia, como a garantia de juro tem de preencher o *deficit* de custeio, a companhia é interessada na boa administração. Na de Pernambuco nem isto acontece: o custeio é coberto pela renda, mas está longe de chegar aos 7 % da garantia. Assim, n'uma assembléa geral dos accionistas em Londres, houve quem tivesse a cynica franqueza de perguntar ao presidente da companhia para que os occupava com as questões de economia de custeio, quando um só real não lhes vinha para as algibeiras, que era questão puramente do governo brasileiro, e que a este se deveria deixar preoccupar-se com ella!

Isto tudo já era sabido e conhecido no Brasil quando foi votada a lei de 1873, que estabeleceu como condição para a concessão de garantia de 7 % o demonstrarem as empresas de estrada de ferro que poderiam ter a renda de 4 %! A subvenção directa em dinheiro em tal caso seria muito mais razoavel, mórmente si fossem estabelecidas clausulas para a revisão das tarifas e indemnisação do estado pelas quantias adiantadas.

A Hollanda seguiu um systema que me parece digno de ser conhecido no Brasil. Da Belgica á Hollanda a distancia é pequena, e occupados como nos

achavamos com estradas de ferro não poderíamos deixar de ir até alli. De Liège, na Belgica, fomos a Aix-la-Chapelle, cidade allemã, bem conhecida, e dahi seguimos para Amsterdam, passando por Utrecht. De Amsterdam voltamos á Antuerpia parando em Rotterdam. Vimos assim o que de mais interessante offerece a viação ferrea da Hollanda.

Vendo este paiz, lembrei-me por antithese da Suissa. Passar da Suissa á Hollanda é ver os dous aspectos mais dessimilhantes que podem apresentar estradas de ferro; em ambos os paizes a viação é difficil, e por motivos os mais diversos : alli são as grandes montanhas, as cordilheiras, os valles profundos ; aqui, rios caudalosos, braços de mar, um terreno baixo e frequentemente inundado.

Justamente este anno a Hollanda soffreu muito de inundações; não só romperam alguns diques, como os logares não abrigados e protegidos foram invadidos pelas aguas.

Atravessámos em estrada de ferro leguas e leguas sempre por terrenos absolutamente alagados. Nesses logares, grupos de casas e aldêas occupam algumas elevações do solo que mal se percebem á vista, mas que as aguas não cobrem de todo. Assim, vive-se mezes inteiros até que as aguas se retirem, e os prados offereçam a basta e succulenta herva de que se sustentam as vaccas hollandezas, cujos productos, queijo

e manteiga, todo o Brasil importa e conhece perfeitamente. No meio desses banhados immensos vêm-se terrenos, igualmente baixos, mas seccos : são protegidos pelos diques. As aguas da chuva e as infiltrações são esgotadas por machinas a vapor em alguns logares, porém mais commumente pelos gigantescos moinhos de vento, que são por isto numerosos na Hollanda. Uma paizagem hollandeza tem sempre o mesmo aspecto—a planicie, os canaes, os moinhos de vento.

Eis ahi um povo que admiro ; a natureza lhe deu um terreno, que ou se compõe de comoros de arêa absolutamente esteril e imprestavel, ou de planicies baixas, alagadas, invadidas pelas aguas dos seus innumeraveis e grandes rios, e pelas do mar ; a vida é uma luta perpetua, em que a energia do homem se põe constantemente á prova sem tréguas nem descanso, e este povo pequeno, occupando um cantinho da Europa, tem representado na grande scena do mundo e da civilisação papel muito maior do que se poderia esperar das suas condições. Parece mesmo que sua importancia no mundo, não digo já no passado, mas ainda no presente, não guarda proporção com as suas forças e a sua situação natural. Nos brazões da corôa hollandeza está escripta esta legenda—*je maintiendrai* — hei de manter— a perseverança é com effeito a sua divisa ; a ella tudo devem.

Ainda hoje a Hollanda tem grandes colonias, mantem commercio importante, é notavel o espirito mercantil dos seus habitantes, e a accumulção de riqueza e de capitaes naquelle pequeno paiz. Amsterdam é uma das praças mais importantes da Europa. Admirei alli as grandes obras que se fazem no porto, os diques monumentaes, o canal que communica com o mar, e dá passagem aos maiores vapores e navios.

Entrei em um dos vapores que fazem o serviço regular para Java. Era igual em tamanho, força e marcha, aos grandes paquetes transatlanticos que frequentam o porto do Rio de Janeiro, porém preparados com menor conforto e luxo. Todos os criados de bordo eram malaios das possessões hollandezas da Oceania. Java é um dos grandes concurrentes do Brasil na producção do café e do assucar. Procurei obter o que havia de escripto sobre a cultura destes generos, mas tudo era em lingua hollandeza.

Nos arredores de Amsterdam, em Haarlem, Haya, em toda a parte, vi bellas casas de campo pertencentes a individuos que haviam feito fortuna nas colonias, e muitos delles, uma grande parte, antigos donos de engenhos de assucar. Java exporta mais assucar do que o Brasil.

Porque não vemos igual resultado no Brasil? Estive por vezes com um abastado proprietario, com quem muito conversei, e fizera fortuna montando en-

genhos centraes de assucar em Java, e afinal dirigindo um. Elle suppunha que grandes fortunas se formavam do mesmo modo no Brasil. Conhecia menos a lavoura de café, que se faz em outros logares da ilha, nos terrenos elevados. O café, em geral, é de melhor qualidade do que o nosso; obtem na Europa preços mais elevados; o grão é mais regular, muito maior, de bella côr; mas, pelo que me disse o meu informante e por um trecho de uma recente obra em hollandez, que comprei mesmo assim, e elle me traduziu nessa parte, a producção é inferior á do Brasil em vantagens naturaes. Basta saber que procura-se alli abrigar o cafezeiro debaixo de outras arvores, como se pratica em serra abaixo no Rio de Janeiro, para protegê-lo contra o calor. E' um recurso indispensavel em certas zonas, mas a producção torna-se insignificante.

Fizemos notar quaes eram as principaes difficuldades que o solo da Hollanda oppunha á viação ferrea. Na primeira estrada que seguimos, proximo á cidade de Kùlemborg, atravessámos um dos braços do Rheno, o Lek, sobre uma ponte de um só arco com cento e cincoenta metros de abertura. Não vi outra tão arrojada. De Rotterdam para Antuerpia passámos por uma de quatorze arcos, cada um de cem metros; atravessa um braço de mar em Moerdyk e acha-se a 4^m,87 sobre o nivel mais elevado das marés. N'uma

noticia sobre a Hollanda li um preço excessivo attribuido a esta obra gigantesca ; o meu companheiro de viagem, porém, que se apresentou no concurso aberto para a construcção, me assegurou que foi o seu custo de oito milhões e meio de francos, 3.400:000\$ contos.

Em Rotterdam parámos sómente para observar as duas pontes sobre o Mosa ; uma da estrada de ferro e outra para uso exclusivo da cidade, para carros e passageiros. A da estrada de ferro tem um kilometro de extensão e descansa sobre dez pilares formando vãos de cem metros. Em um dos pilares gyram dous vãos unidos para dar passagem aos grandes navios que frequentam o porto. Toda a cidade é atravessada no centro pela estrada de ferro sobre extenso viaducto que se prolonga na altura da ponte, e como que fórma sua continuação repousando em fortes columnas de ferro e arcaria ; por baixo se faz o movimento da cidade.

A ponte da estrada de ferro foi construida pelo estado, a da cidade, collocada ao lado, pela camara municipal. Uma só, convenientemente alargada, bastaria para os dous effeitos. Na verdade, o estado entrou em negociação com a camara, mas, não tendo chegado a accôrdo, cada um fez uma ponte á sua custa. Foi, certamente, um mal, pois despendeu-se mais do necessario. Ainda neste facto, porém, se manifesta a

autonomia das camaras municipaes hollandezas, sua independencia e energia. No Brasil, pela mais insignificante observação, os vereadores são logo suspensos e responsabilisados. Qual a camara que póde lembrar-se de oppôr-se aos nossos ministros ou presidentes de provincia? Um termo, que nos é usual, exprime bem a enfatuação dos nossos governantes:— são uns *pimpões*, não admittem que se recalcite.

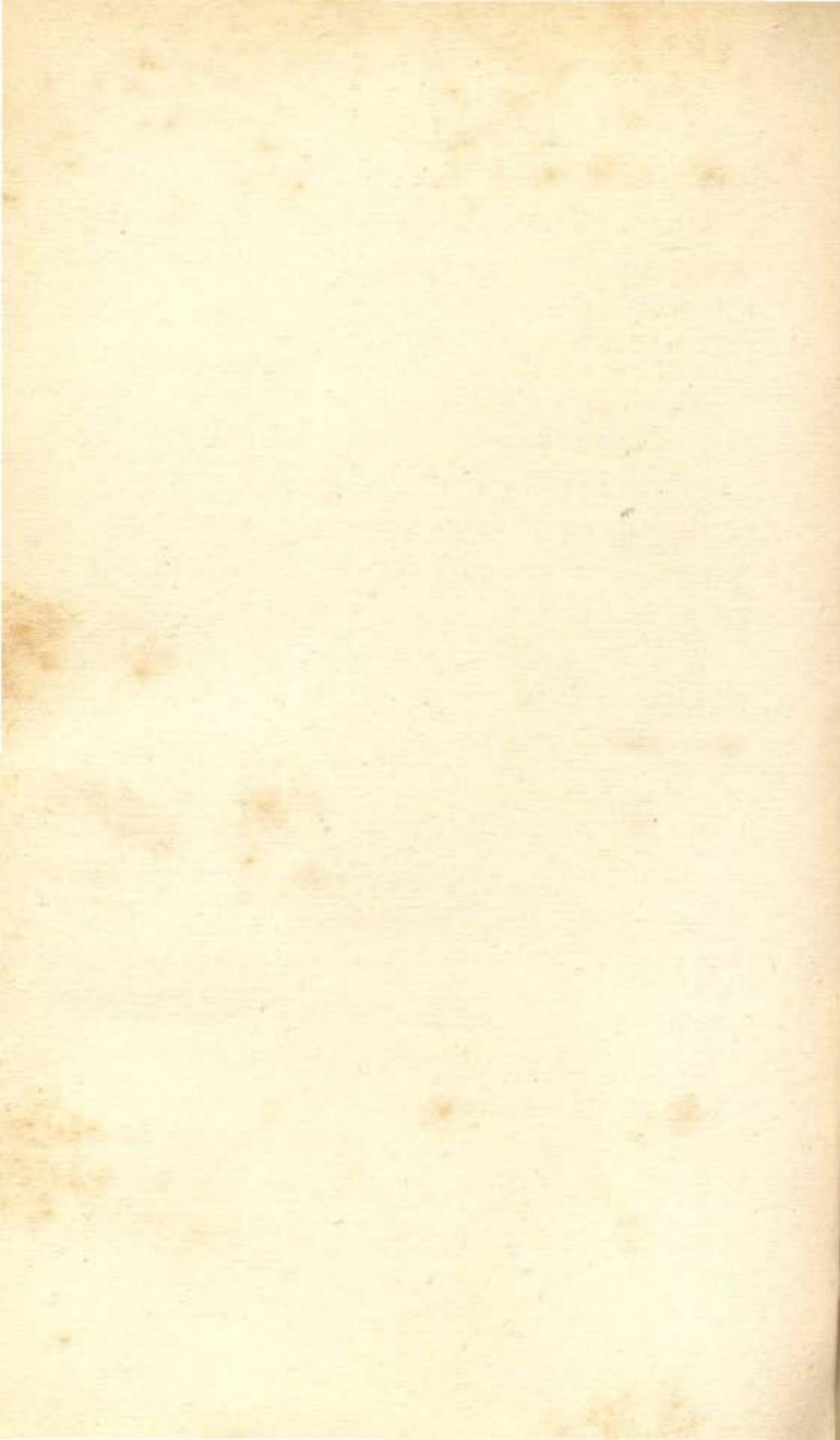
Além das difficuldades naturaes, outro facto se oppunha a que os capitaes particulares tentassem a construcção de estradas de ferro na Hollanda: o paiz é admiravelmente dotado de um systema completo de viação fluvial e de canaes. O estado, pois, tomou a si a construcção de todas as linhas; uma vez construidas são arrendadas a emprezas e companhias particulares, que as custeiam debaixo de certas regras estabelecidas no acto das concessões. O leito das estradas é construido pelo estado, como dissemos, bem como as obras de arte; mas a superstructura e o trem rodante é fornecido pelas companhias que dirigem o trafego.

Não se andou alli enthusiasmado pelas bonitas theses da iniciativa particular, do *laissez faire*, de que nas nossas discussões tanto se preoccupam certos espiritos, que, apanhando uma idéa, pensam applical-a em todos os logares e em todas as épocas. A iniciativa individual só se realiza onde a remu

neração dos capitaes é prompta, clara e evidente. Para se atravessar o Cenis e o S. Gothardo, a França, a Italia, a Suissa e a Allemanha não estiveram á espera da iniciativa particular. Teriam de esperar ! Os Estados-Unidos tambem não a esperaram, e auxiliaram efficazmente a estrada do Pacifico, si a quizeram realizada. Aqui em França, onde se acha dinheiro para abrir o isthmo do Panamá, empreza enorme que o exemplo do canal de Suez anima, o governo está construindo por si pequenos, mas innumerados trechos de estrada de ferro, em regiões onde os particulares não achariam incentivo para os seus capitaes.

Ainda na sessão da nossa camara dos deputados, no anno passado, discorreu-se *brillantissimamente* sobre esta these favorita dos milagres da iniciativa particular. Um deputado, que parece ter grangeado fama repentina, seriamente aconselhou ao governo que mandasse parar todas as obras de estradas de ferro e deixasse que os particulares as fizessem : a sua politica era a da iniciativa particular ; elle não transigia ; onde não fosse possivel, estava claro que nada se deveria fazer.

Eis ahi um homem ás direitas !



XIX

Continuação do mesmo assumpto.—Ainda a iniciativa particular.—Uma estrada de ferro de interesse local.—A estrada de ferro do Oeste em Minas-Geraes.—A União Valenciana ; a estrada de Campos a S. Sebastião.—Trilhos de ferro para o serviço das fazendas.—A fundição e a *ferme* Decauville perto de Paris.—Um grande estabelecimento agrícola no Brabanté, na Belgica.—Gado em estabulos — O que se pratica no Brasil. — Emprego de estrumes liquidos n'uma *farm* proxima de Londres.—Bois no serviço dos arados.—Produção da beterraba —Afolhamento triennal. —Uma fabrica de assucar.—Rendimento da beterraba.—Em que se occupa o Brasil.—Distillação de aguardente.—Milho dos Estados-Unidos, seu custo na Belgica.— Operarios da *ferme*, salarios, habitação, alimento. — Os proprietarios.

PARIS, JUNHO DE 1881.

Mais do que uma simples referencia, a questão que enunciámos no final das ultimas notas exigia certo desenvolvimento. Não podemos, porém, fazê-lo na rapidez destas observações. Diziamos que deixar á iniciativa particular quanto estivesse ao seu alcance emprehender era o melhor procedimento dos governos; mas não deviam elles cruzar os braços quando tinham de executar obras que excedem os intuitos dos particulares, o lucro immediato e certo. Só os governos

podem ter em conta os grandes interesses nacionaes de character impessoal. Ha sem duvida uma corrente de opiniões scientificas que deseja ampliar a acção do estado além do necessario. Tambem contra esta absorpção do individuo pelo estado devemos protestar.

O spectaculo que offerecem os Estados-Unidos e as grandes nações européas, onde as industrias se transformam radicalmente, passando tudo a ser objecto de associações anonymas enormes, que substituem o individuo e as mesmas companhias modestas, é um incentivo para o maior alargamento da acção do estado, confiando-se-lhe muito dos serviços até hoje a cargo dos particulares. Na Allemanha uma nova theoria de economia politica pretende derribar os axiomas da velha escola orthodoxa sobre a não interferencia do estado nas relações economicas dos individuos.

Para resolver a questão no Brasil não precisariamos subir tão alto ; o nosso caso é muito simples. Não se crêa iniciativa individual onde não existe o estimulo do interesse particular. Sem querer sahir do ponto em que nos achavamos,—as estradas de ferro, apontemos alguns exemplos nossos: as estradas do Ceará, da Bahia, de S. Francisco, do Rio Grande do Sul, etc. Não discutamos si todas são razoaveis ; devemos consideral-as como taes. Os particulares que

buscam premio para os seus capitaes não iriam fazer as estradas do Ceará, afim de premunirem aquella provincia contra as eventualidades da fome nas épocas de sêcca ; não construiriam a da Bahia para levar a vida e a civilisação ás populações do S. Francisco, ou as do Rio-Grande para collocal-o em condições não inferiores ás dos estados fronteiros na contingencia de um conflicto internacional. O mesmo poderemos dizer desses projectos de estradas de ferro para Mato-Grosso, ou da união da rêde em construcção no Rio-Grande do Sul com a capital do Imperio, prolongando-se as estradas de S. Paulo por Sorocaba a encontrar as que se fazem no Paraná, e dahi ao Rio-Grande pelo planalto mais favoravel que temos quanto ao clima para a colonisação européa.

No Brasil, onde o governo não pôde deixar de ser mais illustrado e adiantado do que em geral a nação, os seus deveres são mais complexos e maiores os seus encargos. Incumbe-lhe missão civilisadora, a que elle não pôde esquivar-se.

Deixando de lado estes assumptos de character geral, não devo, entretanto, encerrar esta divagação sobre vias ferreas sem occupar-me da mais pequena estrada de ferro que vi na Belgica. E' uma estrada de propriedade particular, com dez kilometros de extensão, que se entronca na estrada geral, na estação de Tavers e vai a Embresin. Foi construida especial-

mente para servir a uma *sucrerie*, fabrica de assucar, mas faz hoje o serviço regular para o publico. A bitola da estrada é de 0,^m75, os trilhos pesam dezeseite kilogammas por metro corrente, os wagões de carga têm o peso de dous mil e setecentos kilogrammas e transportam outro tanto. A estrada é feita com grande simplicidade; tem uma obra de arte bastante importante para as suas condições; um viaducto todo de ferro, mas tão bem construido quão simples. Os carros de passageiros são commodos e bonitos.

As nossas pequenas estradas de ferro não adoptaram bitola tão exigua. Só ultimamente a do Oeste, em Minas, da estação do Sitio, na estrada de ferro D. Pedro II a S. João d'El-rei, adoptou a bitola de 0^m,76. Entretanto, é estrada de extensão já consideravel, e com toda a probabilidade de ser prolongada pelo valle do rio das Mortes e do Rio Grande, por uma zona de melhor clima que possui o Brasil. Para extensão de cem kilometros, e com provavel prolongamento, não parece ter sido acertada essa bitola. Não obstante, a companhia que construiu a estrada procedeu de accôrdo com as condições em que se achava. Nos primeiros annos o trafego da estrada deve ser pequeno. E' de esperar que a facilidade de transporte venha a crear algumas industrias e culturas nesses logares; no presente, porém, deve-se contar com pouco. Para essa extensão de estrada a compa-

nhia dispunha da subvenção da provincia de Minas de 9:000\$ por kilometro, e apenas de um capital social de 1.200:000\$. Ou a estrada ter-se-hia de construir com a minima despeza, ou não se faria. Em tal caso bem procedeu a empreza; antes uma estrada de 0^m,76, por ora sufficiente, do que nenhuma por muitos annos. Este exemplo é mesmo digno de ser estudado.

O que me pareceu merecer attenção na estrada belga, de que me occupo, é o modo de fazer o serviço das *fermes* (fazendas) ao longo da linha. As nossas pequenas estradas de ferro, como, por exemplo, a de Valença e a de Campos a S. Sebastião, não têm conseguido attrahir o trafego das fazendas proximas. Uma vez carregado o carro da fazenda, a carga com ligeira despeza vai ao ponto terminal, sem necessidade de entregar-a na estação proxima da pequena estrada, cujo frete não póde deixar de ser elevado. Não encontrando meio de vencer esta difficuldade, a estrada de Valença procura salvar-se prolongando a linha para logares, onde a extensão e as más estradas de rodagem tornem a luta impossivel ás carroças e carros de bois.

A estrada belga tem um desvio para todas as fazendas proximas, de modo que os pequenos wagões vão buscar os generos nas proprias tulhas e armazens. Ou á custa das emprezas, ou dos fazendeiros, as nos-

sas pequenas companhias poderiam chegar a accôrdo util a todos.

Não desconheço que no Brasil os fazendeiros são amigos da rotina e que muitos, possuindo bois e carros, não admittem fazer despeza que podem evitar. Tenho sempre na lembrança uma sentença que ouvi, ha muitos annos, ao lavrador que no Rio de Janeiro fez a mais consideravel fortuna na lavoura. Dizia-me elle que fiava nas fazendas a roupa do consumo.— Mas se empregasse em cultivar café, ou outros generos, o pessoal que emprega em fiar e tecer, e com o producto comprasse a roupa necessaria, não obteria melhor resultado?—Meu amigo, respondeu o meu millionario, o segredo para ajuntar fortuna não está em ganhar, mas em não gastar.

O certo é que o resultado confirmava a sua singular theoria.

Na Belgica não ha, porém, quem assim pense, nem preciso dizer ao leitor. N'uma *ferme* que visitei havia uma pequena estrada de ferro de vinte kilometros para uso exclusivo do serviço agricola. Esta é a regra em toda a parte na Europa. A pequena via-ferrea tinha 0^m,60 de largura, os trilhos pesavam oito kilogrammas por metro corrente e era servida por locomotivas.

Vale a pena dar uma rapida descripção da *ferme* onde se acha estrada de que fallo. Ha como viação

economica para o serviço agricola estradas com bitola ainda mais reduzida. Aqui mesmo, não longe de Paris, alguns lavradores brasileiros terão visto em Petit-Bourg o estabelecimento do Sr. Decauville, onde se fabricam trilhos e muitas qualidades de wagões para o serviço da agricultura. Junto do estabelecimento metallurgico ha uma *ferme*, dirigida pelo mesmo Sr. Decauville, na qual uma via-ferrea de 0^m,50 faz o serviço com locomotivas. Nas officinas existem alguns typos de wagões para passageiros, accommodados a esta bitola tão estreita e até para 0^m,40. Os wagões não têm a disposição dos *bonds* fechados da cidade do Rio de Janeiro, o que foi adoptado para todas as nossas estradas de ferro de bitola estreita, com excepção, unica, creio eu, da do Paraná, mas são do systema europeu de compartimentos.

Alguns fazendeiros, bem poucos, já se sabe, têm introduzido no Brasil o systema Decauville, de trilhos portateis e de assentamento instantaneo. O defeito principal é ser caro; em geral vale mais a pena assentar trilhos permanentes e só empregar os wago-netes Decauville.

A cultura que este senhor dirige merece ser visitada; mas a da Belgica a que me referia é sem comparação mais completa para que percamos tempo com essa outra.

Está situada no Brabante, em terras de superior qualidade ; contém oitocentos e cinquenta hectares, todos applicados á cultura, com excepção unica de um jardim e pequeno parque ao redor da habitação principal. Seus donos, dous irmãos, que herdaram as terras e nellas habitam, dirigem pessoalmente os trabalhos; um se applica mais ás machinas e officinas, o outro á cultura. Para facilidade de serviço ha cinco *fermes* dentro da propriedade, sob a mesma direcção ; deste modo o gado dos arados, o pessoal, os utensilios, estão sempre proximos do trabalho, e tambem os paioes e tulhas para abrigar as colheitas. A extensão da propriedade é menor do que a das nossas fazendas regulares de uma sesmaria, pois não chega a conter duzentos alqueires. Está, porém, toda ella submettida a uma cultura intensiva das mais aperfeiçoadas, e produz em quantidades de productos recolhidos aos armazens o que nenhuma fazenda do Brasil em proporções muito maiores poderia produzir. Basta reflectir que unicamente para obter estrumes, além dos estrumes chimicos que se fabricam alli mesmo, dos que se compram em notavel quantidade, existem de mil e duzentas a mil e trezentas cabeças de gado, todo em estabulação, afóra o gado destinado ao serviço em numero bastante avultado.

O gado, sem contar o do serviço de que acabamos de fallar, é destinado á producção de estrumes: não

ha criação nem se cuida de lacticínios; o gado compra-se magro, e todas as semanas entram cerca de cincoentas cabeças e vendem-se outras tantas no mercado de Bruxellas.

A rez magra se compra á razão de 60 c. por kilogramma, ou cerca de 400 francos por cabeça; vende-se por 600 a 650 francos. Em toda a Europa não se compra e vende gado a olhe, como no Brasil, por pouco mais ou menos, mas a peso certo.

As rezes demoram cerca de cem dias nos estabulos. Feita a conta do custo, alimentação, trato e o preço da venda, ha quasi sempre prejuizo; raras vezes lucro. Os agricultores julgam-se satisfeitos quando na engorda do gado não têm nem lucro nem perda, ficando-lhes, bem entendido, como lucro o estrume. E' para obtê-lo que se tem gado; o gado constitue o accessorio indispensavel de toda a cultura; representa o principal agente da produção—o estrume. Faça cada um idéa das casas necessarias, do pessoal, do trabalho que devem dar mil e duzentas a mil e trezentas cabeças de gado, cujo unico fim é produzir estrume! Sendo este o intuito para que se tem gado, é evidente que não póde haver prados em que paste livremente. Na Europa, em regra, todo o gado se cria permanentemente em estabulos; a pastagem livre é quasi sempre excepção.

Como tudo isto nos põe a milhares de leguas da

cultura do Brasil! O nosso lavrador se reputa feliz quando perto dos curraes passa algum corrego, para onde seja facil varrer sem trabalho o estrume; quando perto do engenho ha alguma corrente d'agua que o desembarace da polpa e casca do café, da serragem das madeiras, etc.

Não ha fertilidade de terras, não ha matas virgens que desculpem similhante barbaridade; uma cultura por caboclos não seria menos previdente.

Fallámos dos curraes das nossas fazendas: são apenas o cercado tosco e sem coberta, onde o boi, inchado de herva verde, comida á beira dos correjos, passa a noite atolado na lama até os joelhos, sem logar enxuto onde deitar-se. Tal qual no principio deste seculo Leonardo Wray descreve o gado nas colonias das Antilhas.

Em toda a cultura aqui os estrumes liquidos são convenientemente recolhidos e utilizados. Vi na Inglaterra, perto de Londres, uma *farm*, considerada modelo, em que os estrumes liquidos eram reunidos em uma especie de cisterna, e dahi distribuidos por todas as terras por meio de uma extensa canalisação subterranea. Bombas a vapor impelliam os liquidos nos canos.

Não tive dados para poder averiguar si este systema aperfeiçoado, mas de carissima installação, era util no ponto de vista economico, si a vantagem dessa

distribuição era compensada pela despeza. Na cultura da Belgica de que me occupo a distribuição dos estrumes liquidos se realiza immediatamente.

A lavra se faz com bois, o que certamente não é aperfeiçoado ; antes porêm nunca tinha visto bois andarem tão lesta e rapidamente. As raças destinadas ao serviço são especiaes. Notei a singularidade de serem os bois governados por freio, analogo ao dos cavallos, e guias dirigidas por traz, sem haver dianteiros ou candieiros, como se diz no Brasil. O certo é que os bois andavam rapidamente, voltavam com summa facilidade, e, embora não parecessem contentes com o trambolho dos freios, iam fazendo bem o seu serviço.

E' commum na Europa usarem os bois de arreios um pouco semelhantes aos do cavallo, e, em vez da canga, jaezes quasi iguaes aos dos cavallos de tiro. Quando se emprega a canga é differente da do Brasil: descansa sobre o pescoço, mas ata-se aos cornos de modo que a força para puxar é feita pela frente do animal, onde um chumaço de couro sustenta as corrêas que se prendem á canga.

A lavra que se fazia era mui profunda ; a qualidade das terras excellente, e, sendo destinada a que estava em trabalho á plantação de beterraba, devia o terreno ser bastante e profundamente revolvido, Assim, trabalhavão ao mesmo tempo o arado, que

revolvia o solo e virava as leivas de terra, e no mesmo sulco, em acto successivo, passava um escarificador (*), que rasgava o solo mais fundo, afofando-o para tornar apropriado ao desenvolvimento da beterraba.

Estrumes tanto de curraes, como chimicos, eram empregados em doses sufficientes, e o proprietario nos disse que chegava a colher sessenta mil kilogrammas de beterraba por hectar. A média entre os bons e máos annos elle avaliava em cincoenta mil, o que pareceria muito a quem não visse como eram as terras preparadas. Os pequenos lavradores das vizinhanças obtinham trinta, trinta e cinco, e no maximo quarenta mil.

Como em toda a Belgica, empregava-se alli o afohamento triennial. No primeiro anno, quando as terras estão bem revolvidas, frouxas e fortemente estrumadas, planta-se beterraba; no segundo, o trigo; no terceiro, herva para o gado e pequenas culturas.

(*) Empleo estes neologismos que a linguagem dos escriptores agricolas vai adoptando. Tenho tambem empregado outros referentes a outras industrias, pela mesma razão — o uso — isto é, a necessidade da clareza e da uniformidade de expressões.

Aproveito a oportunidade para prevenir ao leitor que não segui na orthographia, como terá observado, systema algum. Deixei aos revisores proceder como entendessem, seguindo mais ou menos o costume. Em outra publicação, feita ha tempo, eu havia rigorosamente respeitado a etymologia.

Ha na propriedade um engenho de fabricar assucar e uma distillação de aguardente. Quando alli estive, a fabricaço de assucar tocava a seu termo; apenas se aproveitavam os ultimos meis, empregando-se para isto reagentes chimicos com o fim de utilizar o quinto jacto.

No engenho central que visitei em Meaux, e do qual dei uma noticia, não segue-se o mesmo systema. Depois do segundo jacto os meis são vendidos ás distillações de aguardente. Nesta fabrica da Belgica o assucar do quinto jacto era ainda abundante e bom, o que se devia ao emprego de reagentes chimicos que separavam completamente do assucar os saes inuteis da beterraba, os quaes se convertiam em estrumes, sendo imprestaveis para qualquer outro fim. No anno em que estavamos a beterraba tinha sido de má qualidade, como aconteceu tambem em França, do que já me occupei na occasião referida; marcou, apenas, na média 4,2 %.—Beaumé.

O Sr. Dumont, proprietario da *ferme* de que trato nos disse que o rendimento em assucar havia sido de quasi 7 %! Os nossos engenhos centraes no Brasil, com cannas marcando seis, sete e oito grãos, não chegam a produzir 7 % de assucar! Na Austria o rendimento é muito superior, e tambem alli a cultura e a fabricaço estão muito adiantadas. Conseguem 10 % de assucar e assegura-se que chegam quasi até 12 %!

A beterraba que empregam é muito mais assucarada, e as fabricas extrahem quasi todo o assucar, deixando quantidade apenas apreciavel.

Tendo-se acabado o serviço de *cevar* a beterraba, a *râperie* (cevadeira) estava em obras para completa transformação. Os Srs. Dumont iam substituir o systema de *cevar* e espremer a beterraba pelo systema da diffusão, hoje discutido, ensaiado, e já empregado em muitos logares da Europa. Assim, enquanto aqui em toda a parte os progressos são continuos, incessantes, e os resultados sorprendentes, nós cultivamos canna á enchada, moemos em pessimos engenhos, que deixam a maior parte do caldo no bagaço, concentramos os xaropes emapparelhos primitivos, que exigem quantidades enormes de combustivel, não conhecemos o emprego dos estrumes, e assistimos com enthusiasmo a toda essa discussão que ahi se tem levantado sobre o trabalho agricola, mandamos vir chins, e dormimos na certeza de que possuímos o melhor e mais fertil territorio do mundo! (*)

Os Srs. Dumont não distillam o residuo da fabricação do assucar; não conheço, nas que vi, nenhuma *sucrerie* que tenha ao mesmo tempo distillação para aguardente. Nesta fabrica o facto é mais notavel, pois

(*) Quando escrevi estas linhas chegava á Europa a noticia da grande agitação produzida pela questão da abolição, unico assumpto que em relação á agricultura se discute.

ha ao lado uma grande distillação de aguardente, extrahida do milho. Esta de que usa o povo não é melhor nem peor do que a nossa do Brasil, quando clarificada e expurgada do máo cheiro com que vem de alguns engenhos desleixados. Na fabrica dos Srs. Dumont preparam-se cerca de dez mil litros diarios, que se vendem mais ou menos a um franco o litro. O milho provém dos Estados-Unidos, e compra-se á razão de quinze e dezeseis francos por cem kilogrammas. Nós não produzimos por este preço !

Os residuos da distillação são aproveitados para alimento do gado, sob a fôrma liquida, mas sem alcool algum; simplesmente o residuo do milho. O que não serve nem para isto é utilizado como estrume.

Todos os trabalhos da *ferme* exigem quatrocentos e cincoenta operarios diariamente. No tempo das colheitas o numero é augmentado. Os trabalhadores da fabrica de assucar e da distillação vencem o jornal diario de dous francos e cincoenta centimos (1\$), os de cultura vencem um franco e oitenta centimos, as mulheres um franco, e as crianças de cincoenta a sessenta centimos. A' excepção dos operarios, cuja presença permanente é necessaria, todos habitam fóra do estabelecimento, em suas casas : vão á noite e voltam de manhã. Todos se alimentam á sua custa ; trazem a comida, ou a recebem durante o dia, o que importa grande perda de tempo.

Dissemos que esta propriedade pertencia a dous irmãos, que nella residem e a dirigem pessoalmente, os Srs. Dumont. Um havia partido para a Austria, afim de ver os ultimos trabalhos de fabricação de assucar, que alli se prolongam mais do que na Belgica e na França. O que se achava presente nos recebeu com o maior cavalherismo, e a sua amabilidade em nos mostrar tudo e dar-nos explicações foi sem limites. Parecia-me tratar com um dos nossos bons e activos fazendeiros, que por si mesmo dirigem todos os trabalhos e tudo conhecem. A franqueza, a lhaneza do trato eram as mesmas. Percorremos grande parte das terras, os edificios, todas as obras e machinas, e finalmente fomos recebidos na casa de morada, uma confortavel casa de campo, pela senhora do Sr. Dumont, que nos fez a honra da hospedagem com a maior gentileza.

Liberdade de industria e o proteccionismo. — Como a França protege a sua industria. — *Drawbaks*. — O imposto de consumo em França; isenção de todo e qualquer tributo sobre a exportação. — Systema absolutamente diverso no Brasil. — Gand; fabricas de fiação, e tecidos de algodão e de linho. — Superioridade da Inglaterra nessa industria. — O Brasil. — A fundição Cockerill em Seraing. — Breve descripção. — Liège. — O minerio de ferro de Hespanha. — Fabricação do aço Bessemer. — Os laminadores. — Uma recordação da mythologiá grega,

PARIS, JULHO DE 1881.

Uma excursão pelos centros fabris da Europa não pôde deixar de despertar as debatidas e nunca resolvidas contendidas entre as escolas da liberdade e da protecção da industria. Estas controversias, que na primeira metade deste seculo pareciam vencidas, em theoria ao menos, pela velha escola economica do *laisser faire*, têm sido nestes ultimos tempos de novo suscitadas com ardor analogo ao que então empregou aquella escola em refutar os erros do seu tempo.

Como sciencia social, a economia politica não pôde pretender tanto rigorismo de fórmulas e de applicação. Os mesmos escriptores inglezes, os economistas os mais aferrados ás antigas doutrinas, inquirem hoje si é ou não razoavel e necessario que,

sendo differente do da Europa o espectáculo que observam os norte-americanos na criação, formação e distribuição das riquezas, não lhes devam occorrer outros principios, ou que, pelo menos, outras deducções devam elles derivar dos principios economicos em relação ao seu extraordinario e singular paiz.

Isto tende a nada menos do que a reconhecer que a economia politica, não póde deixar de ter em conta, na applicação dos seus principios, o estado da sociedade e as condições do seu desenvolvimento historico, e não impôr a inflexibilidade e a execução mathematica de principios absolutos.

Dos meus companheiros de passeio, de quem fallei, o nosso patricio é um dos mais decididos e extremados partidarios do systema proteccionista. Não referirei as suas observações, embora interessantes, o que me levaria mui longe, mas não deixarei de assignalar alguns factos, apezar da concisão com que devo tratar este assumpto.

O leitor facilmente comprehende que não poderiamos siquer dar uma idéa da industria belga, uma das mais importantes do mundo civilisado, e apenas tencionamos tocar ligeiramente em alguns pontos, que por qualquer modo possam interessar a nós do Brasil.

Já tive occasião de fallar da industria metallurgica da Belgica e de observar que a França, para não ver

a sua industria similar esmagada pela concurrencia belga e ingleza, estabeleceu direitos protectores de modo a conservar para si o seu importante mercado interior.

Perguntar-me-hão, porém, como consegue exportar machinismos mesmo para o nosso paiz ? Esta questão constitue um dos pontos curiosos do systema francez.

Na França a protecção á industria não consiste simplesmente em direitos aduaneiros, difficultando a entrada de productos estrangeiros, mas n'um systema complexo de medidas tendentes a proteger e desenvolver a industria nacional.

Na entrada do ferro mais ou menos preparado, ou como materia prima, pois tambem se quer proteger a industria mineira, pagam-se pesados tributos. As fabricas, porém, têm conta aberta nas repartições fiscaes, e á medida que exportam objectos de ferro recebem os direitos que pagaram, ou fazem applicar as sommas já entregues a novas mercadorias, de modo que com o mesmo capital fazem varias operações. Si a materia prima, ferro bruto, ou já em começo de trabalho, é empregada em França, os direitos ficam pagos ; si é re-exportada, o estado os restitue. E' este o regimen chamado dos *drawbacks*.

Mas não fica nisto. As estradas de ferro têm duas tarifas, uma para o transporte das mercadorias consumidas no paiz, e outra para as que se destinam á ex-

portação. Além do estado não receber direito algum sobre esta, é ainda mais baixa do que a primeira.

N'uma fundição perto de Paris, onde estive uma vez, notei a tabella dos preços de exportação inferior ao preço para o paiz. Fiquei admirado que machinismos embarcados no Havre, Bordéos e Marselha, fossem mais baratos do que vendidos ao comprador francez nas portas da fabrica. Este, porém, paga impostos de que o estrangeiro está isento.

Quando tratei da industria assucareira n'umas *notas* que foram publicadas no *Jornal do Commercio* nos primeiros dias de janeiro deste anno, mas fóra desta serie e sob titulo diverso (*), fiz notar a profunda differença entre o nosso e o systema francez, Aqui o assucar é pesadamente tributado no consumo interno; ainda ha pouco pagava 100 % do valor. Para a exportação, porém, não só nada paga, como ainda goza de todas as vantagens de tarifas especiaes de transporte.

No Brasil dá-se justamente o contrario: o consumo interno nada paga, mas o genero é tributado quando sahe do imperio e tem de lutar com os poderosos concurrentes estrangeiros. Não se póde levar mais longe o absurdo.

(*) Formam hoje os capitulos V e VI. Haviam sido publicadas sob o titulo — Agricultura.—

Isto fazemos com o assucar, com o café, com tudo quanto exportamos. Somos o unico povo que assim procede. O governo geral, as provincias, as municipalidades nada acham mais commodo do que tributar a exportação. Ainda ha pouco, e já depois da baixa excessiva e pertinaz que tanto ameaça a lavoura de café, a provincia de Minas, que sempre teve o dom da extravagancia em materia de imposto, elevou os direitos sobre a exportação desse genero (*).

Os legisladores provinciaes mineiros são provavelmente da opinião de um dos ultimos ministros da fazenda, aliás um dos nossos mais afamados estadistas, o visconde do Rio Branco, que sustentava serem taes imposições pagas pelo estrangeiro, consumidor dos nossos generos. Porque então o commercio e a lavoura do norte do Brasil levantava tantos clamores quando ultimamente os Estados-Unidos pretenderam modificar os direitos sobre o assucar? Porque o commercio de café estremece quando alli se elevam os impostos? Si, pois, os direitos lançados nos Estados-Unidos reflectem nos preços do Brasil, como não in-

(*) Durante a ultima sessão da assembléa mineira o mesmo deputado que propoz o augmento do imposto, sendo agora candidato por um districto productor de café, propoz que se voltasse ao tributo antigo. Foi regeitado! Já A. de Saint Hillaire notava no seu tempo a extravagancia dos impostos mineiros.

fluirão os direitos que nós mesmos lançamos dentro do nosso paiz?

Si não fosse o notavel estadista que enunciou este paradoxo, não valeria a pena discutil-o.

Já me referi n'outra occasião á lei recente que estabeleceu em França grandes premios para a navegação, não só protegendo a construcção, como a mesma navegação. Vejo agora que procuram organizar companhias, em cujos prospectos se lê que só o premio promettido pelo estado assegura lucro razoavel, qualquer que seja a carga a transportar e o preço della !

Os portos da França estão abertos a todas as bandeiras : os navios da Inglaterra, Noruega, Hollanda, etc., podem entrar livremente ; mas, como os francezes têm lucro seguro só com o premio do estado, ninguem lhes virá disputar a carga dos seus portos.

Eis ahi como estas grandes nações praticam a liberdade de commercio e de industria, que os seus escriptores apregoam em centenaes de livros e revistas espalhadas pelo mundo inteiro !

Fica, pois, o leitor prevenido de que não só na pratica não aceitamos o rigorismo dos principios da velha escola economica orthodoxa, como estamos ao facto do que prégam e do que fazem as grandes nações fabris.

Isto posto, perguntaremos : porque umas nações

revelam inaptidão para a industria manufactureira, e em outras ella se desenvolve como que espontaneamente? Por que aqui esta industria attinge á mais completa perfeição, alli outra, e no mesmo paiz as industrias se dividem por zonas distinctas?

Depois de já haver percorrido uma boa parte da Belgica, estivemos em Gand, centro da fiação, e fabricação dos tecidos de linho e de algodão. Muitas das machinas que vimos, não só as que servem de motor, mas todos os machinismos em geral, provinham de origem ingleza, embora a Belgica seja paiz de grandes e importantissimas fundições. A população operaria é excellente em todos os sentidos, trabalhadora, perita, socegada; os salarios são razoaveis, o capital abundante; os directores habeis, experimentados; o carvão barato; mas, as fabricas não podem em tudo lutar com as inglezas, e, como não ha direitos protectores bastante elevados, limitam-se a produzir as qualidades de tecidos grossos em que a luta é possível.

Visitámos em Gand duas fabricas de tecidos e fiação: « La Lys, » pertencente a uma sociedade anonyma e dirigida pelo Sr. Vandekerckowe, e a dos Srs. Parmentier & Vanhougaerde. A primeira só trabalha em linho, a segunda em algodão. Aquella emprega dous mil e quatro centos operarios e esta dous mil. A Lys possui duas machinas a vapor de

força total de dous mil e oitocentos cavallos, das quaes uma de dous mil ; a fabrica de algodão posue tres machinas com a força total de dous mil e quinhentos cavallos, sendo uma de mil e duzentos, Corliss vertical, com transmissão por meio de corrêa.

Nada vi mais cuidado, mais bello do que a installação desta machina e da outra de dous mil cavallos da Lys. Todo o luxo dos estabelecimentos estava concentrado ahi. Eram dous salões perfeitamente decorados, de asseio e limpeza irreprehensiveis ; não havia um pingo de azeite sobre o soalho ; todas as ferragens, aço, nickel, brilhavam como prata.

Este cuidado tem o seu lado pratico na duração dos machinismos, e no amor que lhes consagram os seus conservadores.

Para dar aos leitores, que não estão habituados a ver taes machinismos, uma idéa das suas dimensões, lhes direi que a corrêa de transmissão da machina Corliss, aliás menor que a da Lys, tem 1,^m80 de largura, o volante tem 9^m,60 de diametro, e o volante e o eixo pesam cento e vinte tonelladas. Informaram-nos que esta machina consome novecentas grammas de carvão por cavallo vapor em cada hora.

Porque a Belgica não póde concorrer com a Inglaterra em todos os ramos e variedade de fios e tecidos?

Eis ahi um caso que parece dar razão aos proteccionistas. E' necessario crear o operario, crear as varie-

dades que faltam ; os elementos a Belgica possui quasi todos. Isto, porém, tem sua difficuldade. A Belgica pela situação que occupa na industria é um paiz do *free trade*, interessada vivamente na adopção das theorias de liberdade industrial pelo mundo inteiro; seria um erro si se afastasse deste systema, que tanto lhe aproveita. A sua relativa e pequena imperfeição neste ponto é largamente compensada em outros muitos.

Nesta industria de fição e tecidos de algodão a Inglaterra conserva uma superioridade, que por ora nada ameaça diminuir.

Começam-se a estabelecer no Brasil algumas fabricas de fição e tecidos de algodão. Serei justificado em insistir nestas questões, e nada poderei fazer melhor, do que transcrever um trecho da exposição de um fabricante alsaciano, que visitou ultimamente a Inglaterra :

« Nas condições as mais vantajosas para estabelecer uma fabrica de fição ou de tecido em Manchester e nos arredores, cava-se o solo para a collocação da construcção. Com o desaterro fabricam-se os tijolos no proprio lugar. Cavando-se bastante profundo, encontra-se tambem o carvão de pedra. Os terrenos vizinhos produzem o ferro, materia prima das machinas, bem como a cal e o cimento. Ordinariamente os edificios se elevam em massas quadradas ou cu-

bicas, com varios andares. Nenhum luxo nas construcções ; nada superfluo. Tudo é organizado para attingir o maximo do effeito util para o pessoal, os appparelhos e o edificio.

« Em muitos casos a fábrika se liga á estrada de ferro vizinha por um desvio, que lhe permite todos os transportes sobre trilhos. Muitas vezes canaes trazem as provisões de carvão ao pé das caldeiras. »

Depois de mencionar muitas outras vantagens e economias provenientes da proximidade de Liverpool, as do clima, do systema de compra, venda, etc., o autor continúa:

« O mesmo estabelecimento só fabrica alguns artigos, quatro a seis numeros de fios, outras tantas sortes de tecidos em lugar de sessenta a oitenta, e até duzentas ou trezentas variedades de tecidos que fazemos nos estabelecimentos similares da Alsacia!

« Um só director dirige muitas vezes ao mesmo tempo cem mil fusos com mil a dous mil teares, com o auxilio de alguns contra-mestres, e tres a cinco operarios por mil fusos em lugar de seis a doze das fiações do continente. »

Este escriptor, absolutamente competente, verificou que na construcção das ultimas fabricas de fiação em Manchester cada fuso ficava na importancia média de vinte e sete *shellings*, isto é, na metade do que custavam em Mulhause. O pessoal nas fiações inglezas era

um terço menor; finalmente, ha fabricas que recebem o carvão de pedra da melhor qualidade directamente dos canaes pelo preço de seis *shellings*, ou sete francos e cinconenta centimos a tonelada, emquanto na Alsacia carvão inferior custa de vinte a vinte e quatro francos a tonelada.

Em 1875 havia só na Inglaterra propriamente dita duas mil quinhentas e quarenta e duas fabricas de fiar e de tecer algodão, empregando effectivamente quarenta milhões e cincoenta e oito mil fusos, com quatrocentos e trinta e um teares, e quatrocentos e quarenta mil operarios.

Ao lado de todas estas condições favoraveis consideremos, por exemplo, a posição da nossa fabrica de tecidos denominada Brasil Industrial. Para aproveitar a agua como motor, no que se despendeu além do que fôra a principio orçado, tiveram de estabelecer a fabrica n'um ermo, cercada de montanhas, inhabitavel pelo calor. O operario das fabricas não têm os costumes dos camponezes; gosta das cidades, e só ahi se encontram a salario commodo e em quantidade.

A industria de fiação e de tecidos de algodão se justifica no Brasil com o seguinte raciocinio sem se falar dos principios geraes de protecção a toda e qualquer industria: que, produzindo nós a materia prima — o algodão — é absurdo remettê-lo para Europa e

recebel-o depois em obra, sobretudo em tecidos grossos, pesados e de facil fabrico.

Estabelecida a protecção pela elevação dos direitos de alfandegas, já se crearam fabricas que acham mais conta importar o fio e sómente tecer o algodão para entregal-o ao commercio. Para estas fabricas—o fio é materia prima, quando para as outras já é um producto.

Mas se devemos importar o fio, como ahi se pretende, a que fica reduzida a argumentação daquelles que defendem a protecção á industria dos algodões fabricados, porque temos em casa a materia prima ?

Veremos esta mesma questão em outra ordem de productos, e apreciaremos então qual póde ser o papel da protecção sem chegar ao ponto de crear situações artificiaes, intrincadas e de difficil solução.

Na grande industria belga occupa lugar eminente o estabelecimento de Cockerill, em Seraing, perto de Liège ; uma sociedade anonyma que se tornou proprietaria da grande fundição creada em 1817 por John Cockerill, de quem conservou o nome. E' um desses estabelecimentos collossaes, como o de Creuzot em França e de Essen na Prussia, que impressionam a quem os visita.

Não é difficil a visita ao estabelecimento, o que de todo não é a regra aqui na Europa, e a muitos brasileiros já tinhamos ouvido falar desta gigantesca em-

preza. Muitos dos nossos engenheiros a têm visitado ; alguns têm feito alli negocios por conta do governo ; ouvi pelos directores de diversas officinas citarem-se alguns nomes, e ainda se conservava boa lembrança da visita de S. M. o Imperador. Engenheiros brasileiros alli estiveram em aprendizagem ; entre elles o nosso distincto patricio o Sr. José Bulhões, cuja perda prematura ha de ser para sempre lastimada.

Não direi sinão duas palavras sobre este estabelecimento tão universalmente conhecido. Os edificios, officinas, escriptorios, etc., occupam uma superficie de quasi oitenta hectares. Visto de longe, o aspecto daquella reunião de fabricas, aquella floresta de chaminés de todas as alturas e fórmas, os altos fornos, fazem uma impressão profunda. Um grande morro ao lado é todo formado das escorias e residuos das officinas, e cada anno cresce com prodigiosa rapidez.

Cerca de dez mil operarios alli trabalham. As quantidades de minerio que entram, e as que sahem em obras de toda a especie, são verdadeiramente extraordinarias. Aquella actividade nunca pára e as encommendas affluem sem intermittencia.

Todo o carvão consumido nas officinas, e eleva-se a cerca de vinte e dous mil quintaes por dia, é extrahido directamente das minas do proprio estabelecimento e formam o seu sub-solo. O minerio de ferro era a principio fornecido sómente pelas minas dos arre-

dores, e especialmente pelas do Luxemburgo; hoje a maior parte vem da Hespanha, pelo porto de Bilbáo, das minas de Somorrostro.

Quando estivemos no estabelecimento informaram-nos que possuia quatro vapores, empregados exclusivamente no transporte do minerio de ferro, mais outro estava em construcção e já o sexto em projecto. O mesmo minerio da Hespanha emprega a fundição Krupp de Essen. O ferro é de excellente qualidade e a porcentagem do rendimento superior ao das minas da Belgica.

Ao entrar no estabelecimento, no vestibulo do escriptorio, ha duas estatuas representando um ferreiro e um mineiro. São cópias das que ornam o sócco da estatua de John Cockerill, que tem uma em Seraing e outra em Bruxellas. E' a esses ferreiros e mineiros, a essa população de raça wallon, ás suas excellentes qualidades, que Liège deve tão notavel prosperidade, mais talvez do que ás suas condições naturaes. Na verdade, naquelle logar tudo está reunido: o solo é rico, o sub-solo riquissimo, o clima saudavel, a população excellente.

O Mosa, que alli corre entre collinas apraziveis, cobertas de vegetação e de bellas casas de campo, tem essa feição alegre e risonha que caracteriza a paizagem européa. Neste ponto Liège não se parece com

Sheffield de Inglaterra, com a qual, aliás, costumam comparal-a.

Fizemos já notar que o minerio de ferro da melhor qualidade vem hoje da Hespanha. Possui também a Hespanha minas de excellente carvão de pedra, tem uma população robusta e amiga do trabalho, justamente nesses pontos das minas. Porque a industria não se vai alli estabelecer ?

Não observei em parte alguma tão bella apparencia de asseio, arranjo e boa disposição, como nas officinas de Cockerill. Pareceria mesmo levado á exaggeração, si já não constituisse um habito e uma regra do estabelecimento.

Vimos as principaes operações, e, com o guia excepcional que tinhamos, tudo se nos patenteava. A fabricação do aço Bessemer pelo processo directo é tão engenhosa e util, como interessante e curiosa de se ver. Consiste na eliminação das materias estranhas e do carbono contidos no ferro fundido. A fundição corre do forno para grandes vasos, com a capacidade de sete toneladas, manejados por força hydraulica. O vento produzido por uma machina de quinhentos cavallos se introduz no apparelho, e faz lançar fóra um turbilhão de chispas das escorias em fusão. Parece um fogo de artificio gigantesco e deslumbrante. A' medida que o metal se purifica, as chispas cessam, apparece uma côr branca, de um brilho tão vivo

como o de um enorme foco de luz electrica. Por meio desta luz, reproduzida n'um raio espectral, se observa quando a operação tocou o seu termo. O vaso se inclina e o metal liquido é derramado nos moldes, donde sahe em barra para os differentes usos.

Ver essas barras, encandecidas ao ponto mais elevado, serem trabalhadas pelos laminadores, é outra operação interessante.

Fazem-se trilhos de aço de sessenta metros de extensão, os quaes são depois cortados com tal rapidez, que um só laminador póde fazer duas mil toneladas por semana.

O laminador gyrando recebe de um lado a barra de aço aquecida até tornar-se branca, e a lança do outro lado procurando dar-lhe a fôrma do trilho ; passa-se outra vez para o primeiro lado, e deste de novo para o outro, até que a fôrma seja definitiva. Duas turmas de operarios de um lado e outro, cada uma por sua vez e armados de grandes tenazes, seguram a immensa fita de aço encandecido, a recebem e a introduzem no laminador no ponto conveniente para dar a fôrma desejada.

A fita de aço, ductil pelo excessivo calor, sahe rapidamente, e, retorcendo-se como uma serpente fantastica, illumina toda a officina com uma côr especial. A turma de operarios, com as tenazes, a domina,

subjuga e impelle para outro lado em movimentos rapidos, precisos e incessantes.

Comprehende-se que a mythologia grega fizesse dos ferreiros uns cyclopes e do seu chefe um deus. Mas é bem verdade que o Vulcano de Hesiodo e de Homero e os seus cyclopes, fariam triste figura ao lado dos ferreiros e das forjas de Seraing.

XXI

Uma fabrica de papel.—Força motora.—Materia prima.—Produção da fabrica.—Caldeiras de um systema especial e privilegiado.—Pessoal da fabrica.—Escola de meninas.—Alimentação dos operarios.—Os donos do estabelecimento.—Frequencia escolar.—Um apologista da liberdade do commercio.—A industria de papel no Brasil.—Uma grande fabrica de amido.—Custo do arroz para a extracção do amido.—Rendimento.—O polvilho de mandioca e a tapioca.—Porque não se desinvolve esta industria.—Separação da cultura da fabricação.—A mandioca.—Renda da fabrica de Wigmael.—Effeitos das leis proteccionistas de Bismark.—Observação sobre o systema protector com applicação ao Brasil.

PARIS, JULHO DE 1881.

Uma das fabricas que visitei com mais interesse e mais prazer foi a do Sr. Denayer, em Wilbruck. Prepara papel e mais especialmente massa, que, exportada para toda a parte da Europa e da America, outras fabricas convertem em papel. O estabelecimento é servido por um canal e tem uma chave da estrada de ferro com desvio para as officinas. O canal, além de prestar se ao transporte, principalmente da materia prima, fornece a agua necessaria, para a fábrica. Consomem-se por dia dez milhões de litros d'agua,

que é previamente filtrada para não communicar impurezas á massa de papel.

As caldeiras das machinas desenvolvem a força de dous mil e quinhentos cavallos, dos quaes mil são utilizados como força motriz, e o restante empregado para aquecer e coser.

A materia prima é a mais variada possivel. Para corresponder ao espantoso consumo que cada dia augmenta no mundo, a industria tem lançado mão de tudo quanto se póde imaginar para converter em papel. Na verdade, na fábrika de que tratamos, entram os objectos os mais diversos, e tudo transforma-se em excellente massa. Assim, entram trapos, juncos, palha, e toda a especie de madeiras. Esta é utilizada por processo chimico ou simplesmente mecanico; neste emprega-se a melhor madeira, que se reduz a serra-gem, e se converte toda em massa e papel grosseiro. O methodo chimico é mais moroso, mais dispendioso, embora a materia prima possa ser inferior, só aproveita da madeira a melhor parte, produzindo tambem melhor papel.

Afóra o que importa pelo canal, só pela estrada de ferro a fábrika recebe por dia vinte wagões carregados, e expede dez, principalmente de massa de papel, que vai para todo o mundo.

No mesmo estabelecimento ha uma fundição, onde só se fabricam machinas de um systema de caldeiras

aperfeiçoado, garantido por privilegio, e se vendem em escala consideravel. Estas caldeiras são multitubulares. A agua se acha dentro de tubos unidos dous a dous pelas extremidades, e dispostos alternadamente deixando o fogo circular com facilidade entre elles.

Tem sobre o systema multitubular ordinario, na opinião do Sr. Denayer, as seguintes vantagens: 1^a, occupar menor espaço; 2^a, ser inexplosivel; 3^a, offerecer particular facilidade nos concertos, pois basta a substituição dos tubos inutilizados, o que se póde fazer sem auxilio de officiaes; 4^a, produzir uma economia de 25 %/o. Um kilogramma de carvão evapora dez litros d'agua. O ar quente, antes de sahir pela chaminé, aquece a agua que tem de alimentar a caldeira, isto é, que tem de entrar nos tubos.

A fábrica toda occupa cerca de mil operarios. Posue duas escolas para meninos e meninas, que estudam não só gratuitamente, como sem desconto do tempo consagrado ás classes.

A escola de meninas está sob a direcção de Mme. Denayer que pessoalmente della se occupa. O estabelecimento ainda fornece alimentação aos operarios á razão de trinta e cinco centimos, e com este preço tão modico dá sopa, duzentas grammas de carne, um copo de cerveja, pão e batatas á discrição.

O Sr. Denayer e sua senhora são a providencia daquelle logar. E' um desses homens que se insinua

desde as primeiras palavras e com quem sympathisa-se logo. A bondade nelle é natural, sem affectação, corre espontaneamente do coração, tal como é.

O Sr. Denayer nos referiu que no logar não se encontraria um só menino que não frequentasse escola; as escolas liberaes e as catholicas disputam a posse de qualquer alumno com encarniçamento digno da maior conquista.

Wilbruck está situado não longe da costa do mar, em terreno absolutamente plano. Desde muito longe avista-se o bello palacete unido á fábrica, no meio de um parque que se estende sobre uma collina bastante elevada e unica naquellas paragens. E' artificial e toda formada das escorias e residuos da fábrica. Para evitar a difficuldade do deposito dessas escorias o Sr. Denayer teve de comprar vastos terrenos, e pouco a pouco se achou tambem dirigindo uma importante lavoura, que infelizmente não tivemos tempo de visitar, apezar de ter estado um dia inteiro na fábrica e no palacete, onde Mme. Denayer nos recebeu com o maior obsequio e a mais perfeita cordialidade.

O Sr. Denayer é decidido apologista da liberdade de commercio. Queria que no mundo não houvesse barreiras, que todas as nações fossem irmãs e se considerassem amigas. Dever-se-hia inventar outro systema de imposto e acabar com as alfandegas; elle se encarregaria de fornecer massa de papel ao mundo

inteiro, com a condição de lhe ministrarem materia prima, cuja escassez lamenta, á vista do prodigioso consumo de papel.

O que é certo, porém, é que, embora em suas opiniões possa influir a excepcional posição da sua fábrica, também influem os seus sentimentos naturaes, inclinados todos para o bem.

N'um folheto sobre o Brasil, publicado o anno passado por um belga, vi uma estatística, da qual se conhecia que a Belgica estava em primeiro lugar como exportadora de papel para o Brasil.

Temos excellente materia prima, a mais variada e desaproveitada. Si quizessemos, porém, proteger a industria, as nossas fábricas importariam a massa, que é o mais difficil de obter, e apenas iriam convertê-la em papel, o que é relativamente simples.

Entretanto, essa industria pela abundancia de materia prima desaproveitada deveria prosperar no nosso paiz. Nestes ultimos tempos alguns brasileiros se hão occupado com esta questão, e mesmo o governo tem concedido privilegio para o emprego de certas materias primas. Infelizmente as fábricas fundadas, umas fecharam, outras arrastam vida difficil e precaria.

Lembrei-me também bastante da industria do nosso paiz quando visitei a grande fábrica de amido do Sr. Rémy, em Wygmael, perto de Louvain. Além de

amido, a fábrica se occupa em moer farinha de trigo, o que faz em grande escala, e em preparar arroz. E' este comprado á razão de vinte e dous a vinte e quatro francos por cem kilogrammas, e depois de descascado e brunido, vende-se á razão de trinta francos. Dos residuos desta preparação se faz polvilho, e, como os da fabrica não seriam sufficientes, o Sr. Rémy compra de muitas outras que não se occupam de polvilho.

Segundo me informaram, o arroz produz até 70% de polvilho ; o residuo é convertido em forragem para animaes. A producção da fábrica só em amido attinge a vinte e cinco toneladas por dia ! Tambem exporta para o mundo inteiro. Disse-nos o Sr. Rémy que para toda a Europa, para toda a America, do norte e sul, « menos, acrescentou elle, para o Brasil ; os senhores fazem alli o seu polvilho, e, segundo estou informado, produzem em pequenas quantidades, cada familia fazendo o que é necessario para seu consumo. (*) »

Eisahi um producto brasileiro que os similares estrangeiros ainda não supplantaram ; mesmo exportamos alguma cousa sob a fórmula de tapioca. A tapioca do Brasil é a melhor, e por excepção de regra

(*) Isto não é completamente exacto ; no nosso mercado vende-se amido estrangeiro com a marca Rémy & C^a Felizmente em diminuta quantidade.

um genero que na Europa se vende sempre como do Brasil, ainda quando de fabricação européa ou da India.

Mas, porque não exportamos maiores quantidades não só de tapioca, como de polvilho, e não tomamos o logar do polvilho de arroz? Esta industria encontra no paiz materia prima abundante, excellente e barata; porque não se desenvolve? Está ahi um caso em que a protecção seria inefficaz, isto é, a protecção por meio de direitos de alfandega. Vejo nas cotações commerciaes a farinha do Rio-Grande do Sul vendida no Rio de Janeiro a 2\$ e 2\$400 o sacco: um preço desgraçado! Deveria ser mais conveniente extrahir polvilho, e vendê-lo tal qual ou como tapioca. Mas para isto são necessarias machinas poderosas e que a industria se faça em vasta escala; não é objecto para lavradores, mas para industriaes, que deveriam estabelecer-se nos centros de producção, receber a mandioca, transformal-a em polvilho, e tambem em forragem a parte lenhosa e imprestavel, depois de extrahida a gomma.

A mandioca é uma planta que encerra muitas vantagens, produz em qualquer terreno, mesmo nos de mediocre fertilidade; leva muito tempo na terra sem deteriorar-se consideravelmente; arranca-se e prepara-se em qualquer estação sêcca, podendo-se mesmo, em caso de necessidade, fazel-o em todo o

tempo ; mas então o rendimento é menor. Todos os animaes comem e apreciam a raiz, a rama e a propria maniva. As provincias do Rio Grande do Sul e do Espirito Santo especialmente poderiam entregar-se a esta cultura, mas deixando a pessima farinha que fabricam, sobretudo a primeira destas provincias, e passando a extrahir polvilho.

A grande fábrica de Wygmael de que fallo pertence a uma sociedade, mas o Sr. Rémy possui a quasi totalidade das acções, raras estão em outras mãos. No anno passado o rendimento liquido da fábrica, distribuido aos accionistas, foi de 42 %/. Embora velho, tendo uma unica filha e estando riquissimo, o Sr. Rémy neste momento acha-se montando segunda fábrica em Dusseldorf, na Prussia. O systema commercial e industrial do principe de Bismark o obriga a isso. « A Allemanha, nos disse elle, é um dos meus bons freguezes ; elevaram agora immensamente os direitos sobre o meu polvilho, hão de estabelecer-se fábricas de máos productos ; vou para lá conservar a minha freguezia. » Para montar esta segunda fábrica o Sr. Rémy tem de empregar para cima de dous milhões de francos, e assim parece dar ganho de causa á politica industrial de Bismark.

Dusseldorf é um centro notavel de actividade fabril : alli ja existe o operario, os directores de officinas, agentes, contra-mestres, etc. Isto tudo não se

improvisa de um dia para outro por meio de impostos de alfandega. Precisa tempo, cautela, uma politica financeira previdente, e sobretudo seguida e praticada com perseverança e methodo.

Um dos nossos grandes males é a instabilidade das tarifas de alfandega, e a facilidade com que os ministros, mudando a cada passo, mudam tambem o systema que acham em vigor e passam todos os dias para idéas oppostas. Nada ha mais reprehensivel do que o abuso que as camaras legislativas commettem, confiando aos ministros alterações sem limites nas tarifas das alfandegas. E' assumpto de magna importancia, que o corpo legislativo deveria tratar por si e com a maior circumspecção.

Um dos grandes males do systema protector executado em larga escala, consiste nos situações artificiaes, cheias de perigos e de ameaças, em qualquer alteração futura. Para ser efficaz é indispensavel uma vontade unica e dictatorial, mantida por grande espaço de tempo, com methodo rigido e intelligente, sem jámais discrepar. São condições muito difficeis em qualquer época, e mais nos tempos actuaes de mudanças rapidas nas maiorias parlamentares.

O proteccionismo parte de uma argumentação exacta, que uma nação não deve exclusivamente consagrar-se a produzir numero mui restricto de artigos, de modo a depender em tudo do estrangeiro, e arris-

car a sua fortuna em artigos tão limitados, que o abalo produzido n'um póde ameaçar toda a sociedade. Seria o caso da França si toda a sua fortuna se concentrasse na cultura da vinha. E' o do centro do Brasil, das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, com a cultura exclusiva do café. Já tivemos uma praga que ia quasi extinguindo essa cultura; temos agora uma baixa de preço tão persistente, que nos deve seriamente preoccupar, muito mais grave do que se afigura aos espiritos superficiaes, desattentos á baixa real do genero, encoberta e disfarçada pela grande depressão do cambio.

Não convem a nenhum paiz ser exclusivamente agricola; a população mesmo, com aptidões variadas, deve empregar-se em misteres diversos. O proteccionismo, porém, commette um equivoco quando apresenta como prova da excellencia das suas theorias o que não passa do resultado infallivel das prohibições aduaneiras. De certo, si elevarmos os direitos de importação ao ponto de obstar a entrada e o objecto prohibido fôr indispensavel á sociedade, será sem duvida fabricado dentro do paiz.

Será, porém, util distrahir as forças da sociedade de seu curso natural para obrigar-as a lançar-se n'um caminho artificial, que póde acarretar males consideraveis no momento em que essas leis emanadas da autoridade venham modificar-se?

No Brasil por muitos annos o thesouro publico não poderá encontrar melhor meio de obter impostos do que as alfandegas. O absurdo dos impostos de exportação, que aliás devem ser supprimidos, no que já nestas *notas* insistimos, apresentando os meios de substituil-os, não tem outra origem sinão a difficuldade de obter-se de outras fontes recursos abundantes.

O estado deve, portanto, considerar os impostos de importação como a sua melhor fonte de renda; mas é injustificavel que a isto sómente attenda, sem ter em conta as necessidades das nossas nascentes industrias, daquellas que não podemos dispensar, que acham no paiz elementos de vida e desenvolvimento.

Ha industrias que empregam como materia prima o que já é producto de outra industria; os direitos para proteger uma são origem permanente de queixas para a outra. Por exemplo, a fabricaçã de calçado tem como materia prima os couros preparados; mas a industria da preparaçã de couros, encontrando a materia prima no paiz, que a exporta bruta para a Europa, reclama o direito de desenvolver-se e de pedir protecção. Factos analogos dão-se em quasi todas as industrias.

Em taes casos, si se pretende proteger as industrias nacionaes, é necessario que todos os direitos

não sejam iguaes, o que aliás é a regra das nossas tarifas, estabelecendo impostos iguaes por classes, sem attender a que o objecto tributado constitue ou não materia prima de alguma industria existente. No caso que figuramos, os couros preparados poderiam pagar impostos si os artefactos de couros pagassem n'uma proporção muito mais elevada.

Lembra-nos outro exemplo na impugnação que oppuzeram as deputações das provincias do Rio Grande e de Minas-Geraes contra o imposto sobre o sal, que propunha crear o ultimo ministro da fazenda(*), por ser o sal materia prima da preparação do xarque e do toucinho, productos de cada uma dessas provincias. Si, porém, fossem augmentados os direitos sobre o xarque do Rio da Prata e sobre a banha americana, productos similares que concorrem com aquelles, a argumentação perderia o valor.

Em França o assucar produzido no paiz paga pesadissimo imposto de consumo; mas, o assucar estrangeiro que se importa paga não só esse imposto, como outro de entrada, e assim o genero nacional é sempre protegido.

Eis ahi no que não reflectimos no Brasil, e entendemos que, a proteger qualquer industria, devemos logo isentar de impostos todos os artigos que en-

(*) O Sr. Affonso Celso.

tram em sua composição. Darei outro exemplo relativo á França: as velas para illuminação pagam grande imposto de consumo, embora de produção nacional; mas, as que são importadas pagam não só o imposto de consumo, como o de entrada, e este é tão pesado, que as velas aqui são de pessima qualidade.

Mantida uma tarifa fiscal intelligente, e sobretudo permanente, as industrias que tiverem meios de se desenvolver apparecerão. E' absurdo querer forçar artificialmente a criação de toda e qualquer industria, segundo o capricho dos ministros ou mesmo das camaras, que ora entendem dever favorecer a esta, ora aquella.

Dous pontos devem-se ter como certos: 1º, que os impostos de importação não podem deixar, na situação actual do imperio, de constituir por muitas dezenas de annos a sua principal fonte de renda; 2º, que o peor mal para as industrias consiste na instabilidade das tarifas, e que, adoptado um systema, o mais possivel fóra das situações artificiaes, tal systema deve ser mantido com firmeza e perseverança.



INDICE

I

O fim do outono.—A primavera e os passeios de verão.—O exodo das cidades para o campo.—Incommodo da multidão.—Os « turistas. »—Os hotéis.—O lago dos Quatro Cantões, o Righi e a sua estrada de ferro.—Petropolis; as nossas cidades das montanhas.—As celebridades medicas de Paris.—O uso das aguas mineraes.—As cidades de *villeggiatura* em França.—Abuso dos superlativos; necessidade de andar prevenido com o modo de falar dos francezes.—Uma tarde em Aix.—O lago de Bourget; recordações de Lamartine.—As horas de jantar em França e na Allemanha.—Volta aos habitos dos nossos maiores.

1

II

Thiers e o governo republicano em França.—A prodigiosa prosperidade da França causa principal da aceitação e estabilidade da republica.—Impotencia e incapacidade dos partidos monarchicos divididos.—O partido legitimista.—O conde de Chambord: seu character integro, sua incapacidade para o governo.—Abdicação do partido orleanista: suas tendencias liberaes.—O bonapartismo perante o direito.—Enfraquecimento necessario desse partido pessoal.—Confusão dos beneficios do segundo imperio com a prosperidade natural da França.—A prosperidade actual mais notavel que a do imperio

21

III

Continuação do mesmo assumpto.—O jacobinismo.—A legenda de 89.—Illusão dos francezes.—Complacencias com os herões revolucionarios.—Exageração da influencia da revolução franceza: a nossa educação litteraria formada nos livros francezes.—Situação da França: passagem mais facil para a republica intransigente do que para os partidos monarchicos.—Governo constitucional em acção.—Questão religiosa.—A mesma questão no Brasil.

—A Italia durante a luta contra o poder temporal do papa. — *Modus vivendi* entre o rei e o papa, convivendo na mesma cidade. — Abaixamento do nivel das capacidades no governo e nas camaras francezas. — As circumscripções de um deputado. — França e Brasil ; paralelo. — Necessidade de censo eleitoral elevado para corrigir a corrupção alimentada pela eleição de dous grãos. — Incoherencia dos homens politicos.

31

IV

A industria saccharina em França e no Brasil. — Insignificante papel do Brasil nessa industria. — Extensão dos terrenos apropriados á cultura da canna de assucar no Brasil. — Uma *sucrerie* em Meaux; seu custo e collocação. — Cultivo da beterraba, fabricação do assucar, refinação, distillação; industrias diversas. — A cultura da beterraba; aproveitamento do bagaço. — Custo das beterrabas. — As *râperies* (cevadeiras). — Como se procede com a beterraba para dilaceral-a, e espremel-a. — Trabalho das fabricas. — Salario dos operarios. — Produçção. — Machinismos. — Qualidade do assucar. — A canna, a beterraba e os seus respectivos productos. — Superioridade da canna em tudo, e sua inferioridade como produçção, devida á inferioridade do cultivo e dos apparatus de fabricação. — A safra de 1881 em França. — Os impostos sobre o consumo do assucar em França. — A Europa produzindo assucar bom mais barato do que o Brasil.

45

V

Continuação do assumpto antecedente. — Os impostos de exportação abolidos na Europa e ainda conservados no Brasil. — Sua substituição pelos internos de consumo. — Imposto sobre o assucar em França. — Contraste radical entre o systema francez e o brasileiro. — Opinião do visconde do Rio Branco. — Como é tributado o café. — O que pensa o Sr. Leroy Beaulieu deste nosso imposto. — Modo de compensar o desfalque que ao orçamento do Estado traria a supressão dos impostos de exportação. — Imposto sobre a propriedade escrava. — A lei de 28 de setembro, seu systema, seus principaes inconvenientes. — Quanto paga a agricultura brasileira. — Os engenhos centraes. — Necessidade de outros meios para leval-os a effeito. — Vantagens para a transformação do trabalho . . .

61

VI

- Crença geral na incapacidade dos francezes para o governo parlamentar.—Objecto especial deste capitulo.—As camaras legislativas em Paris.—Disposição interior.—Particular attenção dos francezes á arte de orar.—Condições anti-acusticas da nossa camara dos deputados. — Consequencias para os oradores. — Attenção dos deputados e senadores francezes aos debates.— Deserção do recinto das nossas camaras durante as discussões.—Situação irritante dos partidos em França.—A protelação, recurso predilecto das nossas opposições: porque são quasi impossiveis nas camaras francezas 77

VII

- Continuação do mesmo assumpto.—As galerias. — As assembléas legislativas numerosas; seus inconvenientes. — O Sr. Gambetta, presidente da camara dos deputados.—O presidente da camara dos deputados em Inglaterra e em França. — O Sr. L. Say, presidente do senado. — A prisão de um deputado dentro do recinto das sessões.—Immuniidades e garantias do deputado 87

VIII

- Continuação do assumpto precedente.—Os presidentes das camaras e dos tribunaes judiçiaris em França. — O opportunismo, seu chefe, o Sr. Gambetta. — Modo expedito por que procedem as camaras francezas.—Facilidade em acompanhar as suas discussões; difficuldade entre nós.—Os longos discursos, as theses geraes e abstractas da politica 99

IX

- Continuação do assumpto precedente.—A eloquencia franceza. — Berryer. — Julio Favre. — Thiers. — Julio Simon.— Chesnelong. — Rouher. — Discursos lidos ou decorados.—O duque de Broglie. — A recepção do autor comico Labiche na Academia Franceza.—O Dr. Clémenceau, chefe da extrema esquerda. — Os tribunos. — Discursos ouvidos ou lidos. — O senado francez. — Relação directa entre a superioridade dos eleitores e dos eleitos. — Exemplos da America do Norte e da França actual 109

X

- Um inverno em Paris. — Imitação dos costumes inglezes. — Proceder differente da Inglaterra ; afferro aos costumes e habitos nacionaes. — Impressão de um recémchegado do Brasil em Inglaterra. — A cidade de Londres. — O lago Lommond nas vizinhanças de Glasgow. — Reminiscencias de W. Scott. — Viação publica. — Modelo de linguagem *yankee*. — Um aphorismo de Brillat Savarin. 121

XI

- As estações do Mediterraneo durante o inverno. — As classes operarias e os capitalistas. — Uma excursão na primavera para os novamente chegados do Brasil. — A bahia do Rio de Janeiro e o golfo de Napoles. — Aspecto geral da Europa para quem, vindo do Brasil, a percorre em estrada de ferro. A mineração do ouro e a cultura do café no valle do Parahyba. — Illusão dos brasileiros sobre a fertilidade transitoria dos terrenos virgens. — Agricultura nomade. — Transição da cultura extensiva para a intensiva . . 135

XII

- Viagens em estradas de ferro. — Uma travessia nos Alpes antes do tunnel do Cenis. — A estrada de ferro provisoria do engenheiro Fell. — Singular destino de uma parte do material dessa estrada. — Turim. — As cidades da Europa e as do Brasil. — Extraordinario progresso dos Estados-Unidos. — Invasão dos productos norte-americanos. — Leis protectoras em França. — Importancia commercial de uma cidade americana — Obras publicas nas cidades europeas. — Florença, Paris, Bruxellas. — Uniformidade da edificação em Paris. — O Rio de Janeiro. — Autuerpia. — Um bello exemplo a seguir 149

XIII

- Continuação do mesmo assumpto. — As cidades da Bahia e do Recife. — O Rio de Janeiro. — Um naturalista belga. — A politica da cidade do Rio de Janeiro. — Qual deveria ser o programma dos seus representantes no parlamento. — Maldita febre amarella ! — Sua influencia. — Reputação do Brasil de paiz empestado e inhabitavel. — A obra do homem e a da natureza no Rio de Janeiro. — Organização municipal. 165

XIV

- Encerra-se a digressão sobre as cidades do Brasil.
 — Norte da Italia. — Novara. — Carlos Alberto. — A cultura na Lombardia. — A cidade de Milão. — Propaganda nos jornaes contra a emigração. — A grande e a pequena propriedade. — O sul da Italia. — Um quadro do Brasil com a colonisação chinesa. — A raça africana. — O chim nas fazendas. — Os açorianos, os bascos, os italianos. — Os chins repellidos pelo mundo inteiro. — O futuro das fazendas trabalhadas por *cules*. — Transição do trabalho escravo para o livre por meio do chim. — Erro manifesto dessa opinião 181

XV

- O S. Gothardo. — Os tunneis projectados no Monte Branco e no Simplon. — O tunnel do S. Gothardo. — Alguns dados a respeito. — A descida do lado do norte. — Andermatt e a Ponte do Diabo. — O lago de Como, Bellaggio. — Aspecto geral de uma subida nos Alpes. — O gado ahi e em geral na Europa. — Questões peculiares ao Brasil. 201

XVI

- Os paizes montanhosos. — A destruição das matas e o desaparecimento da terra vegetal nos terrenos ingremes. — Sicilia, Athenas, Capri. — A ilha de Chypre. — Perigos futuros já presentidos no presente. — O valle do Parahyba. — As condições da mulher no mundo economico europeu e norte-americano. — Necessidade de instruir e educar a mulher no Brasil. 215

XVII

- Uma excursão á Belgica. — Condições em que a realizei. — Folheto recente sobre o Brasil. — Obras em execução para estradas de ferro brasileiras. — Digressão politica — A Belgica, territorio, raça, população, lingua. — Admiravel preparação da Belgica para o governo livre. — Monarchia e republica. — Inglaterra, Estados-Unidos, França. — Districtos de um ou de mais de um deputado. — Opinião de Gambetta e a de um liberal belga. — O censo eleitoral na Belgica. — Proporção entre o numero de votantes e a população. — Independencia do eleitor belga. — O operario francez eleitor. — Respeito pelas opiniões alheias 225

XVIII

O senado na Belgica. — Uma discussão na camara. — Artigos politicos na imprensa européa. — Os impostos, a divida e a receita da Belgica. — As estradas de ferro; sua direcção e custeio pelo estado. — Ensaio de todos os systemas no Brasil. — A questão segundo os principios da sciencia social, e segundo a pratica. — A concurrencia terminando pelo monopolio. — Protecção dos interesses geraes. — Como falla a interferencia e fiscalisação dos accionistas nas grandes companhias. — As estradas de ferro de Santos a Jundiahy, da Bahia e de Pernambuco. — A garantia de juro e a subvenção directa. — Systema que adoptou a Hollanda. — Da Suissa á Hollanda. — Contrastes. — Importante papel da Hollanda na scena do mundo. — Java, concorrente de nosso assucar e do café. — Obras consideraveis nas estradas de ferro hollandezas. — Autonomia municipal. — Iniciativa individual.

243

XIX

Continuação do mesmo assumpto. — Ainda a iniciativa particular. — Uma estrada de ferro de interesse local. — A estrada de ferro do Oeste em Minas-Geraes. — A União Valenciana; a estrada de Campos a S. Sebastião. — Trilhos de ferro para o serviço das fazendas — A fundição e a *ferme* Decauville perto de Paris. — Um grande estabelecimento agricola no Brabante, na Belgica. — Gado em estabulos. — O que se pratica no Brasil. — Emprego de estrumes liquidos n'uma *farm* proxima de Londres. — Bois no serviço dos arados. — Produccção da beterraba. — Afolhamento triennal. — Uma fabrica de assucar. — Rendimento da beterraba. — Em que se occupa o Brasil. — Distillação de aguardente. — Milho dos Estados Unidos, seu custo na Belgica. — Operarios da *ferme*, salarios, habitação, alimento. — Os proprietarios.

261

XX

Liberdade de industria e o protecçionismo. — Como a França protege a sua industria. — *Drawbaks*. — O imposto de consumo em França; isenção de todo e qualquer tributo sobre a exportação. — Systema absolutamente diverso no Brasil. — Gand; fabricas de

fiação, e tecidos de algodão e de linho.— Superioridade da Inglaterra nessa industria. — O Brasil. — A fundição Cockerill em Seraing. — Breve descripção.— Liège. — O minerio de ferro de Hespanha.— Fabricação do aço Bessemer. — Os laminadores. — Uma recordação da mythologia grega,

277

XXI

Uma fabrica de papel. — Força motora. — Materia prima.—Produção da fabrica.—Caldeiras de um systema especial e privilegiado.— Pessoal da fabrica. — Escola de meninas. — Alimentação dos operarios. — Os donos do estabelecimento. — Frequencia escolar.— Um apologista da liberdade do commercio. — A industria de papel no Brasil.—Uma grande fabrica de amido. — Custo do arroz para a extracção do amido.— Rendimento. — O polvilho de mandioca e a tapioca. — Porque não se desinvolve esta industria. — Separação da cultura da fabricação.— A mandioca. — Renda da fabrica de Wigmael. — Efeitos das leis proteccionistas de Bismark. — Observação sobre o systema protector com applicação ao Brasil

295